

Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

SECRETARIA DE CULTURA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

**MAPA ETNO-HISTÓRICO
DE
CURT NIMUENDAJU**

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

**MAPA ETNO-HISTÓRICO
DE
CURT NIMUENDAJU**

editado em colaboração com a
Fundação Nacional Pró-Memória

Rio de Janeiro
IBGE
1981

COLABORADORES

DIVISÃO DE ATLAS E APOIO TÉCNICO

Rodolfo Pinto Barbosa

Equipe Cartográfica

Rodolpho Pinto Barbosa (Coordenador)

Lindalva Nogueira Heberle

Célia de Aguiar Arlé

Suelly Tavares Bastos

Enos Fonseca Dória Filho

José Alfredo Casado de Almeida

Alfredo dos Santos Cunha

Equipe Técnica do Setor de Lingüística do Museu Nacional

Charlotte Emmerich (Coordenadora)

Yonne de Freitas Leite

Maria das Graças Dias Pereira (Bolsista do Centro Nacional de Referência Cultural)

Divinila Moreira Breves de Lima

Marta Helena Rosa

Sylvia Helena Taborda Peixoto

IBGE — Diretoria de Administração — Centro de Serviços Gráficos

Av. Brasil, 15.671 — Lucas — Rio de Janeiro — Brasil — CEP 21 241

Livraria — Av. Franklin Roosevelt, 146 — Loja A — Rio de Janeiro — CEP 20 021

ISBN 85-240-0001-5.

IBGE

Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju / Fundação Instituto
Brasileiro de Geografia e Estatística em colaboração com a Fundação
Nacional Pró-Memória . — Rio de Janeiro : IBGE, 1981.
96 p. : mapa.

ISBN 85-240-0001-5.

1. Índios brasileiros. 2. Curt Nimuendaju — Crítica e interpreta-
ção. I. Fundação Nacional Pró-Memória. II. Título.

IBGE. Biblioteca Central
RJ-IBGE/81-39

CDD 572.898
CDU 572.9(81 = 98)



Curt Nimmendajš

M. MEDINA-D.

APRESENTAÇÃO

A publicação, pelo IBGE, do mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju realiza uma antiga aspiração da comunidade de etnólogos brasileiros. Tentativas anteriores, no Brasil e no Exterior, encontraram intransponíveis barreiras. O tempo certo para a publicação resultou de uma conjuntura feliz armada por instituições e pessoas. Deve-se à Fundação Nacional Pró-Memória do SPHAN-MEC, a iniciativa para a publicação do trabalho. A consulta realizada pelo Professor Aloísio de Magalhães, então Coordenador Geral do Centro Nacional de Referência Cultural, encontrou a receptividade e o apoio do IBGE, não só por se tratar de um trabalho de invulgar valor científico-histórico-cultural mas, também, porque se inclui nos objetivos do IBGE de pesquisar e documentar fenômenos sócio-geográficos. Ao editar a obra, após ingentes esforços desenvolvidos pela competente equipe de cartógrafos da Divisão de Atlas — SUEGE/DEGEO — da Diretoria Técnica, o IBGE o faz com a certeza de poder oferecer, aos estudiosos e ao público em geral, um trabalho de perene valor cultural. O mapa foi elaborado com a preocupação de torná-lo acessível aos pesquisadores. As dezenas de tonalidades usadas nos mapas em 1943 e 1944 por Nimuendaju, hoje esmaecida pelo tempo, exigiram dos cartógrafos minucioso trabalho de interpretação. Idêntica pesquisa exaustiva repetiu-se relativamente ao significado exato das linhas que sublinham os nomes indígenas e a vários outros símbolos. Portanto, foram necessárias soluções muito criativas para facilitar a comunicação com o público.

Não se pode esquecer, também, o esforço e a boa vontade de todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a consecução deste mapa. O apoio da Diretoria do Museu Nacional do Rio de Janeiro e de Luís Skarf, Diretor do Museu Goeldi, cedendo os originais para a elaboração desta publicação. Deve-se, ainda, ao professor Castro Faria, a publicação de esclarecido artigo sobre o significado da obra de Curt Nimuendaju e a importância de seu trabalho para a Antropologia Brasileira. As professoras Charlotte Emmerich e Yvonne Leite, do Museu Nacional, também contribuíram com um estudo da grafia dos nomes indígenas. O cartógrafo do IBGE Rodolpho Barbosa, coordenador do projeto, estuda, em artigo de sua especialidade, a cartografia do mapa de Nimuendaju. O significado e as repercussões da publicação do Mapa de Curt são abordados pelo professor George de Cerqueira Leite Zarur. Finalmente, transcreve-se da Revista Brasileira de Geografia, 1º volume de 1951, em Vultos da Geografia do Brasil, o artigo pioneiro do professor Virgílio Corrêa Filho, ex-Secretário Geral do antigo CNG, sobre Curt Nimuendaju.

Deste modo, graças ao interesse das citadas instituições e à dedicação de técnicos e estudiosos envolvidos neste trabalho, a Etnologia Brasileira passa a contar com um novo e imprescindível instrumento de pesquisa.

Jui Mambu

SUMÁRIO

Apresentação	7
— <i>Jessé Montello</i>	
Introdução	11
— <i>Aloísio Magalhães</i>	
Curt Nimuendaju	13
— <i>Virgílio Corrêa Filho</i>	
Curt Nimuendaju	17
— <i>L. de Castro Faria</i>	
A Cartografia do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju	23
— <i>Rodolpho Pinto Barbosa</i>	
A Ortografia dos Nomes Tribais no Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju	29
— <i>Charlotte Emmerich e Yonne Leite</i>	
Significado e efeito da publicação do Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju para a antropologia brasileira	37
— <i>George de Cerqueira Leite Zarur</i>	
Observações	41
— <i>Curt Nimuendaju</i>	
Índice de Tribos	43
— <i>Curt Nimuendaju</i>	
Índice Bibliográfico	69
— <i>Curt Nimuendaju</i>	
Índice de Autores	93
— <i>Curt Nimuendaju</i>	
Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes de Curt Nimuendaju (encarte)	

INTRODUÇÃO

É com marcada satisfação que vejo concretizar-se aqui um dos nossos projetos prioritários, cuja sólida evolução acompanhamos ao longo de quase cinco anos de estímulo e financiamento à pesquisa, medidas a que veio acrescentar-se, no último estágio do trabalho, a co-edição com a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Com efeito, data de 1977 o projeto em que a Fundação Nacional Pró-Memória objetivou localizar, analisar e divulgar o Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju. Sucederam-se várias etapas, nos anos subsequentes, de execução desses objetivos. De início, o trabalho foi realizado através do Centro Nacional de Referência Cultural, hoje absorvido pela Fundação Nacional Pró-Memória.

Através de inúmeras gestões junto às Diretorias do Museu Nacional (UFRJ) e do Museu Goeldi (CNPq), esta Fundação obteve acesso aos originais das duas versões do Mapa existentes no Brasil, que se encontravam depositadas naquelas instituições. Baseados no parecer dos nossos técnicos e no dos mais eminentes cientistas sociais do nosso país, que consideram o Mapa Etno-Histórico de Nimuendaju o maior documento etnográfico brasileiro, é que nos animamos a empreender a sua divulgação.

A fim de que as referências contidas nesse documento fossem vestidas na linguagem cartográfica exigida para uma perfeita leitura contemporânea, tornou-se logo evidente para nós que só a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística possuía condições ótimas para realizar esse trabalho.

Para a sua consecução, foi valiosa a contribuição do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área da lingüística. Formou-se e orientou-se ali um grupo de trabalho especialmente destinado ao estabelecimento definitivo, no âmbito referido, dos originais de Nimuendaju.

Nesta fase, a Fundação Nacional Pró-Memória prosseguia na coordenação da documentação do projeto, concorrendo também com apoio financeiro, sob a forma de bolsa de estudo para a contratação de técnico.

Na etapa final da divulgação do Mapa foi ainda esta Fundação que optou pela ampliação considerável da sua tiragem, por julgá-lo instrumento indispensável não só para estudiosos e alunos de universidades, como para todos aqueles que hoje se empenham em adquirir um maior conhecimento das sociedades indígenas, num momento em que a sobrevivência destas se torna preocupação de crescente importância para a consciência e a memória nacionais.

Aloisio Magalhães
Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória

CURT NIMUENDAJU

† VIRGÍLIO CORRÊA FILHO

O nome inconfundível, com o qual ingressou nos anais científicos, revela, pelo hibridismo da sua formação, a singularidade impressionante do mais profundo conchedor dos aborígenes do Brasil em seu tempo.

A fase européia da existência esbate-se-lhe nas penumbras da floresta da Turíngia, que lhe povoaram a mente de lendas e fábulas, desde a infância.

Natural de Jena, onde surgiu por volta de 1883, não lhe freqüentou a famosa Universidade, que desde o século XVI permitia a formação de sábios em mais de um ramo. Preferia atrair-se à vida aventureira, embora desprovido de conhecimentos universitários, que possuíam os predecessores, cujos relatos de peregrinações por desconhecidas paragens o seduziram.

Freqüentara apenas o curso secundário, consoante declararia despretensiosamente a HERBERT BALDUS: "não gozei de nenhuma espécie de instrução acadêmica".

Seria, pois, um autodidata.

Porventura nenhum programa de trabalho formularia, opostamente a MARTIUS e SPIX, à testa da expedição científica, oficialmente organizada, e à maioria dos continuadores de explorações do território brasileiro, à custa de governos ou de instituições culturais.

Modestamente, acorde com a sua origem, CURT UNKEL, nome de sua personalidade alemã, antes de alcançar a maioridade civil, deixou a terra natal, em busca de aventuras. Cruzaria o Atlântico possivelmente incluído em alguma leva de imigrantes. Ao conhecer São Paulo, porém, decidiu ali estanciar, apartando-se da maioria dos companheiros de travessia, atraídos, por elos raciais, aos núcleos alemães do Rio Grande do Sul. Porque assim obrou, não saberia ao certo. Muito menos para que. Nem há notícia de como

lhe decorreu a vida no biênio de adaptação ao novo ambiente.

Todavia, não tardou em registrar o primeiro feito surpreendente.

"Conheci o guarani, confidenciou em *Lenda da Criação e Juízo Final do Mundo*, em 1905, no oeste de São Paulo e vivi em suas tabas, com poucas interrupções, até 1907, na cidade de Batalha, como um deles".

Não exagerava na declaração verídica. Definiu-se-lhe o destino glorioso, naquela experiência inicial, que lhe permitiu a convivência com os nativos. De tal maneira se lhes afeiçoou, tão sinceras se repetiam as provas de sua amizade leal, que resolveram aplicar-lhe apelido indicativo da transformação pessoal. Como simples criança, ao receber o nome que a individualize, submeteram-no à cerimônia do batismo, presidida pelo pajé.

Ao fim, o hóspede perdera o nome primitivo, CURT UNKEL, substituído pelo de CURT NIMUENDAJU, que significa: "o ser que cria ou faz o seu próprio lar".

E ganhara credenciais prestigiosas, para empreender pesquisas, a que de ordinário se mostram refratários os desconfiados aborígenes.

Ao invés de individualidade estranha aos seus grupos, acolhiam-no como um apreciado amigo de confiança, que francamente comunicava em seus sentimentos e tinha o direito de entrar-lhes no segredo das práticas religiosas.

Não seria somente o interesse de investigação que inspiraria ao filho adotivo das selvas a aceitação de novo título, indicativo da transfiguração de sua personalidade.

Na realidade, quanto mais estudava a psicologia indígena, mais se afeiçoava àquela gente necessitada de assistência e proteção, que não se regia pelos postulados do Código

Penal. E assim conseguiu, pois que se integrara na comunidade cabocla, conhecer-lhe a vida na intimidade atual e pretérita, pela recordação das lendas, mitos e culto dos seus heróis consagrados.

Mais do que pelos índices antropométricos dos indivíduos, empenhava-se em avaliar-lhes as características psíquicas, pela compreensão das aspirações coletivas, as superstições, o comportamento diário e nas ocasiões extraordinárias.

Quando regressou à capital paulista, depois de um mergulho naquelas rudes paragens, tinha em mãos os primeiros apontamentos, reveladores de vocação merecedora de estímulo.

Acolhido pelo Museu do Ipiranga, então dirigido pelo saber de H. von HERING, cujas idéias a respeito da incorporação dos aborígenes aos meios civilizados não lhe agradaram, preferiu alistar-se entre os colaboradores do Serviço de Proteção aos Índios, a partir de 1911. Aplaudiu-lhe os propósitos humanitários, que se harmonizavam com os seus próprios, e decidiu prestar-lhe o mais abnegado concurso. Freqüentou-lhe os postos indígenas, "a principiar pelo de Araribá (dos Caingang) em São Paulo, viajando, estudando, escrevendo, construindo uma obra que abrangia toda a ologênese cultural das tribos que visitou", consoante assinalou NUNES PEREIRA, ao recordar-lhe a vida e os trabalhos perante o Instituto de Etnologia e Socio-
logia do Amazonas.

Peregrinou pela região costeira de São Paulo, por oeste, ao sul de Mato Grosso, pelo sul até o Paraná.

Escrevia sempre. Entretanto, não se tornariam conhecidos, de princípio, os resultados de suas observações, que só em 1914 começaram a divulgar-se em revistas especializadas, especialmente as que se consagravam à Etnologia, em Berlim, Viena, Paris, Stuttgart. Eram, em maioria, vocabulários do linguajar desconhecido, que necessitavam de correções, dos Apococuva, dos Manajé, dos Timbira, dos Parintintin, e dezenas de tribos da Amazônia, para onde transferira o seu nomadismo científico, por volta de 1913.

Elaborava igualmente ensaios de maior extensão, como a *Lenda da Criação e Juízo Final do Mundo*, *The Social Structure of the Remkomekra* (Canela) e vários outros, que

lhe espelhavam o conhecimento cabal dos costumes indígenas.

Redigia-os habitualmente em alemão, como se ainda fora UNKEL, mas os sentimentos, a simpatia transbordante com que se referia aos irmãos adotivos, expressavam à justa a mentalidade adquirida, de NIMUENDAJU. Deixou, a propósito, a confidência: "frequentei, com predileção, a companhia dos velhos e, de modo especial, a dos pajés (médicos) e me fiz instruir durante horas seguidas sobre os mistérios da velha religião. Até hoje eles se mostram orgulhosos do seu aluno".

Viajante inacessível ao cansaço, andou por dilatada extensão do território brasileiro, ora a serviço do Museu Nacional, do Paulista, do Paranaense, ora para os museus estrangeiros, de Gotemburgo, Dresden, Hamburgo, Leipzig, para o Carnegie Institute ou para a Universidade da Califórnia. "São quarenta e três anos de viagens, afirmou NUNES PEREIRA, fazendo escavações, pacificando, coligindo material lingüístico, estudando a cultura material e espiritual de inúmeras tribos, procedendo como topógrafo e cartógrafo que era, a levantamentos das regiões percorridas, ilustrando os próprios trabalhos a bico de pena e registrando melodias indígenas".

Cuidava especialmente de etnologia, versada em dezenas de contribuições, inclusive a última, referente aos Tucunas, "trabalho minucioso, de uma extraordinária densidade de observações de fatos e de conclusões, representando, de modo total, a cultura desse povo", conforme apreciou NUNES PEREIRA, que teve em mãos os originais.

Para aperfeiçoá-lo, sulcou pela terceira vez o Solimões, como antes fizera em rios inúmeros da Amazônia, de São Paulo e vizinhanças, confiante na resistência do seu organismo, que não mais lhe permitiu os triunfos anteriores.

Ao sucumbir, como talvez desejasse, em viagem de estudos, interrompeu a trajetória exemplar, percorrida abnegadamente pelo fervoroso amigo dos silvícolas, que lhes observou com esmero as peculiaridades da cultura material e organização social.

Para melhormente defini-las, houve mister localizá-las com a maior aproximação possível. Daí se originou a longa série de esboços científicos e mapas, que acompanhavam cada reconhecimento por ínviros rincões.

Essas explorações — “um périplo espetacular de cientista ao longo da costa e do interior do Brasil” — afirmou quem lhe conhecia a obra admirável, permitiram que ele, como topógrafo e cartógrafo, enriquecesse as mapotecas da nossa terra com trabalhos de alta valia.

Para mais ampliar a sua colaboração exclusivamente geográfica, organizou “um mapa, de grandes proporções, para o Museu Paraense, a pedido de CARLOS ESTEVÃO, mostrando as localizações remotas, os deslocamentos, as migrações das tribos indígenas em nosso país”, afirmou, ainda, NUNES PEREIRA.

Achava-se, mais do que ninguém, credenciado pelos ensaios anteriormente divulgados, para empreender tamanha obra, que exigia conhecimentos de etnologia, de história, de localização de tribos inclinadas ao nomadismo.

Não obstante, conseguiu ultimá-la e, ainda mais, reduzi-la em cópias, entregues à Inspetoria de Índios do Pará, à Universidade de Colômbia, a pedido de ROBERT Low, que lhe propiciara a publicação, em inglês, de *The Gamela Indians* e outros ensaios.

Cooperou, destarte, NIMUENDAJU para mais exato conhecimento da terra brasileira e das populações marginais, que ainda se encontram agrupadas nas regiões que explorou. Ainda mais lhe avultará a contribuição geográfica, depois que lhe for examinado o espólio científico, em boa hora confiado ao Museu Nacional, onde os estudiosos poderão, mais tarde, examinar-lhe os escritos e mapas referentes ao Brasil.

* Transcrito da RBG jan./mar. 1951.

CURT NIMUENDAJU

L. de Castro Faria

"Quer que lhe mande uma história da minha vida? É simples — nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente até 1913 São Paulo, e depois Belém do Pará, e em todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações, das quais enumerei na lista anexa aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho".

Essa é a autobiografia de Curt Nimuendaju, escrita a pedido de Herbert Baldus, alemão de nascimento como ele, e que já se empenhava nessa época (1939) em reunir o máximo de dados sobre autores e publicações, para compor a sua notável *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, registro quase completo e avaliativo de fontes históricas e de trabalhos produzidos nesse campo específico de saber.

Nessa autobiografia os dados convencionais aparecem reduzidos ao mínimo; não chegam a constituir um *Curriculum Vitae*, tal como H. Baldus, doutor pela Universidade de Berlim e percorrendo uma trajetória acadêmica, talvez esperasse. Mas na afirmativa de que "todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações" estava a indicação do título máximo, que ninguém provavelmente poderia ostentar com riqueza igual, que afirmava o caráter singular da história da sua vida, que garantia a autenticidade absoluta da sua produção.

As atividades de Curt Nimuendaju são adequadamente designadas como de *exploração*. Nas primeiras décadas do século o campo intelectual europeu privilegia as missões científicas de exploração e instituições especializadas — os museus — estavam empenhadas em ampliar os seus volumosos acervos de coleções, provenientes do colonialismo.

Os museus de etnografia, sobretudo, procuravam preencher os espaços ainda vazios, de sorte que os *primitivos* de todos os continentes ficassem devidamente representados nos seus mostruários. Criou-se desse modo um mercado de bens simbólicos, constituído de coleções etnográficas e arqueológicas.

A atividade de Curt Nimuendaju encontrou apoio e estímulo por parte dos agentes do campo intelectual que dirigiam esse processo e de certo modo controlavam esse mercado. A história da sua vida é parte importante desse processo. A sua trajetória se entrecruza com as trajetórias de muitos outros profissionais consagrados, que no campo intelectual europeu ocupavam posições de relevo na classe dominante, dirigiam instituições científicas patrocinadas pelo Estado, manipulavam as políticas nacionais de favorecimento científico.

As trajetórias profissionais de Curt Nimuendaju e de Erland Nordenskiöld, por exemplo, a despeito da imensa distância que os separava em termos de origem familiar, formação, ligações institucionais, linhas de trabalho, estiveram sempre interligadas. As trajetórias profissionais de outro europeu, Paul Rivet, e de um norte-americano de origem austriaca, Robert H. Lowie, compõem com as de Curt Nimuendaju e de Erland Nordenskiöld — numa certa medida também com a de Alfred Métraux — um pequeno feixe bastante ilustrativo desse estado do campo intelectual.

O caso de Erland Nordenskiöld é exemplar. Sua biografia inclui uma genealogia que remonta ao século XV. Em 1751 já os seus ascendentes tinham recebido um título de nobreza. Não só freqüenta uma universidade, como vive desde jovem dentro de um museu, que o seu pai dirigia. Inicia, no en-

tanto, a sua trajetória tal como Curt Nimuendaju — em 1901 faz parte de uma Exposição Sueca Chaco-Cordilheira, que regressa a Estocolmo “com grandes coleções de material zoológico, botânico e etnográfico”. Realiza várias outras expedições e em 1913 já era Superintendente do Departamento de Etnografia do Museu de Gotemburgo, e a esta posição acrescenta a partir de 1924 a de professor de *Etnografia Geral e Comparada* do Museu de Gotemburgo.

Erland Nordenskiöld não apenas coleciona, mas na realidade cria um bom mercado para coleções etnográficas e arqueológicas da América do Sul, do qual participa o Brasil, por intermédio de Curt Nimuendaju.

“Foi então (1922) que se produziu um acontecimento que iria ter para a nossa instituição (Museu de Gotemburgo) consequências decisivas: o professor Erland Nordenskiöld entrou esse ano em contato, por intermédio do consul sueco no Pará, Sr. Gunnar Pira, com um eminent explorador, o Sr. Curt Nimuendaju, um dos melhores conhecedores dos índios do Brasil”... “Desde então a colaboração com o Sr. Curt Nimuendaju prosseguiu quase sem interrupção. O Museu de Gotemburgo deve ao Sr. Curt Nimuendaju o maior reconhecimento por todas as coleções do Brasil que ele obteve e que foram feitas não somente com o maior cuidado, mas também freqüentemente com uma bela audácia”.

Até 1931 o Museu de Gotemburgo contava com o seguinte acervo — número de tribos representadas nas coleções, 96; coleções consideradas completas, 52; coleções do Brasil, 40; coleções do Brasil completas, 14. Coleções arqueológicas — número de regiões representadas, 64; número de regiões representadas por coleções completas, 17.

Essa atividade marcadamente colecionista tornara-se prática comum. O trabalho etnográfico podia ser feito com autofinanciamento — as coleções de objetos indígenas tinham mercado certo, mercado criado por cientistas e instituições nobres, como os museus.

De Belém, com data de 20 de outubro de 1932, Curt Nimuendaju escrevia a Heloisa Alberto Torres: “tenho à disposição do Museu Nacional uma boa coleção de 469 números dos índios Apinajé. Como a senhora pode ver pelo catálogo incluso, ela contém

muitas coisas que raramente se encontram em coleções etnográficas, representando toda a cultura material daquela tribo. Coleção semelhante já organizei em 1929 e 1930; elas se acham agora nos museus de Dresden e de Gotemburgo. A presente coleção será a última, pois a decadência rápida da tribo não permitirá mais a organização de outra. Costaria muito que pelo menos essa última ficasse no Brasil. O preço da coleção é de 10.000\$000 (dez contos de réis)”.

Três meses depois, em 27 de janeiro de 1933, insistia: “peço muito que a senhora comunique com a maior presteza possível a resolução do Museu Nacional. Há dois estabelecimentos (Berlim e Paris) que se interessam pela aquisição da coleção, e aos quais tenho de dar quanto antes uma satisfação caso ela não fique no Museu Nacional”.

Eram realmente essas as suas condições de trabalho. Diz ele em outro documento: “as viagens de 1929 e 1930 foram subvençionadas pelos museus de Hamburgo, Dresden e Leipzig e pelo *Staatliche Forschungsinstitut fuer Voelkerkunde*, desta última cidade...”.

As coleções de Gotemburgo e de outros museus da Suécia, principalmente, e dos vários museus alemães proporcionaram material abundante para os *Estudos de Etnografia Comparada*, de Erland Nordenskiöld, em nove volumes publicados de 1918 a 1931, e ainda um décimo volume aparecido em 1938, depois da sua morte.

No primeiro volume dessa série encontram-se dados que mostram claramente como se articulavam de maneira ostensiva a produção intelectual, o colecionismo e o comércio. O autor declara: “minha intenção de reunir os meus trabalhos comparativos sobre o desenvolvimento material dos Índios da América do Sul em três volumes e torná-los acessíveis ao público americano se deve à sugestão e ao custeio do Consul Geral Axel Johnson, diretor-gerente da Companhia de Navegação que leva o seu nome”. Em nota ao pé de página uma informação dá conta da expansão da *Johnson Line*, em termos de tonelagem bruta, modernização da frota e valor em libras das exportações. Verifica-se que as exportações da Suécia para o Brasil aumentaram de £ 5.500 em 1904, para £ 126.830 em 1913.

Esses dados se encontram num livro de Etnografia Comparada, escrito com base em coleções de objetos indígenas, produzidas para um mercado que então se revelava bastante competitivo, e cujos lugares eram museus. Esses ocupam um espaço nobre, dentro da região do campo cultural coberta pelas categorias *etnografia*, *etnologia*. Os seus nomes e os nomes dos profissionais que neles construíam as suas trajetórias tornavam-se referências obrigatórias e permaneciam colados.

No segundo volume da mesma série (1920) Erland Nordenskiöld dirige agradecimentos a Kaj-Birket-Smith, do Museu Nacional de Copenhague, a Koch-Grünberg, diretor do Museu Etnológico de Stuttgart, a F. Krause, do Museu Etnológico de Leipzig, ao Dr. J. P. B. de Joselin de Jong, do Museu Real Etnográfico de Leiden, ao Dr. Max Schmidt, do Museu Etnológico de Berlim... Nas biografias de profissionais norte-americanos dessa mesma região do campo intelectual, na situação apreciada aqui, são igualmente recorrentes e valorizados os dados sobre atividades desenvolvidas nos museus — o preparo de exposições, as mensurações de crânios, as classificações de objetos etnográficos, e sobretudo o colecionamento. Tal fato se verifica, por exemplo, nas biografias de F. Boas, de C. Wissler, de Robert H. Lowie.

Curt Nimuendaju só começa a publicar a partir de 1914, aos 31 anos de idade. Nesse ano o *Zeitschrift für Ethnologie* divulga o seu trabalho sobre "A lenda da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocuva-Guarani", estudo que E. Schaden qualifica de "monumental". Com pequenas interrupções, uma um pouco maior de 1915 a 1920, publica regularmente até morrer, em 1945. Permanece entretanto, por muito tempo, um autor de língua alemã. Além do *Zeitschrift für Ethnologie* acolhem os seus artigos os periódicos *Anthropos*, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, *Ethnologischer Anzeiger* e até o *Provinzzeitschrift der Franciskaner in Nordbrasiliens*.

A partir de 1923 o *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, sociedade sobre a qual P. Rivet exercia uma influência decisiva, começa a acolher vários dos seus trabalhos, alguns ainda em alemão, outros em francês e mesmo uns poucos em português.

Como autor de língua alemã ficava submetido a uma certa limitação quantitativa

em termos de público, mas certamente não excluía profissionais considerados de língua inglesa, e que exerciam o papel de legitimadores do conhecimento produzido nessa região do campo intelectual, como por exemplo F. Boas e Robert H. Lowie, que certamente conheciam os trabalhos de Curt Nimuendaju publicados em alemão, em revistas de língua alemã, língua materna de ambos.

Robert H. Lowie torna-se como se sabe não apenas co-autor, mas também tradutor e editor de trabalhos de C. Nimuendaju, com o qual mantém correspondência regular. Graças a essa mediação os principais trabalhos de Curt Nimuendaju alcançam um novo público, mais amplo e sobretudo mais diversificado. Não se trata apenas de público de outra língua, mas de público de profissionais com notáveis diferenças de orientação teórica. Essas diferenças se tornam patentes não apenas em termos do confronto com o público de língua alemã, constituído sobretudo por alemães e austriacos, mas também em termos de diferenças internas, próprias do campo intelectual de língua inglesa, muito mais aberto.

Com os trabalhos publicados no *American Anthropologist* — "The Dual Organization of the Ramkókamekra" (Canella), 1937, em colaboração com Robert H. Lowie; "The Social Structure of the Ramkókamekra", 1938; "The Association of the Serente", com Robert H. Lowie, 1939 — e no *Southwestern Journal of Anthropology* ("Social Organization and beliefs of the Botocudos of Eastern Brazil", 1946, Curt Nimuendaju atinge o grande público de leitores de revistas especializadas de língua inglesa de todas as partes do mundo, inclusive do Brasil.

As suas monografias, também publicadas em inglês como volumes de séries academicamente legitimadas e legitimadoras, sobre os Apinajé, os Cherente e os Tukuna, inscrevem o seu nome na relação dos etnólogos consagrados, e que dominam os circuitos de comunicação.

A sua consagração, é claro, não advém apenas do fato de ter a sua produção traduzida para o inglês, nem de ser acolhido por um grupo de produtores que já partilhava um grau elevado de consagração. Para chegar a esse ponto ele, que produzia inicialmente relatórios de exploração, vocabulários de línguas indígenas pouco conhecidas ou de

classificação duvidosa, que fizera coleções etnográficas e arqueológicas para museus europeus, que colecionara mitos e peças raras, teve que abandonar tudo que antes achara importante, para assumir a importância dos problemas que lhe eram propostos pela etnologia da época, por intermédio de Robert H. Lowie.

Pela biblioteca de Curt Nimuendaju pode-se avaliar como a sua trajetória foi percorrida com firmeza, numa determinação pessoal que jamais sofreu qualquer desvio.

Inicialmente achava-se desprovido de qualquer recurso. De Belém do Pará, em setembro de 1920, escreve ao diretor do Museu Nacional, Prof. Bruno Lobo: "em outro objeto venho ainda solicitar o auxílio do senhor. Luto aqui para poder executar os meus trabalhos, com grande falta de literatura etnográfica. A Biblioteca do Museu Goeldi rica em literatura botânica e zoológica, não satisfaz absolutamente quanto àquela disciplina, isto devido a ter o Museu nunca tido (sic) um etnólogo, desde os tempos de Ferreira Penna..."

Quando morreu possuía ele próprio uma biblioteca, mas certamente constituída sobretudo por meio de intercâmbio, pois predominavam folhetos, separatas, números avulsos de periódicos especializados, que dão uma boa idéia da sua rede de relações profissionais. Erland Nordenskiöld, P. Rivet e A. Métraux aí estão fartamente representados, como estiveram de fato presentes em toda a sua trajetória.

Entre os livros clássicos os de autoria de K. von den Steinen, Koch-Grünberg, Snethlage, Max Schmidt, Fritz Krause, além de numerosos trabalhos do grupo constituído por W. Schmidt, P. Koppers e M. Gusinde.

É digno de nota que a linha de trabalho de E. Nordenskiöld e do seu grupo do Museu de Gotemburgo jamais tenha sensibilizado Curt Nimuendaju. Ele fornecia matéria-prima a esse grupo, mas não seguia a sua orientação. Fornecia coleções etnográficas e arqueológicas, mas nunca se interessou pelos objetos em si, pela tecnologia em si, nem pela origem e distribuição de traços e complexos de cultura. Acompanhou de fato, e muito de perto, os procedimentos de Paul Rivet, por exemplo, em termos de coleta de vocabulários e procura de afinidades entre as diversas línguas indígenas.

De Robert H. Lowie possuía *Primitive Society*, na primeira edição de 1920, e *Primitive Religion*, em edição de Londres 1925. De Malinowski apenas *The Sexual Life of Savages in Northwestern Melanesia*, 3.^a edição, Londres 1932.

A biblioteca de Curt Nimuendaju pertence hoje ao Museu Nacional. Ela foi avaliada por uma comissão composta por Gastão Cruls, então diretor da Biblioteca Central de Educação, Luiz Camillo de Oliveira Netto, então diretor da Biblioteca do Itamarati, e Rodrigo Mello Franco de Andrade, na época diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em seu parecer afirmaram: "quanto aos impressos que formavam a biblioteca de Curt Nimuendaju — livros, publicações seriadas, folhetos e separatas — nenhum deles pode ser considerado raridade bibliográfica relevante ou obra de grande preço. Trata-se de acervo reduzido, sem maior interesse senão o de ter pertencido ao insigne etnólogo e o valor decorrente de suas anotações pessoais sobre alguns volumes". O valor atribuído foi de oito mil cruzeiros.

O Museu Nacional adquiriu não apenas a biblioteca, mas também o seu arquivo. Quanto a este dizia o mesmo parecer: "deste último, peças há desprovidas de interesse, por se tratar de cópias de trabalhos já publicados. Pela importância universal da personalidade de Curt Nimuendaju nas matérias em que se especializou, bem como pela riqueza da contribuição ainda inédita contida em muitos textos e croquis pertencentes ao seu arquivo, justificar-se-ia a atribuição de um valor avultado ao conjunto do espólio do notável especialista. Importa, porém, ter-se em conta que a quase totalidade de seus estudos e notas ainda inéditos não poderá ser publicada sem um trabalho enorme e complexo de ordenação, revisão, conferência e anotação cuidadosa, que importará em despesa muitíssimo considerável". Foi atribuído a esse arquivo o valor de oitenta mil cruzeiros. Biblioteca e arquivo foram pois adquiridos pelo total de noventa mil cruzeiros, quantia bastante alta para a época (1950).

Na edição em português da monografia sobre os Apinajé (*Boletim do Museu Goeldi*, XII) encontra-se uma nota introdutória sobre Curt Nimuendaju; nela afirma-se que este, além dos estudos publicados, "deixou uma série de manuscritos inéditos, atualmente em

poder do Museu Nacional, aguardando publicação". Tal afirmação pode levar a supor que Curt Nimuendaju tenha deixado realmente trabalhos acabados, prontos para publicação, aguardando apenas um editor, o que absolutamente não é verdadeiro. Não há um só manuscrito inédito em tais condições — todos os seus trabalhos prontos, *acabados*, foram publicados, alguns depois da sua morte. Há, sim, além dos originais de suas publicações, uma grande quantidade de anotações de todo tipo — transcrições, comentários, notas de campo, levantamentos topográficos, listas de palavras, provavelmente já incluídas nos seus *Vocabulários* indígenas, enfim um conjunto sem dúvida muito valioso mas desordenado de materiais. A publicação de qualquer parte desse material só poderá ser decidida após trabalho exaustivo de avaliação, isto em respeito aos critérios extremamente rigorosos do próprio Curt Nimuendaju. Procedimentos levianos causavam-lhe repulsa. Ao verificar, por exemplo, que a revista *Anthropos* (XXIV, 1929) havia publicado algo com o título de *Curt Nimuendaju im Gebiet der Gê-Völker im Innern Nordost-brasiliens* registrou o fato com desagrado e muito mais tarde ao comentar o sucedido em carta dirigida a Herbert Baldus (1944) esclareceu: "é o título sob o qual P. Koppers entendeu de publicar uma carta particular minha, que lhe dirigi de Barra do Corda, em 2 de abril de 1929. Essa carta, já pelo seu caráter todo particular, não estava absolutamente destinada à publicação. Vi-me obrigado a corrigir-me largamente a mim mesmo, o que fiz no meu manuscrito sobre os Timbiras, tanto na versão alemã que remeti à California University, como na portuguesa que estou elaborando agora. O pior, porém, foi que H. Snethlage "utilizou-se" largamente dessa publicação, de uma tal maneira para completar o seu *Unter Nordostbrasilianischen Indianern*, que se tornaram necessárias retificações ainda mais extensas". Além dos problemas de exegese, há problemas éticos muito sérios a considerar no caso da publicação dos

chamados "manuscritos inéditos" de Curt Nimuendaju.

Curt Nimuendaju foi um *artesão*, no mais legítimo e nobre sentido do termo. Em Jena, aos 16 anos, torna-se aprendiz de mecânico-ótico da empresa Zeiss. Nessa profissão deve ter adquirido uma habilidade manual fora do comum; um ritmo lento e bem compassado de trabalho, com materiais de pequena escala.

No seu *Mapa Etno-Histórico*, trabalho final, trabalho de coroamento, estão reunidos o artesão e o etnólogo. Esse foi o trabalho de Curt Nimuendaju, o trabalho que ninguém mais poderia realizar. Diz ele: "o mapa não se baseia em trabalho etnográfico de nenhum outro autor. As bibliografias, as informações particulares e os estudos e minhas observações pessoais a respeito foram acumuladas durante decênios. A classificação lingüística da quase totalidade das tribos, lingüisticamente documentadas foi examinada ou mesmo feita por mim. Só em alguns casos em que o material não me foi ainda acessível adotei a classificação de autoridades como Rivet, Koch-Grünberg, etc."

A tarefa de desenhar um só exemplar desse mapa etno-histórico, na escala adotada e com soma tão elevada de registros, seria hoje uma tarefa impensável. Acontece que Curt Nimuendaju desenhou nada menos de três exemplares: um para o Museu Goeldi, outro para a *Smithsonian Institution* e um terceiro para o Museu Nacional, feito por último e provavelmente o mais completo. Para produzir esse mapa valeu-se de cerca de 580 autores-fontes, ele próprio autor de perto de quarenta.

De todos os trabalhos de Curt Nimuendaju este é o mais exclusivamente seu, o mais original, o que não tem antecedente, o que não tem par nem terá sucedâneo. Este o seu grande manuscrito, pronto e acabado, e que permanecia inédito.

Agora, graças ao empenho de Jorge Zarur, como membro do CNRC, está posto ao alcance de todos.

QUADRO DAS PESQUISAS DE CAMPO REALIZADAS POR CURT NIMUENDAJU

ANOS	REGIÕES	TRIBOS
1905—08	Oeste de S. Paulo	Guarani, Kaingáng
1909	Oeste de S. Paulo, Sul de M. Grosso	Guarani, Kaingáng, Ofayé, Otf, Terena
1910	Oeste de S. Paulo	Guarani, Kaingáng
1911	Oeste e litoral de S. Paulo	Guarani, Kaingáng
1912	Oeste e litoral de S. Paulo	Guarani, Kaingáng, Kaiguá
1913	Sul de M. Grosso	Ofayé, Guarani, Kaingáng
1914—15	Gurupi	Tembé, Timbira, Urubu
1915—16	Missão Santo Antonio do Prata	Tembé
1916—19	Xingu, Iriri, Curuá	Juruna, Xipaya, Arara, Kayapó
1920	Litoral do Pará	
1921	Diapoque	
1921—23	Rio Madeira	Parintintin, Mura, Pirahã, Tóra, Matanawi
1922	Ilha de Marajó	Escavações
1923	Tapajós, Mariacuã, Maué Guiana, Marajó, Caviana	Escavações Escavações
1924—25	Tapajós, Trombetas, Jamundá, Caviana	Escavações
1925	Diapoque	Escavações — Palikur, Índios do Uaçá
1926	Afluentes do Amazonas, Madeira, Autaz Tocantins	Escavações — Mura, Mundurukú Escavações
1927	Rio Negro, Içana, Uaupés	Baniwa, Wanâna, Tariâna, Tukano, Makú
1928	Tapajós	Escavações
1928—29	Maranhão, Goiás	Apinayé, Canela, Krikati, Krepükateye, Pukópue, Guajajara
1929	Solimões	Tukúna
1930	Tocantins, Maranhão	Apinayé, Xerênte, Kraho, Canela
1931	Tocantins, Maranhão	Apinayé, Canela
1932	Tocantins	Apinayé
	Tapajós, Manaus	
1933	Maranhão	Canela
1934	Pernambuco	Fulniô, Xucurú
1935	Maranhão	Canela
1936	Maranhão	Gamela, Canela
1937	Tocantins	Apinayé, Xerênte
1938—39	Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo	Patachó, Kamaká, Machakaré, Botocudos
1940	Xingu, Araguaia	Gorotire, Kayapó do Arraias
1941—42	Solimões	Tukúna
1945	Solimões	Tukúna

A CARTOGRAFIA DO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU

Rodolpho Pinto Barbosa
Cartógrafo do IBGE

Ao desenhar o último traço sobre o papel conson de seu mapa Etno-Histórico para o Museu Nacional, em 1944, *Curt Nimuendaju*, na realidade, repetia este gesto pela terceira vez. Já o fizera em idêntico mapa para o Museu Goeldi, em 1943 e, no ano anterior, para o *Smithsonian Institution*.

Não é fato material de lançar à nanquim, laboriosa, delicada e caprichosamente, uma linha num papel de desenho, com dois por dois metros, já repleto de símbolos, representando rios, litoral e nomes que valoriza aquela obra. Aí está o artesão, que *Curt* sempre foi, paciente e cuidadoso, repetindo-se no gesto, mas criativo no que faz — nenhum dos três mapas são iguais — mas, sobretudo, porque aquele traço final, foi o resultado de uma vida inteira, identificando e localizando um milhar e meio de tribos indígenas, classificando suas línguas, anotando seus hábitos e coligindo seus utensílios. Aí temos o pesquisador, dedicado, meticuloso e estudioso.

Curt Nimuendaju aliou as duas qualificações. Foi pesquisador e artesão. Ambos estão perfeitamente refletidos na cartografia do Mapa Etno-histórico. Efetivamente, a cartografia exige a pesquisa que é o conteúdo do mapa e a representação que é a forma material. Eis porque, talvez, *Curt Nimuendaju*, concretizou sua mais exclusiva obra, na cartografia de seu mapa.

Foi essa obra, o Mapa Etno-histórico do Museu Nacional, o último elaborado por *Curt* (1944), que serviu de base para a atual publicação. Antevendo-se, porém, a importância e repercussão da edição do mapa, não se podia deixar de consultar o original do Museu Goeldi (1943). O acesso aos dois trabalhos propiciou minudentes estudos comparativos da cartografia de *Curt Nimuendaju*. Permitiu observar os mínimos pormenores coincidentes ou divergentes inscritos nos dois mapas. Apre-

endeu-se, claramente, o sentido dinâmico e o constante aperfeiçoamento que *Curt* procurava imprimir na representação de cada elemento. Confirma a informação, altera a localização de tribos ou muda a classificação linguística diante de novas informações.

Assim, constatou-se que no do Museu Goeldi está incluída na legenda a família linguística SANAVIRON representada pelas tribos localizados no mapa Sanaviron, Conechigon e Indiana, todas extintas, já no do Museu Nacional esta família foi excluída das convenções e as tribos classificadas como de línguas desconhecidas, conservando-as como extintas. Inversamente, *Curt* incluiu na legenda do último a família linguística HUARPE, com a respectiva tribo localizada no mapa, detalhes omitidos no mapa do Museu Goeldi.

Ao se cotejar a base planimétrica dos mapas originais de *Curt* com a dos mapas atuais, verificam-se algumas discrepâncias no traçado dos rios, linha de costa e limites. No início da década de 40, quando *Curt* elaborou os mapas, deve-se lembrar, pouca documentação cartográfica existia abrangendo toda a área por ele estudada e que lhe servisse de base para compilar o tema. Na parte correspondente ao Brasil, o Clube de Engenharia havia publicado, em 1922, as folhas da Carta Internacional do Mundo ao milionésimo. A American Geographic Society publicara as folhas do mapa ao milionésimo da América Espanhola e Brasil na década de 30 e início dos anos 40. Em escala menor do original do *Curt*, 1:2.500.000, só existia o mapa do Privat, 1:4.000.000, de 1939, que lhe poderiam servir de base.

Curt Nimuendaju não teve a preocupação de indicar a origem da base planimétrica que usou no mapa. Assim, só mera especulação pode ser feita para identificá-la. De qualquer forma, reduzindo ou ampliando, está claro

que *Curt* usou mais de uma fonte. É certo que a planimetria de seu mapa espelha o conhecimento que se tinha do território nacional na época, ou disto muito se aproxima. Igualmente usou croquis de pequenos rios para localizar tribos, possivelmente elaborados por ele próprio, para enriquecer detalhes de localização de tribos.

Mas, naquele momento, ao meio da II Guerra Mundial, vivíamos o início de um salto, uma revolução nas técnicas cartográficas. Uma delas, a fotografia aérea, teve o seu uso intensificado proporcionando um rápido reconhecimento de territórios antes de difícil mapeamento. Nos países pouco desenvolvidos, notadamente no Brasil, esse impacto foi grande. O recobrimento aerofotogramétrico pelo sistema *trimetrogon* efetivado em 1942 e anos subsequentes, pela Força Aérea Norte Americana e o apoio de pontos astronômicos, levantados na campanha de coordenadas geográficas, desenvolvida pelo IBGE, veio possibilitar uma melhor precisão no posicionamento da topografia do Brasil. Daí aos dias de hoje, pode-se dizer que, para escalas geográficas, os atuais mapas apresentam uma excelente base planimétrica da área coberta pelo Mapa Etno-histórico de *Curt Nimuendaju*. Eis porque se encontram as divergências anteriormente apontadas.

Na execução do Mapa, *Curt* tomou determinado partido para expor o resultado de sua pesquisa, condicionado pela técnica artesanal, então em uso, do desenho a pena em cores sobre papel opaco. Após traçar a rede hidrográfica, que foi a base para a localização das tribos, desenhou os nomes das tribos, na localização que a bibliografia coligida ou a pesquisa de campo indicavam, usando tamanho de letras maiores ou menores, conforme a importância e a extensão do território de cada tribo. Esses mesmos nomes, desenhados em preto, foram diferenciados por tipos de letras: cheias para as tribos existentes: sedes atuais; vazadas, para tribos existentes: sedes abandonadas e tribos extintas, em letras finas.

A classificação das famílias lingüísticas foi feita grifando em traços coloridos os nomes das tribos. Uma cor ou um tom para cada uma das 40 famílias por ele classificada. Aproveitando ainda esses traços, distinguiu, o que já fizera com diferentes tipos de letras, as tribos que se encontravam na localização indi-

cada; que haviam abandonado o local; e tribos que estavam extintas, respectivamente, com os traços grossos contínuos; finos contínuos e finos interrompidos.

O elemento básico que *Curt* usou para localizar as tribos foi a hidrografia. Observa-se que houve extremo cuidado ao posicionar as letras dos nomes das tribos. Relacionou-as, ora às cabeceiras dos rios, ora aos interflúvios, às margens de rios e, ainda, ao litoral. Tendo em vista estes referenciais, *Curt* desenhou os nomes das tribos quase sempre em curvas para amoldá-los a rede hidrográfica e ao litoral e, quando os desenhou horizontalmente, ainda neste caso, teve em vista o curso dos rios ou referências da linha de costa. Devido a esta correlação, *Curt* dedicou grande atenção ao traçado dos rios. A cada novo mapa que fazia, introduzia correções. No último, para o Museu Nacional, alterou o curso de alguns rios, notadamente na Região Norte. Nestes casos, alterando o anterior, posicionou os mesmos nomes das tribos relacionando-os a nova locação dos rios.

Quanto a nomenclatura dos acidentes geográficos cingiu-se, também, quase exclusivamente, aos geônimos da hidrografia. Foram indicados mais de 500 rios, sendo raríssimos os representados sem denominação. Alguns rios sem significação geográfica, porém de importância para a localização de tribos, foram lançados e identificados. Além desses nomes, somente grafou os de algumas ilhas e os das capitais. Nenhum nome de países e unidades federadas do Brasil foi desenhado.

Complementando o mapa, *Curt* elaborou o *Índice das Tribos*, cujos nomes foram ordenados alfabeticamente. Através desse índice, pode-se localizar as tribos no mapa, dentro do quadriculado formado por uma rede plano-retangular, com equidistância de 20 centímetros, cujos intervalos foram numerados de 1 a 10 no sentido norte-sul e de A a I no de oeste-leste. Deve-se observar que esta rede não corresponde a nenhum sistema de projeção cartográfica, portanto não coincidindo com paralelos e meridianos. Aliás, na apresentação do próprio mapa, *Curt* ressaltou que não há traçados de rede geográfica. Finalmente, um último dado, *Curt* identificou, catalogou e datou o ano ou século no mapa, em que foi documentada cada tribo, cerca de 1.400, e, ainda, indicou através de setas o sentido das migrações de muitas dessas tribos.

É bem possível que *Curt Nimuendaju* jamais tenha imaginado publicar o seu mapa. O formato excessivamente grande, a qualidade do papel, as letras muito pequenas, a quantidade de cores e tons, indicam que o autor não se preocupou com problemas de ordem técnica para a reprodução do original. Daí a impossibilidade de reproduzir o mapa na sua forma original. Aproveitando a sua inata habilidade no desenho, meticulosidade do detalhe e conhecimento de topografia, *Curt* certamente quis deixar o resultado de sua pesquisa na melhor síntese para a consulta de localização das tribos e das famílias lingüísticas: a cartográfica.

Curt usou 41 cores e tons, em traços finos, para indicar a classificação lingüística, muitos descontínuos, representando tribos extintas. Esta grande multiplicidade de tons, somada ao natural desgaste e alterações da pigmentação das tintas e alterações tonais do papel conson, devido ao tempo transcorrido da elaboração do mapa até a atualidade, exigiu extremo cuidado na identificação das famílias lingüísticas. Esta dificuldade adicional redobrou os cuidados para a correta interpretação do mapa. Além de cotejar-se os dois mapas, o do Goeldi e do Museu Nacional, recorreu-se, sistematicamente, ao índice das tribos para confrontar a correção da interpretação.

Ao se planejar a publicação do mapa, aplicou-se novas técnicas cartográficas, não mais artesanal como na época de *Curt*, porém todos os cuidados foram tomados para que nada fosse alterado, senão naquilo que, formalmente, tornasse mais claro e objetivo o conteúdo da classificação lingüística e etnohistórico do original. Assim, a classificação lingüística foi mantida sem modificações. Entretanto, em vez de finos traços coloridos sublinhando as 40 classes adotadas por *Curt*, por ser impróprio para impressão e difícil para leitura do mapa, colocou-se manchas coloridas ou símbolos sob os nomes das tribos. Isto propicia uma clara identificação das famílias lingüísticas, ao mesmo tempo que melhor representa a localização das tribos, conforme documentada no mapa. Para as tribos de línguas isoladas, conforme foram classificadas pelo autor, usou-se sobrepor ao nome a cor marron claro com listas inclinadas mais fortes (no original grifado em preto) e para as línguas desconhecidas, deixou-se o

nome da tribo sem nenhuma sinalização, em branco, tal como está no original.

O posicionamento dos nomes das tribos foi rigorosamente obedecido, adaptando-se, porém, ao atual traçado da rede hidrográfica. Isto devido ao melhor conhecimento do espaço geográfico estudado. Foram excluídas, porém, atuais áreas inundadas das represas, para não obliterar a localização das tribos que nesses locais foram documentadas. Todos os rios constantes do original foram mantidos com os respectivos nomes, corrigindo-se, tão somente, o seu traçado e a ortografia e, no caso em que o autor nomeou-os diferentemente, foi grafado, entre parênteses, o geônimo adotado pelo autor, após o atual nome.

Houve acréscimo dos nomes das unidades políticas — países e unidades federadas do Brasil — com o fim de facilitar a correlação na localização das tribos com essas unidades, completando-se, assim, a própria idéia do autor que representou os limites dessas unidades no original. As setas indicativas da direção das migrações das tribos bem como o ano ou século destes registros representados no mapa pelo autor, foram reforçados para dar maior realce a essas informações. Os tipos e tamanhos das letras dos nomes das tribos foram mantidas o mais próximo possível, conforme as do original, isto é, cheias para as tribos existentes: sedes atuais; vazadas, para as tribos existentes: sedes abandonadas e finas para as tribos extintas (época da execução do mapa pelo autor — 1944).

Acrescentou-se, para reforçar as tribos existentes, “sedes atuais”, conforme constatadas pelo autor, um traço vermelho sob o nome dessas tribos, ressaltando-se assim as tribos existentes na época (1944).

Não se pode deixar de registrar que no mapa original as tribos Cane (C6 e C7) e Tariána (B2) estão classificadas, simultaneamente, na família lingüística ARAUK, tribos extintas e, logo abaixo, a primeira como TUPI e a segunda como TUKANA, ambos como tribos extintas, sedes atuais. Conservou-se, no mapa, somente as últimas classificações.

Certos tipos de notações usadas por *Curt* foram mantidas para preservar a fidelidade dos registros. Logo abaixo do nome da tribo, nas datas em que elas foram documentadas por ele, este acresceu o sinal menos (—) anteposto à data ou hífen quando aparecem duas datas; o sinal mais (+) após a data e, por vezes, um ponto após o ano, ou ainda o ano

sem qualquer tipo de notação. Há, ainda, combinações desses tipos de notações para diversas tribos. Em determinados casos, *Curt* usou o sinal de igualdade (=) entre os nomes de duas tribos. O preciso significado desses sinais não está claramente definido, podendo dar margem a diferentes interpretações, porém nada foi alterado ou omitido para possibilitar a mais ampla base de pesquisas que o mapa proporcionará aos seus usuários.

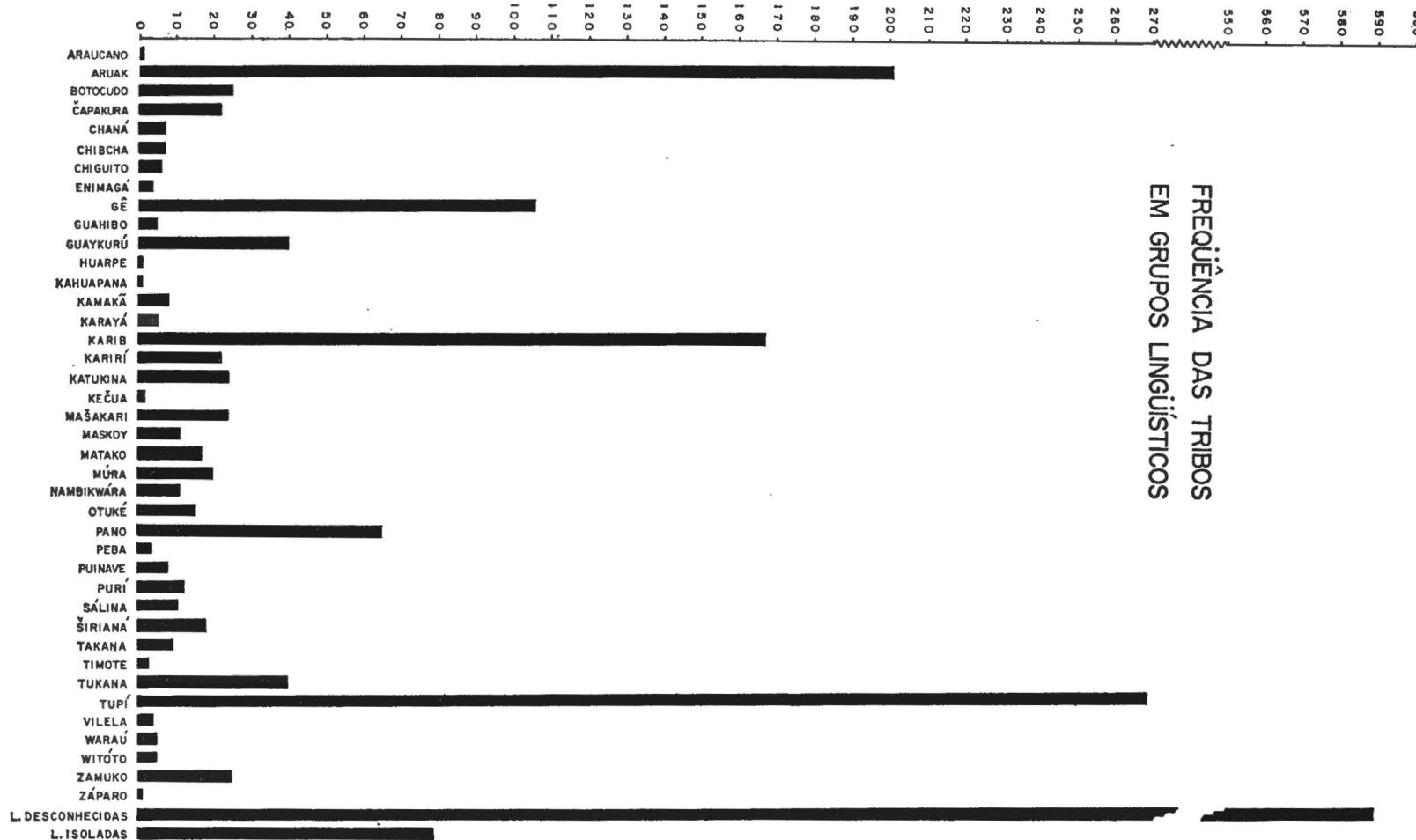
Outro tipo de notação usado por *Curt*, o “e” comercial (&), significando certamente a convivência no mesmo território de duas tribos, foi substituído por uma barra (/) entre os nomes dessas tribos, para não se perder esta informação do original em vista da impossibilidade de usar-se aquela notação nos diferentes tipos de letras utilizadas para os nomes de tribos.

O índice de localização geográfica das tribos foi adaptado ao traçado da rede geográfica da projeção policônica em que é editado o mapa, com o espaçamento de 5 em 5 graus entre paralelos e meridianos, formando um quadriculado que serve, da mesma forma do original, para localizar as tribos relacionadas no índice. Ao elaborar-se o mapa, optou-

se pela escala de 1:5.000.000, reduzindo, portanto, o original à metade, resultando em condensar determinadas áreas mais estudadas por *Curt*, mas mantendo-se a clareza de leitura do mapa. Isto propiciou reduzi-lo em um quarto da área, aproximadamente um metro quadrado, tornando-o mais acessível ao manuseio e consulta, sem qualquer prejuízo dos registros inscritos no mapa.

Enfim, necessário dizer, o Mapa de *Curt* não deve ser considerado um mapa histórico, no sentido de ser um mapa antigo. Ele é um mapa de nossa época. Reúne o melhor acervo etno-histórico indispensável e insubstituível para qualquer pesquisa sobre as tribos indígenas da região mapeada. Ao publicar o trabalho de *Curt*, preserva-se e coloca-se à disposição dos estudiosos desse campo do conhecimento humano o conteúdo do mapa de maneira inalterada, como se fosse o próprio original. É também certo que outros campos do saber se beneficiarão com este trabalho: origem indígena dos nomes geográficos; as influências recíprocas das civilizações nativas e dos diversos caudais de civilizações que ocuparam e ainda se apossam dessas glebas e muitos outros que os estudiosos descobrirão.

FREQUÊNCIA DAS TRIBOS EM GRUPOS LINGÜÍSTICOS



A ORTOGRAFIA DOS NOMES TRIBAIS NO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENJADU

Charlotte Emmerich e Yonne Leite
Museu Nacional

"Comecei o trabalho do mapa no dia 5 de setembro. Vae progredindo devagar porque não aguento mais que umas 5 horas por dia na posição forçada a que o tamanho do mapa me obriga. Creio que estará prompto até o fim do anno. Quando o mapa chegar no Museu a Snra me dirá si isto é o nao um trabalho de 4 mezes."

Assim, Curt Nimuendaju, em carta de Belém, datada de 29 de setembro de 1944, anuncia a Heloisa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o início do seu terceiro Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes. Com sua proverbial precisão, o autor registra uma data de relevância para a etnologia brasileira, pois que, naquele 5 de setembro, ele iniciava a que seria a sua obra mais completa, a súmula de toda uma vida dedicada ao estudo e à coleta minuciosa de dados etnográficos e lingüísticos de seus queridos índios. É este, sem a menor sombra de dúvida, o mais significativo e abrangente documento e testemunho do Brasil indígena.

Curt Nimuendaju elabora a terceira versão do Mapa Etno-Histórico, já como parte de um acordo feito com a direção do Museu Nacional, em fins do ano de 1943. Em julho daquele ano, viera ao Rio a convite do Marechal Rondon para assumir a chefia das investigações etnológicas que o Conselho de Proteção aos Índios tencionava empreender e fora acometido por um problema de saúde. "Fazendo porém os necessários exames geraes, analyses etc, os medicos chegaram à concluzão que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e de convivencia com os indios" escreve ele ao amigo Robert Lowie, e a Alfred Métraux confidencia, em carta de mesma data, 6 de novembro de 1943: "Portanto, depois de quasi 40 annos, a minha actividade em convivencia com os indios chegou ao seu fim quando eu

menos o esperava. O Snr comprehendrá como isto me entristeceu, sabendo como sabe que essa vida era toda a minha satisfaçao. Além de que eu pensava de fazer ainda muitas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas." E em tom de sentida melancolia se lastima ainda com o amigo Lowie e também com Herbert Baldus: "Parece-me impossivel que eu não veja mais os campos dos Canellas, banhados pelo sol, nem as matas sombrias dos Tukuna. Mas terei de conformar-me, tratando de começar uma nova vida."

E esta nova vida Curt Nimuendaju a enceta através do acordo com o Museu Nacional, no qual ele se compromete, mediante um "modesto ordenado mensal", a realizar uma série de trabalhos, sobretudo de tradução, anotações e revisão de seus manuscritos.

Em novembro de 1943 volta ao Pará, já a serviço do Museu Nacional. Assumira o compromisso de, inicialmente, fazer dois trabalhos: aprontar para ser publicado o seu manuscrito sobre os índios Canela do Maranhão e fazer um mapa do Brasil e regiões adjacentes com a localização de todas as tribos de índios conhecidas, desde a descoberta até aquela data. Diz ele sobre o compromisso do mapa: "... Será para mim uma satisfaçao de fazer desta vez o mapa com todo o esmero e cuidado, aperfeiçoando-o o mais que possível. (...) O mapa do Museu (Nacional) não será apenas uma cópia do que foi para o Bureau of American Ethnology (Smithsonian Institution), mas será completado e corrigido em muitos pontos. Ainda não sei que proporção essas modificações alcançarão, até a conclusão do trabalho. Até agora o numero de livros e das pessoas consultadas aumentou em 122, a lista de tribus foi aumentada em 31, e tenho uma gaveta cheia de notas e croquis para modificações a fazer."

Assim o etnólogo, que havia dedicado mais da metade de sua existência à convivência

com os índios e ao estudo, sobretudo de aspectos da religião, organização social e das línguas de numerosas tribos brasileiras, recolhendo dados etnográficos evanescentes de grupos tribais em desagregação ou em extinção, coletando mais de uma centena de vocabulários e, em alguns casos, de gramáticas e textos para seus estudos lingüísticos, iniciava uma nova forma de vida a qual, todavia, como transparece em sua correspondência, não o satisfazia plenamente.

Suas monografias etnográficas, as lendas e o material lingüístico, em parte já publicados em alemão e inglês, seriam agora, sob a chancela do Museu Nacional, traduzidos, anotados e revistos para publicação em português. Com a costumeira tenacidade Nimuendaju se dedica ao seu novo objetivo. E, em menos de quatro meses, elabora o mapa e o manuscrito.

Em 22 de dezembro de 1944, dando por terminada a tarefa, comunica ao Museu Nacional: "No dia 19 de Dezembro seguiram para o Rio, via FAB, o Mapa etnográfico e o manuscrito Canelas."

Era a terceira vez que Curt Nimuendaju realizava a façanha hercúlea de registrar num mapa "que mede dois metros em quadra" todos os dados do Brasil indígena, dificuldade que, aliás, ele próprio admitia a Heloisa Alberto Torres em carta de 4 de agosto de 1944: "O trabalho do mapa é de tal ordem que é praticamente impossível cuidar ao lado delle de qualquer outro, pois toma-me todo o espaço da minha pequena sala de trabalho."

O mapa ora publicado é, no seu conteúdo, o do Museu Nacional. Distingue-o das duas versões anteriores — o mapa feito para a Smithsonian Institution em 1942 e para o Museu Paraense Emilio Goeldi em 1943 — o maior número de informações atualizadas, etnográficas e lingüísticas.

A primeira versão do mapa foi elaborada em 1942 para a inclusão no *Handbook of South American Indians*. Embora o mérito e alcance do trabalho tivessem suscitado a justa admiração de quantos viram o mapa, Julian H. Steward, editor do *Handbook*, o considera demasiadamente grande e detalhado, e possuindo cores demais, para ser publicado na íntegra. Na Introdução ao *Handbook*, aliás, Steward confirma esta dificuldade decorrente da densidade de informações contidas no mapa. A solução adotada, então, foi a de copiar o mapa em três partes, sendo que o primeiro

cobre o Brasil oriental, tendo sido incluído no volume 1, e os outros dois cobrem respectivamente a parte central e o norte da Amazônia. Reproduzidos em preto e branco, os mapas publicados no *Handbook* se ressentem, no entanto, da omissão das indicações lingüísticas, que foram aproveitadas na classificação de J. A. Mason, no volume VI do referido *Handbook*.

A segunda versão pertence ao Museu Paraense Emilio Goeldi e data de 1943. Surpreendido durante a elaboração do segundo mapa por um convite do Marechal Rondon para participar de uma expedição etnográfica ao Mato Grosso, o autor pondera que primeiro deveria concluir seu mapa etnográfico-histórico, decisão com que Rondon concorda prontamente. É patente, aliás, em todos que conviveram com Curt Nimuendaju, o profundo respeito pela seriedade, disciplina e meticolosidade com que se entregava a cada nova tarefa. Sua colaboração para o *Handbook* foi das mais expressivas. A capacidade e rigor de trabalho, bem como a presteza com que atendia e procedia à elaboração dessas monografias, são notáveis.

Assim, ao contrário da crença generalizada, seus três mapas etno-históricos não são cópias idênticas. Eles representam etapas de um objetivo maior, que era o de retratar a realidade indígena brasileira e de seus países limítrofes, na sua totalidade, dentro de uma perspectiva histórica, lingüística e migratória. Este objetivo Nimuendaju o foi concretizando, gradualmente, à medida em que aprofundava seu próprio conhecimento dos grupos indígenas e tinha acesso a maior número de referências. Baseava este seu trabalho no imenso acervo de dados coletados pessoalmente, em referências bibliográficas fidedignas e nas informações que incansavelmente solicitava a todos que realizavam estudos em tribos com as quais ele não tivera contato direto. Obtinha estes dados geralmente solicitando ou enviando aos colaboradores croquis para que aí assinalassem as localizações referidas. A fim de poder identificar lingüisticamente grupos tribais ou seu remanescentes, trabalhava com "Leitwörter" ou "palavras-fio", cujo registro também solicitava para que pudesse classificar o grupo ou os indivíduos dentro das famílias lingüísticas por ele reconhecidas.

A concepção que Curt Nimuendaju tem de seu mapa etno-histórico é, portanto, a de um instrumento de trabalho em contínuo pro-

cesso de aperfeiçoamento e revisão. E é o próprio autor, aliás, que, nas *Observações* que acompanham os índices e o mapa do Museu Nacional, confirma o que se infere do cotejo das três versões do mapa: "Pela sua natureza o Mapa não pode representar um trabalho definitivo mas apenas uma tentativa que possa servir de base para trabalhos futuros. Devia ser completado e corrigido constantemente, de acordo com os dados que vão chegando."

Essa concepção do mapa se reflete nitidamente nas cópias dos índices depositados no espólio de Curt Nimuendaju e que foram analisadas. O primeiro conjunto de índices registra cerca de 1.100 nomes tribais e 818 referências bibliográficas. Parece ter sido o instrumento básico de trabalho. A etapa seguinte está representada pelos índices com legendas em inglês, datados de 8 de janeiro de 1942 com 880 referências bibliográficas. Trata-se seguramente dos índices que acompanham o mapa pertencente à Smithsonian Institution. A terceira versão dos índices contém 889 referências bibliográficas datilografadas e anotações manuscritas do autor até o número 972. Possivelmente seja esta a cópia que integra o mapa do Museu Paraense Emílio Goeldi. Finalmente, o quarto conjunto de índices registra cerca de 1.400 grupos indígenas e 972 referências bibliográficas. Os originais deste último se encontram na biblioteca do Museu Nacional e com base nele procedeu-se à revisão crítica do mapa, ora publicado.

Trabalhando com todos os documentos acima mencionados, a fim de captar os objetivos do autor, e cotejando os mapas de 1943 e 1944, a evolução e dinâmica que cunharam a feitura do mapa ficaram muito claras. Foram atualizados pelo autor, até o último momento, o mapa e os índices originais do Museu Nacional, os quais trazem numerosos acréscimos e correções manuscritas. E o próprio autor confirmaria a preocupação de atualização, na carta de 22 de dezembro de 1944, esclarecendo: (...) "As informações do Sr Galvão, bastante valiosas, chegaram quando a embalagem do mapa já estava feita, faltando apenas algumas horas para o despacho. Com tudo, ainda fiz as modificações de acordo com os dados dele, incluindo o seu nome no Indice Bibliográfico (que abrange também os informantes particulares) e no Indice de Autores." Essa referência consta manuscrita no índice original com o número 973.

Embora ocupando plenamente seu tempo com a tradução dos manuscritos e a confecção do mapa, Curt Nimuendaju sonha ainda com "as matas sombrias dos Tukuna" e, em 1945, restabelecida a saúde, ele programa uma nova viagem ao Solimões para ampliar o material lingüístico e sua coleção de lendas Tukuna.

Ao índio Nino, seu amigo e informante Tukuna, escreve em 15 de abril de 1944: "... creio que até o começo do inverno vindouro eu voltarei. A história de Taáena eu mandei para o Rio, e de lá elles me responderam *que era uma das coisas mais lindas que já tinham visto*" (grifo do autor). Deixando transparecer sua profunda identificação com os índios Tukuna, ele continua: "Pois nos dois temos de escrever ainda muitas outras historias destas, e só por causa disto eu não posso deixar de voltar."

Porém, essas histórias ficariam por escrever. Continuariam ao abrigo e no acervo da memória tribal. Curt Nimuendaju falece súbita e inesperadamente no dia 10 de dezembro de 1945, entre estes mesmos Tukuna, seus amigos de longos anos.

* * *

Com a morte deste grande e singular pesquisador — alemão de nascimento, brasileiro por adoção e índio por identidade e afeição — a etnologia brasileira perde um dos seus maiores expoentes.

A partir do momento da morte do autor torna-se difícil a reconstituição da trajetória do mapa de 1944. Pelo que se pôde apurar, Heloisa Alberto Torres fez reiteradas tentativas junto a órgãos oficiais para publicá-lo, deparando com a mesma dificuldade já sentida pelos editores do *Handbook of South American Indians*: o grande número de cores empregadas para identificar a classificação lingüística, além da quantidade de informações contidas no mapa. Assim, paradoxalmente, a multidimensionalidade pretendida e conseguida pelo autor, acabou por se constituir no maior entrave a sua publicação.

No entanto, não faltaram iniciativas para tornar acessível aos estudiosos o valioso documento. Em 1947, sob a coordenação da Diretora do Museu Nacional, é feita pelo Prof. Tarcísio Torres Messias uma revisão do mapa e elaborado um fichário em que a cada nome tribal se acrescenta sua filiação lingüís-

tica. Anos depois, provavelmente com alguma perspectiva de publicação, este fichário é revisado por uma equipe do Conselho de Proteção aos Índios, então sob a Presidência de Heloisa Alberto Torres.

Deve datar desta época o volume de índices mimeografados que circula entre os especialistas e em que consta, entre parênteses, posposto ao nome tribal, a sua classificação lingüística. Procurava-se superar, desta maneira, o sério empecilho das cores do mapa, permitindo uma publicação em preto e branco, sem que se perdesse a informação lingüística. Todavia, neste conjunto mimeografado, o índice de autores está acrescido de uma referência bibliográfica ulterior à de Eduardo Galvão, de n.º 973, a qual, a julgar pela correspondência de Curt Nimuendaju com o Museu Nacional, teria sido a última referência incluída. Trata-se da menção bibliográfica 974, referente a João Aspilcueta Navarro — *Carta do Porto Seguro*, sobre os índios Caeté-Guassu, grupo que não está assinalado no mapa do Museu Nacional e não consta dos índices originais do autor.

Em 1964, por iniciativa de Roberto Cardoso de Oliveira, então Chefe da Divisão de Antropologia do Museu Nacional, o mapa de 1944 foi redesenhado e a nova cópia multiplicada com o intuito de divulgar o trabalho de Curt Nimuendaju. Esta reprodução é incorrentemente considerada por muitos como cópia heliográfica do mapa de 1944. Nela, além da óbvia omissão das cores, limitação superada pelo acréscimo dos nomes das famílias lingüísticas no índice, e de alguns erros ortográficos dos nomes tribais, perdeu-se também, em muitos casos, o contraste entre o passado e o presente, estando representadas, com os mesmos tipos gráficos, tribos existentes e tribos extintas, distinção essa que Nimuendaju considerava essencial e obtinha utilizando três tipos diferentes de letras. Esta dificuldade já surgira por ocasião da impressão do mapa no *Handbook of South American Indians*, e em correspondência trocada com o editor, Nimuendaju reafirma a importância da diferenciação: "Todos os mapas ethnographicos da America anteriores ao meu tem o defeito de não distinguir o presente do passado, e foi esta grave inconveniencia que me levou a elaborar um mapa onde essa distinção fosse claramente representada." No *Handbook* adotou-se o procedimento de marcar a

distinção entre sedes atuais, sedes abandonadas de grupos existentes e grupos extintos, por formas diferentes de linhas sotopostas.

Agora, decorridas quase quatro décadas, concretiza-se afinal o que sempre fora dado como tarefa impossível: divulgar o mapa etno-histórico na concepção do autor. Não medindo tempo nem esforços o IBGE interpretou e procurou reproduzir, através de múltiplos e complexos recursos gráficos, o pensamento etnográfico e lingüístico de Curt Nimuendaju.

* * *

Antes de passar à discussão da grafia dos nomes tribais, vejamos as expectativas lingüísticas de Nimuendaju em face da sua abordagem etno-histórica dos povos indígenas brasileiros. Nas *Observações* que introduzem os índices fica evidente a preocupação do autor de acrescentar ao registro de migração e extinção dos grupos tribais uma classificação lingüística.

Com a meticulosidade que caracteriza toda a sua obra, ele ressalta: "Só inclui nas famílias linguísticas as línguas claramente relacionadas... Só classifiquei aquellas das quais existem vocabularios, gramaticas ou textos, ou a afirmação de que a língua era idêntica com alguma assim documentada, por parte de uma pessoa de confiança que notoriamente tinha conhecimento de ambas." A forma, a que o autor recorre, para caracterizar as famílias lingüísticas assim determinadas consiste em identificá-las por faixas de diferentes cores.

A proposta lingüística do autor é de tal amplitude que, comprehensivelmente, ele não se deteve em especificar recursos ortográficos utilizados, dando margem, por vezes, a uma aparente discrepância entre as grafias dos índices e a dos mapas.

A primeira vista pode parecer difícil interpretar a motivação que teria levado um pesquisador habituado a transcrever com um rigor fonético ímpar seus dados a adotar princípios contraditórios, isto é, ora os grupos aparecem registrados na ortografia tradicional do português ora seguem orientação fonética. A análise e cotejo dos mapas do Museu Nacional e do Museu Goeldi, e dos respectivos índices, mostram que essa variação segue uma norma implícita e tem uma regularidade que é possível explicar.

Conforme já se mencionou anteriormente, Curt Nimuendaju tem a preocupação de ex-

plicitar, nas *Observações* que introduzem os índices, que usou recursos gráficos diferentes para distinguir grupos extintos, grupos existentes e aldeamentos abandonados. O estudo das variações da ortografia portuguesa e grafia fonética demonstra serem elas modos de reforçar a mesma informação. Assim, enquanto os extintos Canindé do Ceará e da Paraíba estão registrados com a ortografia portuguesa, para os Kanamarí, grupo do rio Purus ainda existente, é utilizada grafia fonética. Do mesmo modo, tem-se Kabiši, Arekuná, Arikapú, Wapiçana, Yurúna etc., grupos existentes, registrados em convenção fonética, e Cachiné, Arequena, Aricari, Uariua, Juruena etc., grupos extintos, para os quais é usada a convenção ortográfica do português.

Aparentemente em contradição com este critério está a ortografia de alguns nomes tribais como Convúgn, Kamakã, Koropó, Kumanaño, Naknyanúk, representados no mapa como grupos extintos, mas constando no índice de tribos com grafia fonética, portanto, como sendo tribos existentes. Assinala-se que no caso dos Convúgn a referência bibliográfica é do próprio Nimuendaju: o manuscrito *Uber die Botocudos*. A consulta a materiais lingüísticos inéditos do autor revela que, em suas pesquisas de campo, localizou ele alguns indivíduos destes grupos, recolhendo pequenos vocabulários e textos. Justifica-se assim a grafia fonética, embora não indicando no caso tribo aldeada mas apenas a certeza da existência de remanescentes.

Há algumas poucas exceções a esse princípio geral para as quais não se encontrou uma explicação. Não se pode nesses casos consultar as fontes bibliográficas para confirmar ou infirmar se seria uma situação análoga à exemplificada acima.

Outra aparente exceção é a grafia da tribo Canoeiros, que, embora sendo um grupo existente, segue a ortografia portuguesa. Trata-se, porém, de uma designação de origem não-indígena sendo, portanto, justificável a ortografia tradicional.

Através de flutuações ortográficas pode-se detectar ainda uma outra preocupação do autor: a de não perder a informação quanto à natureza e procedência das fontes bibliográficas. Os modos de proceder são vários. Um deles é registrar, de preferência no mapa, a forma antiga do português para os grupos extintos, como por exemplo Jundiah, Goya-

na, Uaboy, dando entrada no índice com a ortografia mais recente Jundiah, Goianá, Uaboi. A origem das referências também é mantida pela variação ortográfica. Por exemplo, tem-se nos índices as formas Coussani e Quiloaza e nos mapas Cussani e Quiloasa, variações essas que indicam serem os grupos extintos e que a fonte bibliográfica é francesa no primeiro caso e espanhola no segundo.

Variações como Tocantin e Canarin (índices) e Tocantim e Canarim (mapa) deixam mais uma vez evidente a preocupação do autor em manter o mais possível a informação das fontes. Esses grupos são mencionados historicamente como Tocantins e Canarins. Há, porém, a tradição de não se usar o plural para as denominações tribais. Nimuendaju mantém o *n* das fontes bibliográficas, retirando a marca de plural para a entrada no índice, e aportuguesando a ortografia no mapa.

A prática em distinguir pela ortografia grupos extintos e não-extintos é feita de modo mais sistemático quando o grupo está localizado em território brasileiro. Para os situados fora do Brasil, a tendência maior é manter a ortografia da fonte bibliográfica e a tradicional do País. Porém nos casos de fronteira, em que há a possibilidade de estar o grupo extinto ou não-extinto no Brasil, observa-se o cumprimento da regra em alguns casos. Deste modo é possível encontrar três grafias diferentes para um mesmo grupo. Por exemplo, ocorrem Tučinawa e Tuchinawa no mapa, e Tušinawa no índice. A entrada Tušinawa no índice indica que se trata de um grupo não totalmente extinto e a alternância Tuchinawa com Tučinawa, no mapa, indica que está extinto o grupo outrora localizado em território brasileiro, estando os remanescentes em país de língua espanhola.

Outras alternâncias têm implicações linguísticas. Os autores possivelmente teriam ouvido e registrado, segundo seus próprios hábitos auditivos, sons que na língua indígena estavam em variação livre. Assim, o autor registra, entre outras, variantes do tipo Aparai e Apalai, Kirikirisoto e Kirikiriscoto, Armacoto e Armagoto. O caso das vogais já não é tão aparente. Há maior gama de variação, provavelmente porque os autores não tinham recursos para reconhecer qualidades fonéticas diferentes das de sua língua de origem.

Embora algumas flutuações possam indicar apenas sinonímia, outras, porém, têm uma função suplementar. Por exemplo, o autor assinala no mapa as formas Kunibo e Kuniba, enquanto o índice registra apenas Kuniba. A manutenção das duas formas no mapa serve para distinguir, no caso, dois grupos de filiação lingüística diversa, sendo Kunibo, o grupo localizado no rio Ucayali, classificado como Pano e os Kuniba, do rio Juruá, da família Aruak. Inversamente, tem-se Paracoto e Paragoto, Armagoto e Armacoto no índice e, no mapa, apenas uma forma Paragoto e Armagoto. A manutenção dessas formas pode ter o objetivo de indicar localizações distanciadas dos grupos.

Ao leitor estudosso do mapa virá naturalmente a indagação do porquê de não se uniformizar a grafia dos nomes tribais, sobretudo por haver uma convenção já aceita (Revista de Antropologia, vol. 2, n.º 2, dezembro de 1954, pp. 150-156).

A opção de se manter ao máximo a grafia tal qual Nimuendaju usou deve-se aos motivos expostos no decorrer desta apresentação. Assim, tentou-se mostrar que as variações existentes nas grafias têm uma significação que parece importante preservar. Em primeiro lugar essa variação permite identificar o grupo quanto à sua extinção ou sobrevivência. Em segundo, fornece informações complementares às referências bibliográficas, permitindo inferir sobre a origem e época das fontes históricas. Em terceiro, traz possíveis indicações quanto às características dos sistemas fonológicos dos grupos. Ademais, Curt Nimuendaju se mostrava relutante em permitir mudanças na convenção por ele estipulada. A concessão que fazia era diminuir o número de diacríticos nas publicações, orientação que também adotou na confecção dos mapas e dos índices. Seu sistema, consistente e coerente, era utilizado em todos os seus trabalhos publicados na Suécia, Alemanha, França, Argentina e Estados Unidos da América, embora vários desses países contassem com alfabetos fonéticos próprios. Assim, sua grafia tem uma tradição que não se justificaria abandonar.

Finalmente, concretiza-se o desejo de Curt Nimuendaju e de todos ligados à etnografia, de ver divulgada a monumental obra etno-histórica dos povos indígenas brasileiros. O esforço de Nimuendaju só será recompensado

realmente pela reprodução a mais integral possível do trabalho por ele realizado.

Assim sendo, o critério que norteou a revisão das designações tribais foi o de manter os registros originais de Curt Nimuendaju, constantes na última e mais completa versão do mapa, elaborado para o Museu Nacional em 1944, e nos índices datilografados de tribos, autores e de referências bibliográficas que o acompanham. Ademais, foram incluídas no índice de tribos aquelas informações do mapa de 1943 do Museu Paraense Emílio Goeldi, que divergem do mapa de 1944.

Para a consecução desta tarefa foram cotejadas todas as versões dos índices e examinados minuciosamente os dois mapas. Em casos de dúvida foram consultadas, sempre que possível, as fontes citadas pelo autor.

Para melhor orientar a consulta do mapa e um maior aproveitamento dos índices foram introduzidos colchetes e algumas notações na forma de números superescritos às designações tribais no índice de tribos.

Os números superescritos significam:

(1) acréscimo no índice de nome tribal constante no mapa, mas não registrado no índice original;

(2a) informação de que o grupo tribal não está registrado, nem no mapa de 1944 nem no mapa de 1943;

(2b) informação de que o grupo tribal só está registrado no mapa de 1943, não constando no mapa ora publicado;

(3) informação de que a forma do índice corresponde à do mapa de 1943, divergindo da grafia no mapa de 1944;

(4) informação de que a forma está acentuada no índice, mas não no mapa de 1944;

(5) acréscimo de acento no índice nas formas acentuadas no mapa de 1944.

Observe-se que os superescritos (4) e (5) referem-se a questões de acento. A análise das versões sucessivas do índice de tribos evidencia que, no índice de 1944, o autor revela uma maior preocupação em marcar o acento tônico. Cumpre notar que nessa época se preparava também a edição do *Handbook of South American Indians* do qual Curt

Nimuendaju era colaborador. Pode-se admitir que esta preocupação tenha advindo da divulgação extensa de suas monografias, o que o levou a sentir a necessidade de fornecer maiores indicações para a leitura correta dos nomes tribais. Por ser o procedimento de marcar o acento mais frequente no índice, optou-se por assinalar com o superescrito (4) as formas não-acentuadas no mapa ao invés de corrigi-las, e colocar o acento no índice nas formas que o tem no mapa, marcando-as com o superescrito (5). Deste modo mantém-se as informações constantes nos originais, sistematizando no índice as tendências que a análise revelou.

Embora este trabalho tenha-se norteado pelo princípio de evitar introduzir quaisquer modificações no mapa, quanto aos nomes tribais grafados ora com, ora sem acento, foi preciso, por motivos técnicos, optar por uniformizar sua acentuação no mapa. Estão neste caso as seguintes designações tribais: Corôados, Desána, Galibí, Guegué, Kuruáya, Kaniçána, Mirânya, Piaróá, Poyicá, Šakriabá, Sáliva, Tupinambá, Tukána-T., Tobajára, Temiminó, Wapišána, Witóto, Wariwa-T., Warekéna, Yúma. Procedimento idêntico foi adotado no caso dos diacríticos: Katawiší Kaiguá, Kréyé, Mašakarí. Por não estar acentuado o nome tribal Timbira no índice, porém alternar no mapa, uniformizou-se neste a grafia sem acento.

As formas entre colchetes, ao final de uma indicação tribal, correspondem à grafia registrada no mapa de 1944 que diverge da grafia do índice.

No índice de 1944, Curt Nimuendaju adota o procedimento de entradas remissivas para nomes tribais sinonímicos. É provável que esta inovação se deva à influência do *Handbook*. Em todos os casos a designação que aparece no mapa é a forma remetida. Em apenas três casos, Aconan, Tauandê e Maripisana, remetidas para Wakóna, Tauítê e Marabitana, respectivamente, estão registradas, no mapa as formas de remissão. Decidiu-se, nesses casos, não sistematizar o procedimento geral, mantendo no índice, entre colchetes, as designações do mapa, com vistas a não alterar o registro original de Nimuendaju.

Proceder à revisão e apreciação ortográfica do mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju foi como acompanhá-lo aos igarapés sombrios do Solimões, penetrando através de meandros tortuosos. Paulatinamente foram se desvendando os caminhos e o sistema subjacente às aparentes incongruências. A grande recompensa desse trabalho foi constatar que há sempre regras coerentes e consistentemente aplicadas: as informações etnográficas, históricas e lingüísticas se inter-relacionam de forma harmoniosa e precisa.

SIGNIFICADO E EFEITOS DA PUBLICAÇÃO DO MAPA ETNO-HISTÓRICO DE CURT NIMUENDAJU PARA A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

George de Cerqueira Leite Zarur

Uma grande perda que sofre a antropologia de hoje é a da visão de conjunto. O conhecimento intensivo de uma realidade particular, um grupo indígena, uma favela carioca ou uma pequena comunidade nordestina, acoplado a preocupações teóricas preenche a maior parte da experiência do antropólogo de hoje. Embora com anos de pesquisa de campo em grupos indígenas específicos, Curt Nimuendaju soube situar seu interesse e sua vivência de certas tribos em um contexto muito amplo. A primeira dimensão do tamanho deste contexto nos é fornecida pela visão histórica de seu mapa. Os grupos indígenas já referenciados pela bibliografia, desde a mais antiga, estão representados no mapa. O índice bibliográfico que a acompanha exprime um intenso trabalho de seleção das fontes mais seguras sobre as diversas tribos. Do prisma do espaço, as localizações conhecidas de grupos indígenas abarcam o universo geográfico do território brasileiro e algumas áreas limítrofes da América do Sul. Este incrível esforço em sintetizar todas as informações existentes sobre a localização de tribos indígenas em diferentes tempos, será uma referência obrigatória em todos os futuros estudos sobre índios realizados no Brasil.

O mapa resume a bibliografia publicada até 1944, cobrindo os grupos indígenas conhecidos até este ano. Depois de 1944, outras tribos foram encontradas na Amazônia, não estando, portanto, nele representadas. Alguns poucos grupos, por outro lado, mudaram de localização. Tais aspectos, porém, têm um efeito mínimo no julgamento do enorme valor do trabalho. A discussão destes aspectos significará a abertura de uma interessante área de debate como um dos efeitos previstos da sua divulgação.

A publicação deste instrumento básico de pesquisa vem responder também à necessi-

dade em situar histórica e geograficamente os estudos antropológicos. De fato, a perspectiva durkheimiana de "se explicar o social pelo social" é levada, por vezes, demasiadamente longe. Aspectos históricos e geográficos aparecem como "pano de fundo" em diversos estudos e não como o primeiro momento lógico do processo explanatório. Para que se reafirme a relevância em geral reconhecida e em geral pouco seguida dos fatos históricos e geográficos no processo explanatório, é fundamental que informações de base sobre tais aspectos sejam divulgadas. Creio que tal subfase geográfica e histórica resulta não somente de decisões intelectuais, mas também em grande parte da falta de informações disponíveis sobre estes campos, de um prisma instrumental para o trabalho do antropólogo. A massa de material histórico-geográfico que o mapa de Nimuendaju resume será um passo fundamental no sentido de tornar tais materiais histórico-geográficos acessíveis a antropólogos. A grande concentração de informações contidas nas páginas deste volume certamente implica a difusão das centenas de fontes bibliográficas citadas. Este mapa, portanto, é um trabalho que funciona como aglutinador de todo um conhecimento antes fragmentário e disperso.

Uma boa ilustração da segurança que a inclusão, ao nível do modelo explanatório, de fatores geográficos oferece, surge, por exemplo, de uma velha discussão atualmente reacesa. Já há muito que a antropologia reconhece diferentes tipos de grupos indígenas nas "terras baixas da América do Sul" (leia-se América do Sul, menos os Andes). Uma das principais distinções é a que separa o que Steward (1950) chamou de "grupos de floresta tropical" e o que ele chamou de "grupos marginais". Embora esta tipologia esteja superada por novas informações empí-

ricas, não há dúvida que existe um contraste marcante entre os grupos indígenas do tronco lingüístico Jê, em sua maioria habitando a região do Brasil Central, e os habitantes da floresta amazônica. Enquanto os Jê possuem complicados sistemas de metades, classes de idade e, em alguns casos, grupos de descendência, os grupos conhecidos como de "floresta tropical" possuem uma estrutura de maior simplicidade, com as diferenças entre os sexos como o principal critério de organização social. Enquanto os Jê têm uma economia baseada na agricultura, caça e na coleta, índios como os do Xingu, da floresta tropical, têm uma economia baseada na agricultura e na pesca.

Bramberger (1971), em um interessante artigo, compara os Kayapó, um grupo Jê, com os índios do Xingu. Os Kayapó não habitam uma área claramente definida de campos cerrados como os outros Jê. Pelo contrário, parte dos grupos Kayapó vive em um ambiente caracterizado como de floresta tropical. Dada a semelhança de *habitat* entre os Kayapó e os Xinguanos, e dada a semelhança do aspecto tecnológico e de estrutura social entre os Kayapó e os demais Jê, Bramberger conclui que o meio-ambiente não tem nada a ver com os diferentes tipos de economia. A explicação das diferenças econômicas estaria na "visão de mundo" que os dois tipos de estrutura social apresentam.

A consequência de tal postulado, estranho para os historiadores e talvez incrível para os geógrafos, mas comum entre antropólogos, é o reforço do velho ponto de vista durkheimiano ("o social pelo social") — "a cultura se explica por si mesma".

A resposta a Bramberger pode ser encontrada em um recente texto de Ross (1978), que tenta, com dados insuficientes, mostrar que as regiões habitadas pelos índios Kayapó e os Xinguanos são diferentes, razão pela qual tais grupos teriam culturas também diferentes. Assim como a posição de Bramberger radicaliza uma conspícua perspectiva teórica estruturalista, a de Ross repete em Ecologia cultural um determinismo do meio, igualmente corriqueiro na comunidade antropológica internacional.

Bramberger acerta na constatação de que os meio-ambientes habitados pelos Kayapó e Xinguanos sejam semelhantes. Mas sua explicação falha por não considerar uma geografia

mais ampla que os restritos ambientes em que habitam estas populações. Fatores como, por exemplo, as migrações históricas que sofreram estes grupos indígenas há mais de cem anos.

De fato, os índios Kayapó vieram de um meio tipicamente de cerrado sendo que sua cultura atual pode ser vista como um momento de um processo de mudança, adaptando-se a um meio diverso. Comparando os Kayapó com os demais Jê do Brasil Central, torna-se aparente que os recursos dos rios e das matas têm para eles a maior importância, efeito do processo adaptativo ao novo habitat. Tal bom senso na explicação, sem tentar entender cultura e sociedade apenas por elas mesmas ou lançando mão de um meio ambiente natural, limitado e estático, encontrará uma segura base empírica no mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju.

Esta visão mais ampla poderá gerar modelos mais eficientes que os atuais para estudos de *carrying capacity* realizados tanto por geógrafos como por antropólogos. De fato, tais pesquisas, estratégicas para uma política de ocupação racional da Amazônia, apresentam alguns sérios problemas. De longe, o mais grave é exatamente o apontado acima, o da limitação do espaço habitado por uma população em um único tempo. Os deslocamentos históricos e a carga de tradições culturais oriundas de adaptações a outros meio-ambientes são simplesmente ignorados. O resultado são modelos que podem chegar a diferentes índices demográficos para diferentes formas de tecnologia, dado um determinado meio-ambiente. Mas os modelos não explicam as diferentes capacidades adaptativas de populações diversas neste mesmo ambiente.

Outro ponto que cabe ressaltar é o da relevância das informações histórico-geográficas sintetizadas no mapa para a teoria do contato interétnico. Para nós, antropólogos brasileiros, tal aspecto é de especial relevância, dado o peso da teoria do contato na nossa Antropologia.

Aspectos históricos e geográficos nela assumem ênfase explícita pela consideração dos tipos de atividade econômica desenvolvidos pelas diferentes frentes pioneiras (Roberto Cardoso de Oliveira — 1972). Os tipos de frentes extrativas, por exemplo, remetem dire-

tamente ao aspecto histórico e geográfico. Por ser uma abordagem que parte da concretude das relações econômicas e sociais, automaticamente considera tais elementos com a devida força na explicação.

Embora tenha a visão do todo como premissa, a teoria do contato interétnico, ao situar-se como instrumento para o estudo de situações particulares, pode perder algo de seu alcance. A publicação do mapa contribuirá para os estudos de contato, não só com informações em pesquisas específicas, como também com uma visão histórica do que ocorre com diversos grupos indígenas nas diferentes áreas geográficas dotadas de tipos particulares de atividade econômica. O lado generalizante da teoria do contato, dispondo do mapa de Nimuendaju, contará com uma amarra essencial. Será possível, a partir dela, um avanço da compreensão globalizante do contato interétnico por estudos comparativos da relação tipo de frente pioneira — efeitos sobre grupos indígenas (Roberto Cardoso de Oliveira — Op. cit.). Ao mesmo tempo, questões relevantes serão obtidas sobre os diversos graus de resistência ao contato dos diferentes tipos de estruturas sociais.

Por exemplo, se numa área geográfica X, em um mesmo tempo, o grupo A desapareceu, o B continuou no mesmo local, e o C migrou, a busca da explicação para tais consequências diferenciais do contato será mais uma pergunta entre as muitas que o mapa oferece (Laraia e Matta, 1967).

Do prismado contato interétnico, as principais variáveis a serem trabalhadas a partir do mapa, são os tipos e subtipos de frentes pioneiras segundo o período histórico e as estruturas sócioculturais dos grupos indígenas segundo a área e o período histórico. Os efeitos possíveis da combinação destas variáveis seriam a extinção total ou parcial dos grupos indígenas, migrações em busca de regiões de refúgio ou alguma forma de acomodação. Outra possível consequência é simplesmente o bloqueio do avanço da frente pioneira em uma região por um dado período de tempo — É possível que os grupos caçadores tenham maior capacidade de resistência cultural, baseada em uma mais eficiente estrutura militar.

A divulgação do mapa de Nimuendaju não só trará uma base firme para estudos de impacto sócio-cultural e ecológico sobre as populações e áreas indígenas, como também fornecerá subsídios para se inferir o comportamento das frentes pioneiras nacionais. Os historiadores ou os sociólogos, interessados em encontrar momentos de atividade econômica e migrações mais intensas de frentes de expansão nacional, terão um instrumento essencial no mapa — a pressão histórica das frentes nacionais poderá ser indiretamente medida pela movimentação no espaço dos grupos indígenas.

Outros usos e perguntas a partir do mapa serão levantadas. Sua publicação vem tornar acessível ao pesquisador uma obra clássica da Antropologia brasileira.

MAPA ETNO-HISTÓRICO

Observações

CURT NIMUENDAJU

1) O Mapa não se baseia em trabalho etno-geográfico de outro autor nenhum. Os dados bibliográficos, as informações particulares e os estudos e observações pessoais minhas à respeito foram acumulados durante alguns dezenas de anos.

2) Elle se distingue de todos os outros trabalhos congêneres pela tentativa de conseguir uma perspectiva histórica afim de evitar os anacronismos que enxameiam naquelas.

Essa perspectiva procurei obter com os meios seguintes:

a) Distinguindo tres formas de letras para os nomes das tribus:

- A para as localizações actuais das tribus.
- A para a localização das sedes históricas de tribus existentes (sedes abandonadas).
- A para tribus extintas.

b) Registrando abaixo do nome da tribo extinta ou emigrada o ano em que foi documentada no logar ou pelo menos o século, e indicando com uma seta o rumo da migração. Isto porem em muitos casos não foi possível devido ao carácter impreciso dos dados.

3) A classificação linguística da quasitotalidade das tribus linguisticamente documentadas foi examinada ou mesmo feita por mim. Só em alguns casos em que o material não me foi ainda accessível adoptei a classificação de autoridades como Rivet, Koch-Grünberg, etc.

Distingui entre línguas classificadas em famílias, línguas isoladas e línguas desconhecidas. As primeiras trazem embaixo a faixa (sedes actuais), a linha (sedes abandonadas) ou os pontinhos (tribus extintas) na cor da

respectiva familia. As segundas são sublinhadas de preto, as terceiras deixei em branco. Só inclui nas famílias linguísticas as línguas claramente relacionadas, deixando como isoladas um numero de línguas que Rivet p. ex. incluiu em alguma família estabelecida, ao meu ver, porém, com provas insuficientes. Dei também como desconhecidas certas outras línguas que Serrano, Canals Frau etc classificaram por meio de escassos e duvidosos nomes pessoais e geográficos. Só classifiquei aquellas das quais existem vocabularios, gramáticas ou textos, ou a affirmatione de que a língua era identica com alguma assim documentada, por parte de uma pessoa de confiança que notoriamente tinha conhecimento de ambas. — O fim disto é demonstrar claramente o que se fez e o que está por fazer.

4) Sendo 40 o numero de famílias linguísticas representadas no Mapa, impossível foi distinguirlas todas com cores claramente diferentes. Tive de utilizar a mesma cor para tres ou quatro famílias distintas, tendo porém sempre cuidado de aplicar a mesma cor só para famílias localizadas em regiões distantes uma da outra. Com tudo reconheço que isto constitue um inconveniente para principiantes, mas não achei meio de evita-lo.

5) Pela sua natureza o Mapa não pode representar um trabalho definitivo mas apenas uma tentativa que possa servir de base para trabalhos futuros. Devia ser completado e corrigido constantemente, de acordo com os dados que vão chegando. Para muitas zonas foi-me impossivel obter informações recentes, e tive de basear-me em dados de ha 20 ou 30 anos atrás. O SPI que, pela sua natureza, devia ser a fonte principal para a localização actual das tribus falha completamente, pois os seus funcionários muitas vezes mesmos nem sabem com que tribo estão lidando: Major Amarante em 1921 qualificou de "Tupys" uma

tribu de Múra, e Jacobina em 1932 de "Guaranys" os Kamakã. Qualquer pessoa com estudos etnograficos ou historicos regionaes encontrará no Mapa erros e lacunas, e eu teria a maxima satisfação si estas me fossem apontadas.

6) O Mapa está quadriculado, trazendo as columnas verticaes dos quadrados as letras A — I e as horizontaes os numeros 1 — 10. Estes quadrados não correspondem a intervalos entre graus de latitude e longitude, mas são traçados arbitrariamente, isto devido a ter-me sido impossivel conseguir aqui um instrumento com radios sufficientes para traçar meridianos e paralelos. Sei que isto constitue um feio defeito tecnico, mas não pude evita-lo.

7) O mapa está acompanhado de tres indices que se encontram, devidamente rotulados, na caixa do manuscrito C.:¹

a) O Indice Bibliografico cita, numerados mas sem ordem alfabetica, na proporção como delles tomei conhecimento, todas as publicações e pessoas em que se baseiam a localisacao e a classificação linguistica das tribus, omitindo porém as publicações que não se referem a esses dois assumptos.

b) O Indice de Tribus traz em ordem alfabetica os nomes e os sinonimos mais necessarios das tribus localizadas no Mapa. Atraz de cada nome está indicado em primeiro lugar o quadrado do Mapa onde elle se encontra, e em segundo os numeros do Indice Bibliografico das fontes em que se baseiam localização e classificação.

c) O Indice de Autores traz em ordem alfabetica os nomes de todos os escritores e informantes particulares, utilizados por mim, e atraz de cada nome o numero do Indice Bibliografico que a elles se refere.

C.N.

(1) O autor refere-se ao manuscrito sobre a tribo Canela.

ÍNDICE DE TRIBOS

Nota prévia do Setor de Lingüística do Museu Nacional

Foram acrescentadas ao índice original informações relativas às designações tribais mediante o uso de números superescritos e colchetes.

Os números significam:

- (1) *Acréscimo no índice de nome tribal constante no mapa, mas não registrado no índice*
- (2a) *Grupo tribal não registrado nem no mapa de 1944 nem no de 1943*
- (2b) *Grupo tribal registrado somente no mapa de 1943 e não incluído, portanto, no mapa ora publicado*
- (3) *Grafia do índice correspondente à do mapa de 1493 divergindo da do mapa de 1944*
- (4) *Nome tribal acentuado no índice, mas não acentuado no mapa*
- (5) *Acréscimo de acento aos nomes tribais, não-acentuados no índice, mas acentuados no mapa de 1944.*

As formas entre colchetes correspondem à grafia registrada no mapa de 1944 que diverge da do índice.

Reproduziu-se na coluna à direita a classificação lingüística, conforme adotada por Curt Nimuendaju no mapa. Esta informação não consta nos casos em que a língua é considerada, pelo autor, como de filiação desconhecida.

INDICE DE TRIBUS

Abaeté: F 6: 27.	
Abani: B 1: 441, 491.	
Abatibe: D 7: 400.	
Aberiana ⁽³⁾ : B 2: 441, 454, 808. [no mapa Abiriana]	
Abipón ⁽⁴⁾ : C 9, D 8, D 9: 30, 102, 284, 444, 778, 803	Guaykurú
Abira ^(2b) : C 1: 441.	Čapakura
Abitana-Wanyam: C 5: 543, 841, 842.	
Aboba: C 5: 19, 45, 46.	
Abucheta: C 7: 778, 786, 803.	
Acariana: B 2: 441, 808.	
Achagua: A 1, A 2, B 1: 14, 281, 300, 344, 441, 448, 465, 495, 545, 546, 808, 856, 925.	Aruak
Achirigoto: C 1: 441.	Otuké
Acioné: D 6: 19.	
Aconan v. Wakóna.	
Aconguacú: G 3: 301, 906. [no mapa Aconguassú]	
Acoqua v. Akokwa.	
Acriú ⁽⁵⁾ : G 3: 389.	
Acutí-T. ⁽¹⁾ : B 2.	Áruak
Agá: D 8: 275, 284, 778, 932.	Guaykurú
Aguanatio: A 3: 320.	Tupí
Aquaricoto: B 1: 441.	
Aguilot: C 7, D 7: 768, 786, 803.	Guaykurú
Aguitegedichagá: D 6: 439, 778.	Zamuko
Aicá v. Waiká.	
Aiquare (= Curacirari?): B 3: 194, 320, 875.	
Aimoré: G 6: 1, 19, 63, 64, 259, 280, 284, 290, 291, 302, 773, 822, 823, 906.	Tupí Širianá
Aiuaterí ⁽⁵⁾ : C 2: 943.	
Ajure: B 2: 441, 808.	
Akawai: C 1, D 1, D 2: 14, 19, 454, 455, 480, 572, 806, 808, 812, 817, 955, 958.	Karib
Akokwa: E 2: 440, 578, 799, 800.	
Akroá: E 6, F 4, F 5, G 4, G 5: 19, 30, 239, 272, 302, 325, 364, 365, 366, 371, 373, 375, 377, 380, 386, 405, 759, 877.	Gê Gê
Akroá-Gamellas: F 3: 906.	Karib
Akuria: D 1, D 2, E 2: 14, 19, 801, 802, 808, 812.	
Akwé-Šavánte ⁽⁴⁾ : E 5, F 4, F 6: 11, 19, 45, 191, 225, 244, 262, 366, 369, 370, 371, 372, 376, 377, 390, 397, 759, 877, 922.	Gê
Alaruá: B 3.	
Allentiak v. Huarpe:	
Amahuaka: A 4, A 5: 47, 186, 187, 188, 189, 190, 573, 698, 784, 832.	Pano
Amanayé: F 3, G 4: 19, 150, 166, 191, 267, 270, 272, 296, 364, 365, 370, 391, 392, 403, 437, 554, 555, 556, 557, 734, 760, 761, 906.	Tupí
Amanajú ⁽⁴⁾ : D 3: 221.	
Amariba: C 2, D 2: 19, 454.	Aruak
Amarizana: A 2: 14, 925.	Aruak
Amena-dyapá: A 4: 573. [no mapa Amena-Dy.]	Katukina
Amikwan: E 2: 19, 440, 578, 800, 951.	
Amniapé: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Amoipira: G 5: 19, 68, 302, 364, 386, 755, 906.	Tupí
Amorua: B 1: 14.	Aruak

Anacé: G 3, H 3: 19, 312, 379, 380, 381, 388, 389, 906.	
Anajá: E 3: 19, 284, 330, 336, 528.	Tupí
Anambé: E 3: 191, 267, 550, 554, 558.	
Anapurú: G 3: 325, 365, 386, 394, 906.	
Andirá (= Maué?): D 3, E 3: 19, 194, 383, 906.	
Angaité: D 7: 100, 134, 442, 814.	Maskoy
Anhangatininga: C 4: 906.	
Anibá: D 3: 19, 292.	
Anicum: E 6: 19.	
Ankêt: G 6: 4.	Botocudo
Aoaqui v. Awaké.	
Anta v. Tapiraua.	
Anunzé: D 5: 155, 482, 563.	Nambikwára
Apacachodeguo: D 7, D 8: 627, 788.	Guaykurú
Apairandé: C 4: 884.	Tupí
Apalai v. Apará.	
Ápama: D 3, E 2: 194, 221, 223, 554, 967.	Tupí
Apányekra: F 4: 19, 30, 370, 695, 697, 754, 759, 762.	Gê
Aparái: E 2, E 3: 433, 458, 483, 554, 592, 664, 760, 783, 802, 881, 882, 967.	Karib
Apelhou: E 3: 797.	
Apiaká (Rio Tapajoz): D 4, D 5: 19, 24, 29, 37, 45, 243, 251, 289, 360, 361, 477, 525, 526, 530, 761, 879.	Tupí
(Rio Tocantins) v. Arára.	
Apinayé: F 4: 19, 45, 150, 177, 222, 272, 348, 365, 366, 368, 370, 372, 373, 376, 377, 390, 409, 536, 548, 606, 617, 754, 759, 796, 848, 877, 889.	Gê
Aponegicran v. Apányekra.	
Aporoño: B 6: 656.	
Apotianga: F 3: 287, 383, 906.	
Apotó: D 3: 19, 247, 271.	Tupí
Aracajú: E 3: 19, 30, 217, 221, 528.	Tupí
Arachane: E 9: 19, 865.	Tupí
Aracureono: B 6: 656.	
Arae: E 5: 19, 253, 373, 375, 397.	
Aramayu: E 2: 578.	
Aramiô: E 2: 240, 578.	
Aramuru: H 4: 819.	
Araná: G 6: 65, 546, 826, 852.	Botocudo
Aranhí ⁽⁵⁾ : F 4, G 3: 284, 292, 325, 364, 365, 386, 394, 906.	
Araona: A 5, B 5: 14, 805, 886.	Takana
Arapaço-Tapuya ⁽³⁾ : B 2: 19, 489, 846. [no mapa Arapáso-T.]	Tukana
Arapiyú: D 3: 194, 221, 233, 283, 906.	
Arára (Rio Oyapock) ⁽⁴⁾ : E 2: 508.	
(Rio Xingú-Tocantins): E 3, E 4, F 3: 10, 23, 25, 191, 251, 267, 420, 555, 559, 632, 753, 761, 914.	Karib
(Baixo Madeira): D 3, D 5, G 3: 4, 19, 194, 228, 270, 271, 272, 282, 305, 341, 342, 528, 906, 923, 972.	
(Rio Machado): C 4: 45, 228, 309, 311, 761, 906, 962.	
(Rio Mamoré): C 5: 842.	
Arára-Tapuya (Rio Içana): B 2: 854. [no mapa Arára-T.]	Aruak
Araráwa ⁽⁴⁾ : A 4: 187, 638.	Pano
Arary: G 7: 19, 270.	
Aratú: E 3: 194, 284, 287.	
Aráua: B 4: 4, 45, 193.	Karib
Arauakí: C 3, D 3: 19, 150, 194, 284, 287, 292, 341, 428, 513, 522, 523, 528, 906, 936.	
Aravirá (= Boróro do Cabaçal) ⁽⁵⁾ : D 6: 19. (V. Boróro)	Otuké
Arawak: C 1, D 1, D 2, E 1, E 2, E 3: 14, 19, 274, 298, 334, 440, 448, 454, 455, 459, 460, 480, 670, 678, 797, 799, 800, 808, 958.	Aruak
Arawine: E 5: 834.	Tupí
Arayó: G 3: 365.	
Arda: A 3: 22, 564, 565, 566, 567.	Isolada
Aré v. Ivaparé.	
Arebocono: B 6: 886.	
Arekuná: C 2: 19, 101, 480.	Karib
Arequena: D 3: 27.	
Areviriana: B 2: 441, 448, 808.	
Ariane: E 2: 440, 811.	

Aricari: E 2: 274, 334, 440, 528, 578. [no mapa também Arikari]	
Aricobé: F 5, G 5: 4, 302, 377, 381, 819.	Tupí
Arihini-Baré: B 2: 19, 341, 489.	Aruak
Arikapú: C 5: 543, 841, 842.	Gê
Arikém: C 4, C 5: 240, 322, 510, 563, 569, 751, 918.	Tupí
Arinagoto: C 1, C 2: 19, 441, 454, 491.	Karib
Arino: D 4: 19, 221.	
Aripuaná: C 4: 194, 528, 906. [no mapa Aripuanã]	
Aritú v. Aratú.	
Ariú: H 4: 417, 831, 931.	
Armagotu (Rio Camopí): E 2: 440, 800.	
Armacoto (Rio Caura) ⁽³⁾ : C 2: 528, 808. [no mapa Armagoto]	
Arouargue (= Arawak ²): E 2: 440.	
Aruá (Piauhy): G 4, H 4: 364, 405, 906.	
Aruá (Rio Mequens): C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Aruá (Marajó): E 2, F 2, F 3, G 3, G 4: 217, 282, 284, 287, 292, 294, 314, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 340, 383, 392, 403, 440, 528, 578, 743, 811, 906, 913.	Aruak
Aruac v. Arawak.	
Aruaqui v. Arauakí.	
Aruaší: C 5: 543.	
Arumá v. Yarumá.	
Arupá v. Urupá.	
Arupáy ⁽⁴⁾ : E 4: 555, 738.	Tupí
Aruro: B 2: 441, 491.	
Aryna ^(2a) : B 3: 627.	
Asepangong ⁽¹⁾ : C 2.	Karib
Ashluslay v. Sociagay.	
Assauinaui: B 2.	
Asuriní: E 3: 10, 420, 632, 738, 761, 845.	Tupí
Ataicaya: D 2: 807, 955. [no mapa Atacaya]	
Atalala: C 7, C 8: 778, 786, 803.	
Atorai ⁽⁵⁾ : D 1: 19, 440, 454, 455, 487, 806, 808, 953.	Aruak
Atruhá ⁽⁵⁾ : D 2: 468, 761.	Karib
Áture: B 1, B 2: 441.	
Auacachí ⁽⁶⁾ : D 3: 194, 317, 906.	Tupí
Aucuruy: B 3: 47.	
Auetí: E 5: 24, 665, 666, 814.	Tupí
Avahuahy: D 7: 400.	
Avantiu: A 4: 194, 195.	
Avaneni ^(2b) : B 1: 448.	
Awaké ⁽³⁾ : C 2: 101, 286, 440, 455, 488, 944. [no mapa Auaké]	Isolada
Axagua: A 1: 22, 298, 300.	
Ayáno: B 1: 454.	
Azáneni v. Tatú-Tapuya.	
Baená ⁽⁴⁾ : G 6: 4, 761.	
Baepuat: C 5: 937.	
Bahuána ⁽⁶⁾ : C 2, C 3: 194, 761, 899.	Aruak
Bahúk̄wa: A 2: 498, 760, 846.	Tukana
Bahúna v. Bahúk̄wa.	
Bakairí: D 5, E 5: 19, 23, 24, 45, 221, 225, 270, 360, 445, 530, 665, 666, 766, 814, 829, 879.	Karib
Bakué: G 6: 65.	Boticudo
Baníwa ⁽⁵⁾ : B 2: 19, 446, 456, 458, 465, 466, 491, 498, 499, 753, 783.	Aruak
Bará: B 3: 456, 501, 683.	Tukana
Barakoto v. Parikotó.	
Barauana: C 2: 440, 489.	
Barbados (Maranhão): G 3: 290, 292, 325, 380, 383, 386, 436, 759, 906. (Alto Paraguai) v. Úmotina.	Aruak
Baré: B 3: 19, 30, 150, 446, 456, 458, 465, 466, 491, 496, 498, 753.	
Barinagoto: C 1: 441, 454.	
Baturité: H 3: 389.	
Baure: C 5, C 6: 284, 452, 660, 661, 662, 663, 886.	Aruak
Ben-dyapá: A 4: 185, 573, 971. [no mapa Beñ-Dyapá]	Katukina
Betoi: A 1.	Chibcha
Bicitiacap: C 5: 937.	
Biriouné (= Boróro da Campanha): D 6: 19. (V. Boróro)	Otuké

Bituruna: E 8, E 9: 19, 813, 868, 869.	Karib
Boanari ⁽⁵⁾ : D 3: 19, 285, 939.	
Boca v. Camboca.	
Boccas Pretas: C 5: 154, 510, 917.	
Bohane: C 9, D 9: 284, 439, 511, 539, 778, 781, 865.	
Boimé ⁽⁵⁾ : H 5: 515, 968.	
Bonari v. Boanari.	
Boro v. Miránya.	
Boró: D 5, D 6, F 6: 9, 19, 24, 45, 138, 225, 231, 240, 246, 266, 270, 272, 284, 301, 303, 373, 377, 452, 476, 514, 563, 666, 707, 708, 814, 838, 845, 878, 879, 907, 909.	Otuké
Boró da Campanha: D 6: v. Boró.	Otuké
Boró do Cabacal: D 6: v. Boró.	Otuké
Botocudos (Minas — Espírito Santo): G 6: 19, 21, 31, 34, 65, 67, 88, 95, 96, 97, 180, 185, 242, 284, 515, 516, 517, 826, 837, 852.	Botocudo
(Santa Catharina): E 8, F 8: 24, 80, 81, 87, 91, 93, 396, 583, 608, 878.	Gê
(Rio Ivahy) v. Ivaparé.	
Brancararú v. Pankararú.	Tukana
Buhágana: A 3: 456, 501.	
Buritiguara: E 5: 253.	
Buruburá v. Puruborá.	
Burué: B 3: 45, 47.	
Buskipani: A 4: 202.	Pano
Caaguá: E 8: 813, 865, 868.	
Caaró ⁽¹⁾ : E 8.	
Caapina: E 3: 194, 217, 221.	
Caboquena: D 3: 19, 284, 292.	
Cabre v. Caverre.	
Caburicena: C 3: 19, 150.	
Cachiné: G 8: 19.	
Cachirigoto: C 1: 441, 454.	
Cacygara: B 3: 816.	
Cadigué (= Payaguá): D 7: 19, 778.	Guaykurú
Cadiguebo v. Kadiuéo.	
Caeté: H 4, H 5: 19, 68, 259, 280, 284, 289, 290.	Tupí
Cafuana: B 3: 194.	
Cahicahy: G 3: 19, 260, 279, 292, 325, 365, 528, 906.	
Caimbé (= Massacará?): H 5: 220, 515.	
Caioá v. Kaiguá.	Zamuko
Caipotorade: D 6: 287, 539, 622, 786, 803.	
Calabacas: H 4: 302, 381, 389, 402.	
Calchaquí: B 8, C 9, D 8, D 9: 115, 116, 117, 284, 778, 782.	
Calchine: C 8: 781.	
Camarapin: E 3: 12.	
Camboca: E 3: 19, 194, 284, 287, 292, 314, 528, 906.	
Camiare: C 9: 902, 963.	
Canarin: H 6: 19, 270, 284. [no mapa Canarin]	Gê
Canellas v. Apányekra, Kénkateye, Ramkókamekra.	
Canindé (Ceará): H 3, H 4: 302, 379, 381, 385, 389.	
(Parahyba): I 4: 931.	
Canoeiros: E 5, F 5: 11, 19, 45, 168, 233, 267, 278, 366, 375, 376, 377, 463.	Tupí
Caouiri: B 2: 458.	Aruak
Capaná: C 4: 906.	
Capiecran v. Ramkókamekra.	
Capuena: B 2: 19.	
Caracará: D 8: 19, 778.	
Caracaty v. Krikatí.	
Caraguana ^(2a) : C 3: 816.	Aruak
Carahiah: B 2, B 3, C 2, C 3: 19, 30, 150, 194, 327, 936.	
Carambú: E 3: 555.	
Carapeuara: E 3: 223, 528.	
Carapoto: H 4, H 5: 19, 270, 272, 323, 381, 836, 897.	
Cararueni: C 3: 194.	
Caratiana v. Karitiana.	
Caratiú: G 4: 364, 386, 388, 906.	
Carcaraña: C 9: 511, 932.	

Cariai v. Carahiahay.	
Cariana (= Kaliána?): C 2: 489.	
Cariguana: E 2: 812.	
Carijó (= Guanarí): D 8, E 8, E 9, F 8: 19, 68, 255, 256, 259, 270, 275, 280, 282, 284, 290, 291, 906, 966.	Tupí
Carinuaca: B 2: 808.	
Caripó: G 4: 381, 773.	
Caripuna (Guayana): D 3: 19, 911. (Rio Madeira) v. Karipúna.	
Cariy v. Karirí.	
Caríu: G 4: 389.	
Caroto: C 2: 454. [no mapa Corote]	
Carnijó v. Fulnió.	
Cararueni: C 3: 194.	
Cataguá: G 6: 302.	
Catarioni: B 3, C 3: 194. [no mapa Caiarioni]	
Catauxy v. Katawisi.	
Catoayari: C 3: 194.	
Catrimbí ⁽⁵⁾ : H 5: 515.	
Cauacaua: B 3: 194.	
Cäuáná: E 3: 915. [no mapa Cauaná]	
Cauauri: C 3: 194.	
Cauixana v. Kayuišána.	
Cauni: B 3: 194.	
Caupuna: D 3: 247.	
Cautario (= Wanyám?): C 5: 19, 45, 46.	
Caverre: A 2, B 1: 19, 441.	
Caxago: H 5: 515.	
Cayastá: D 9: 781.	
Chaguan: C 1: 579, 809.	Waraú
Chakoi: D 2: 14.	Karib
Chama: B 5: 14.	Takana
Chaná: D 9: 509, 511, 781, 865.	Chaná
Chaná-Mbeguá: D 9: 511, 781.	Chaná
Chaná Salvajes: D 8: 781.	
Chaná-Timbú: C 9: 275, 511, 778, 781, 932.	Chaná
Chaparro ^(2a) : A 1: 14.	Karib
Charrúa: D 9, D 10: 159, 160, 270, 275, 284, 290, 439, 511, 539, 698, 778, 781, 865, 932.	
Chavante (Rio das Mortes) v. Akwé-Šavánte. (Rio Paraná) v. Oøyé-Šavánte. (São Paulo) v. Otí-Šavánte.	
Chechehet v. Tšetšehet.	
Chibcha: A 1: 726, 790.	Chibcha
Chicoana: B 7: 904.	
Chicriabá v. Šakriabá.	
Chikena v. Sikiana.	
Chiqui: E 8: 813, 868.	
Chiquitos: C 6: 19, 22, 45, 284, 452, 604, 623, 814, 886.	Chiquito
Chircoa: A 1, B 2: 14, 44.	Guahibo
Chircum: C 2: 440.	
Chiriva: B 2: 808.	
Chitarero: A 1: 790.	
Chiu: A 3: 194.	
Chocó: H 4, H 5: 19, 270, 381, 389, 408, 618.	Isolada
Chuena ⁽¹⁾ : A 2.	
Chukuna: A 2: 14.	
Chunupí: C 7: 778, 786, 803.	Aruak
Churapa: C 6: 162, 654, 655.	Vilela
Churoya: A 2: 14, 925.	Chiquito
Churumata: B 7: 904.	Guahibo
Ciparigoto: D 2: 801. [no mapa Ciparigote]	
Cipó: C 4: 45, 58, 345.	
Civitene ⁽¹⁾ : B 2.	
Coaní: E 3: 528, 906.	
Coeruna v. Koeruna.	

Colastiné: C 9: 511, 781. [no mapa Colistiné]	
Colima: A 1: 790.	
Comaní: D 3: 19, 241, 317.	
Comechingon: C 9: 116, 781, 902, 963.	
Condurí: D 3: 19, 194, 221, 247, 287, 320, 528, 875, 921.	
Congoré v. Kongoré.	
Corazos: C 7: 793.	
Corema: H 4: 302, 323, 931.	
Coretú v. Kueretú.	
Coroá (= Kayapó?): D 6: 23, 253.	Purí
Coroados (Minas): G 7, G 8: 19, 30, 31, 69, 215, 242, 270, 284. (São Paulo-Rio Grande do Sul) v. Kaingang.	
(Rio São Lourenço) v. Boróro.	
Coroatá: G 3: 272.	
Corondá ⁽⁶⁾ : C 9: 511.	
Corote: C 2.	
Cotoxô v. Kutasó.	
Couryenne: E 2: 578.	
Coussani: E 2: 340, 800. [no mapa Cussani]	
Coxiponé: D 6: 253, 890. [no mapa Coxipó]	
Crecmum ^(2a) : H 6: 19, 30, 447.	
Creném: C 5: 143.	
Crichaná v. Yauaperí.	
Crixá ^(2a) : F 6: 270.	
Crutriá ^(2a) : C 5: 45, 46.	
Cucarate: D 6: 284, 539, 619, 620, 626, 786, 803.	Zamuko
Cuçary v. Aratú.	
Cuchiuara: C 3: 19, 194, 247, 875.	
Cumanaxô v. Kumanasó.	
Cumayari: C 3: 247.	
Cunuri v. Condurí.	
Cupe-lobos v. Kupé-rop.	
Curacirari (= Aiçuare? ⁷): B 3: 241, 247, 320.	
Curanaue: B 2, C 3: 19, 194, 936.	
Curi: B 3: 816.	
Curiarano: B 2, C 2: 454, 455, 465, 466.	
Curiató: D 3: 194, 287, 528, 906.	
Curivaaurana: B 2: 498.	
Curuahé v. Kuruáya.	
Curuchipano: B 2: 454.	
Curumia: D 7: 439.	
Curupity: E 3: 555.	
Cururi: G 3: 260, 287.	
Cutaguá: D 7: 439.	
Cuyaba: C 1: 441, 491.	
Čákamekra: F 4, G 4: 19, 365, 369, 370, 371, 374, 390, 393, 759.	Gê
Čakobo: B 5: 62, 543, 654, 655, 729. [no mapa Chakobo]	Pano
Camakóko: D 7: 19, 45, 100, 214, 284, 442, 613, 615, 627, 628, 629, 630, 631, 666, 786, 788, 814, 879.	Zamuko
Čane: C 6, C 7, D 6, D 7, D 8: 19, 45, 123, 224, 275, 284, 400, 439, 589, 627, 654, 778, 786, 803, 879, 886.	Aruak e Tupí
Čapakúra ⁽⁴⁾ : C 5, C 6: 52, 269, 537, 655, 886.	Čapakura
Cirabo: A 3: 196, 197.	Pano
Čiriguano: C 7: 19, 107, 112, 118, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 275, 284, 587, 588, 589, 604, 640, 641, 652, 654, 658, 703, 786, 803.	Tupí
Čontákiro: A 4, A 5: 44, 45, 47, 48, 49, 50, 188, 189, 190, 668, 693, 784.	Aruak
Čonvúgn: G 6: 852.	Botocudo
Čoroti: C 7: 92, 123, 139, 518, 648, 654, 676.	Matako
Čulupí v. Sociagay.	
Datuana ⁽³⁾ : A 3: 489. [no mapa Dätuana]	Tukana
Davinavi: C 2: 441.	
Dekuana ⁽¹⁾ : B 2.	
Demacuri: B 2: 936.	
Desána: B 2: 19, 440, 446, 456, 467, 489, 501, 585, 760, 846.	Tukana
Diaguita: B 8: 429, 777, 782, 903.	
Doa: A 2: 790.	
Duit ⁽¹⁾ : A 1.	Chibcha

Dyau (= Tirió): D 2: 14, 960.	Karib
Dyore: E 4: 11, 191, 267, 845, 903.	Gê
Dzubukua ⁽¹⁾ : H 5.	Karirí
Ejibegodegui: D 7: 624.	Guaykurú
Ebidoso: D 7: 100, 613.	Zamuko
Echoarana ⁽¹⁾ : D 7.	Aruak
Ejueo: D 6: 627.	Guaykurú
Eliang ⁽¹⁾ : C 2.	Karib
Emerillons ⁽⁴⁾ : E 2: 19, 324, 433, 440, 459, 783, 883, 955.	Tupí
Enenslet (= Angaité): D 7: 774.	Maskoy
Enimagá ⁽⁵⁾ : C 7, D 7, D 8: 19, 778.	Enimagá
Eruilia: A 2: 456, 501.	Tukana
Espinós: A 5: 58, 189.	Pano
Etwét ⁽⁴⁾ : G 6: 65.	Botocudo
Exú v. Ichú.	
Eye: B 1: 454.	
Fitita: A 3: 693.	
Fulnío: H 4: 381, 438, 544, 616, 617, 759, 761, 770, 791, 872, 897.	Isolada
Fusagasugá ⁽⁴⁾ : A 2: 790.	Chibcha
Galibí: E 1, E 2, F 2: 19, 274, 284, 440, 459, 578, 743, 780, 955. (V. Karib, Kalifía)	Karib
Gamellas (de Codó): F 3: 364, 369, 370, 374, 759, 849. (de Vianna) G 3: 19, 233, 270, 365, 369, 370, 374, 403, 759, 849, 906.	Isolada
Garanhum: H 4: 19.	
Gaviões: F 3: 4, 10, 19, 45, 267, 365, 368, 376, 423, 759, 903. (V. Pukóbye)	Gê
Geicó v. Jaicó.	
Genipapo: H 4: 325, 364, 379, 380, 381, 385, 388.	
Giporoc v. Yiporok.	
Gogué v. Guegué.	
Goianá (Bahia. = Aimoré?) ⁽⁴⁾ : H 6: 515, 827. [no mapa Goyana]	
Gorgotoqui: C 6: 886.	
Cótrotire: E 4, F 4: 11, 278, 359, 833, 835, 845, 846, 903, 935.	Gê
Goyá: E 6: 19, 373, 377.	
Goytacá v. Waitaká.	
Guacabayo (= Akawai) ^(2b) : E 1, D 2: 807, 808, 812, 955.	
Guácará: C 8: 786.	
Guacara: D 3: 19, 247.	
Guachi: D 6: 19, 45, 102, 778.	Guaykurú
Guachipa ^(2a) : C 8: 904.	
Guadaxo: E 7: 400.	
Guaharibo: C 2: 19, 101, 454, 464.	
Guahibo ⁽³⁾ A 2, B 1: 14, 100, 101, 441, 458, 783, 856, 859. [no mapa Guahiba]	Guahibo
Guahuara: E 3: 528.	Tupí
Guainare: B 2: 441.	
Guaiipina ^(2a) : D 4: 906.	
Guaiipunavi (= Puinave?): B 2: 441. [no mapa Guaypunavi]	
Guaiquiri v. Quaiqueri.	
Guajá: F 3, F 4: 150, 365, 554, 759, 761.	Tupí
Guajajára: F 3, G 4: 4, 19, 191, 252, 278, 279, 287, 288, 292, 313, 365, 367, 374, 383, 393, 414, 520, 759, 760, 761, 772, 795, 796, 906.	Tupí
Guajará: F 3: 326.	
Guajejú: C 5: 45, 46.	
Gualachi: E 8: 429, 813, 865, 868.	
Guamo: B 1: 298, 441, 808, 856.	
Guaná: D 6: v. Čane.	Aruak
Guaná (Rio Itapicurú): G 3: 528, 759.	
Guaná (Chaco Boreal) v. Kaskihá.	
Guañaná: E 8: 19, 270, 865, 868.	
Guanaré: G 3: 325, 364, 380, 386, 906.	
Guanarú: B 3: 194.	
Guanavena: C 3: 19, 284, 292.	
Guane: A 1: 790.	
Guapindaya: E 5: 19, 253, 270, 390. [no mapa Guapindaye]	
Guaquiraró: D 8: 781. [no mapa Guaquiraró]	
Guaraní: D 7, D 8, D 9, E 7, E 8, E 9, F 7, F 8, G 6: 89, 219, 227, 262, 275, 284, 339, 343, 427, 511, 614, 706, 733, 757, 761, 769, 839, 878, 880, 908, 932, 973 (V. Carijó)	Tupí

Guarañoca: C 6, D 7: 52, 623.	Zamuko
Guaratégaia: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Guarauno v. Waraú.	
Guarayo (do Pau Cerne): C 5: 452, 543, 655, 840, 841, 842, 886. [no mapa também Guarayú]	Tupí
(Rio Tocantins): F 3: 194, 284, 292, 528, 655, 658, 906.	
(Guarayú das Missões): C 5: 52, 121, 269, 284, 654, 886.	Tupí
Guarino: F 6: 272.	
Guarú: G 7: 19, 242, 270, 280.	
Guató: D 6, D 7, E 7: 19, 141, 429, 666, 672, 766, 814, 879.	Isolada
Guaxarapo (= Guachí?): D 6: 284, 439, 778.	
Guaxiná: G 3: 292, 528.	
Guayakí: D 8, E 9: 120, 167, 439, 596, 609, 774, 839, 847, 878.	Tupí
Guayanã (São Paulo-Paraná): E 8, G 7: 19, 68, 70, 71, 73, 85, 255, 256, 265, 270, 280, 290, 291, 429, 439, 709, 813, 865.	Gê
Guayanã (Faxina): F 7: 227, 239.	Gê
Guayaná (Alto Paraná): E 8: 72, 74, 75, 439, 472, 870.	Tupí
v. Ingain.	
Guayano: C 1: 454, 959.	Karib
Guaycurú v. Mbayá.	
Guayoana: C 3: 194.	
Guaypunavi v. Guaipunavi.	
Guayrabe: B 3: 816.	
Guayupe: A 2: 22.	
Guegué: F 4, G 4, H 4: 19, 261, 272, 325, 364, 405, 759, 906.	Gê
Guenoa: D 9: 284, 539, 776, 865.	
Guentuse: C 7, D 7: 786.	Enimagá
Gueren: H 5, H 6: 19, 31, 185, 284, 290, 302, 515, 773, 824, 836.	Botucudo
Guikurú v. Kuikutl.	
Guianaú: B 2, C 2: 19, 440, 454, 455, 488, 493.	Aruak
Guisnay: C 7: 123, 139.	Matako
Gurupá v. Urupá.	
Häma-dákenai v. Tapiíra-Tapuya.	
Harrytiahan: E 2: 797. [no mapa Harritiahan]	
Hehénavá: A 2: 489, 760, 761.	Tukana
Henia: C 9: 902, 963.	Karib
Hianákoto: A 2: 19, 456, 512.	
Hiauhahim: D 4: 221, 233, 236, 251, 270.	
Hölöwa: A 2: 489.	
Hohódene: B 2: 456, 496, 753, 846.	
Hon-dyapá: A 4: 573. [no mapa Hon-Dy.]	
Horio: D 7: 613.	
Huačipairi ⁽³⁾ : A 5: 14. [no mapa Huachipairi]	
Huamoi: H 4: 19.	
Huari: C 5: 143, 655, 842.	
Huarpe: B 9: 99, 135, 781, 898, 901, 963.	Isolada
Huesho: C 7: 778, 786, 803.	Huarpe
Huhúteni v. Hohódene.	
Humahuaca: B 7: 429, 777.	
Ibanoma: C 3: 194, 875.	Guaykurú
Icachodeguo: D 7: 778.	
Icate: A 3: 194.	
Ichú: G 4: 381, 438.	
Icó: H 4: 19, 270, 302, 323, 379, 380, 388, 389, 417, 831, 924, 931.	
Icozinhos: H 4: 302, 323, 381, 389.	
Idapaminare: B 2: 808. [no mapa Idapaminari]	
Igapuátiyara: D 3: 194.	
Igaruana: G 3: 906.	
Ihini-Baré: B 3: 489.	Aruak
Ihuruána ⁽⁴⁾ : C 1: 101.	Karib
Imaca v. Maká.	
Imamarí ⁽⁵⁾ : A 5: 189. [no mapa Inamarí]	
Imboré: G 5: 767, 819, 836.	
Imono: D 6: 284, 539, 786, 803.	Zamuko
Inapari (= Maneteneri?): B 5: 14, 189, 576.	Aruak
Indamá: C 8: 781.	
Indios (Rios Opone e Carare): A 1: 790, 792.	Karib
Indios (Rio Cauabury. = Waiká?): B 2: 761.	

(Rio Marauíá. = Waiká?): B 2: 4.	
(Rio Tartarugal): E 2: 440, 761.	
(Rio Mapary): E 2: 804.	
(Rio Quixito): A 3: 761, 971.	
(Rio Cabitutú. = Wiaunyen dos Mundurukú): D 4: 419, 862.	
(Ao Oeste do Alto Curuá. = Arára?): E 4: 661.	
(Rio Acre): B 5: 200.	Aruak Tupí
(Rio Anary. = Kawahiwá?): C 6: 164.	
(Rio Branco do Castanha): C 4: 510.	
(Rio Aripuanã): D 4: 527.	
(Rio Sangue. = Kawahíwa?): D 5: 527.	
(Ig. Pedra Secca. = Takumandíkai dos Sipáya?): E 5: 738, 761.	
(Rio Ronuro): E 5: 37.	
(Itaporanga, Bahia): H 5: 4.	
(Entre Baures e Guaporé. = "San Simonianos", dialecto Chiquito.): C 5: 543, 840.	Chiquito
Ingahyba ⁽³⁾ : E 3: 19, 194, 217, 218, 233, 270, 282, 284, 287, 292, 294, 314, 330, 336, 339, 383, 528, 906. [no mapa Ingahiba]	
Ingain: E 8: 75, 76, 439, 471, 473.	Gê
Ingariqué ⁽³⁾ : C 1, D 2: 101, 487, 881, 943, 953. [no mapa Ingaliukó]	Karib
Inhamum: H 4: 302, 389.	
Ipéka-Tapuya: B 2: 19, 440, 446, 456, 496, 500, 753, 846. [no mapa Ipéka-T.I.]	Aruak Tupí
Ipotwat: C 5: 168, 916.	
Ipuriná: B 4, B 5: 4, 19, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 189, 192, 198, 199, 200, 285, 305, 309, 350, 760.	
Iquito: A 3: 45, 603, 965. [no mapa Ikitol]	Aruak Záparo
Irâ-amráire: E 4, F 4: 846. (V. Kayapó)	Gê
Ira-T. ⁽¹⁾ : B 2.	Aruak
Iranche: D 5: 672, 941.	Aruak
Irurí: C 4: 194, 249, 317, 383, 528, 906.	
Itatin: D 7, D 8: 284, 429, 886. [no mapa também Itatí]	Tupí
Itén (= Moré?): C 5: 19, 52, 269.	Čapakura
Itipuna: B 3: 194, 816.	
Itogapük: C 5: 4, 510, 563, 742, 760, 923.	Tupí
Itonama: C 5: 52, 144, 269, 452, 539, 651, 655, 731, 886.	Isolada
Itoreauthíp ⁽⁴⁾ : B 5: 543, 841, 842.	Čapakura
Itutan: E 2: 340, 440, 508, 578, 743, 800.	
Ivaparé: E 7: 78, 79, 474, 475, 582, 583, 733, 760.	Tupí
Jabutiféd v. Yabutiféd.	
Jacarégoá ⁽⁴⁾ : C 4: 906.	Pano
Jacariá: B 4: 19, 45.	
Jacundá: F 3, F 4: 8, 19, 45, 191, 222, 267, 348, 365, 370, 877, 889.	
Jaguaribara: H 3: 379, 380, 388, 412, 906.	
Jaguaruana: G 3: 389, 906.	Gê
Jaicó: G 4, H 4: 19, 30, 259, 272, 364, 405, 759.	
Jamundá: D 3: 194, 221, 528.	
Jandoim v. Otshukayana.	
Jaricuna v. Taulipang.	Čapakura
Jarú: C 5: 164, 228, 510, 742, 917.	
Jaurári (Rio Araguaya) ⁽⁵⁾ : F 4: 335, 366, 906.	
Jauary v. Yauari.	
Jeruvichahena: B 2: 441, 455, 491.	
Joane (= Sacáca?): F 3: 282, 287, 326, 330, 528, 913.	
Juberí v. Yuberí.	
Jucá: G 4: 381, 387, 389, 402, 417, 831.	
Jujuy: B 7: 781. [no mapa Jujui]	
Jundiahí (= Kupé-rob?) ⁽³⁾ : F 3: 45, 222. [no mapa Jundiahí]	
Jure (Rio Ventuari): v. Ajure.	
Juri (Chaco): C 8: 782, 843.	
Juruena: D 5: 19, 253.	Čapakura
Kabiší (Rio São Miguel): C 5: 543.	
v. Kozarini.	
v. Uaintaçú.	
Kadaupurítana: B 2: 19, 456, 496, 500, 746, 753, 846. [no mapa Kadaupurítana]	Aruak
Kadekili-dyapá: A 4: 185.	Katukina
Kadiuéo: D 6, D 7: 19, 100, 102, 128, 267, 442, 452, 775, 778.	Guaykurú

Kadupinapo ⁽³⁾ : C 1: 441, 454, 466, 808, 956. [no mapa Cadupinapo]	
Kadyu-dyapá: A 4: 573. [no mapa Kadyu-Dy.]	Katukina
Kaha-dyapá: A 4: 573. [no mapa Kaha-Dy.]	
Kahuapaná: A 3: 693.	Kahuapaná
Kajguá: E 7, E 8, E 9, D 7, D 8: 45, 75, 83, 94, 114, 224, 596, 733, 741, 757, 771, 774, 794, 878, 973.	Tupí Karib
Kaikúčana: A 2: 14, 324, 456.	
Kaikušána ⁽⁴⁾ : E 2: 324, 440, 578, 800.	
Kaingang: E 7, E 8, E 9, F 7, F 8: 19, 75, 77, 78, 84, 86, 98, 174, 178, 232, 415, 539, 583, 694, 709, 733, 755, 757, 760, 769, 771, 794, 838, 878, 879, 894, 908, 927.	Gê Aruak Karib Isolada
Kaketío ⁽⁵⁾ : A 1: 14, 22, 298, 300.	Karib
Kalapalu: E 5: 277, 814.	
Kaliána: C 2: 101.	
Kaliña ⁽³⁾ : D 1, D 2, E 1, E 2: 19, 454, 802. [no mapa Kalinya] v. Karib, Galibi.	
Kamaká: H 5, G 6: 18, 19, 27, 30, 31, 32, 36, 185, 270, 284, 302, 761, 767, 819, 820.	Kamaká Karib Pano Aruak Tupí
Kamarakotó: C 2: 101, 454, 480.	
Kamarinigua: A 4: 202.	
Kamatika: A 5: 185.	
Kamayurá: E 5: 24, 665, 666, 814.	
Kampa: A 4, A 5: 45, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 203, 533, 646, 668, 693, 784.	Aruak Karií Cê Pano
Kamurú-Karirí: H 6: 185, 515, 761.	Katukina
Kanakateyé ⁽⁵⁾ : F 4: 19, 369, 370, 390, 759.	Aruak
Kanamarí: (Rio Purús): A 4, B 5: 58, 350. (Rios Yurupary-Pauhini-Tapauá): A 5, B 4: 49, 185, 187, 342. (Rios Yaco-Ituxy): B 5: 19, 30, 58, 192, 200.	Isolada
Kaniéána: C 5: 52, 145, 269, 284, 315, 541, 655, 656, 719, 886.	
Kánoa: C 5: 543.	
Kapanawa (Rio Juruá): A 5: 187, 188, 193, 201, 830. (Rio Javary): A 4: 14, 189, 194, 202, 693.	Pano Pano Gê
Kapajre: E 4: 845, 883. (V. Gôrotire)	Takana
Kapéçene ⁽³⁾ : B 5: 200, 204. [no mapa Kepechene]	Isolada
Kapisaná: C 5: 542, 761.	
Kapite-minanei v. Kuati-Tapuya.	
Kapošó: G 6, H 7: 19, 30, 31, 33, 34, 836.	
Kapuibo: B 5: 14.	
Karákateye (= Kanakateyé) ⁽⁵⁾ : F 3: 365, 759.	
Karanariú: E 2: 340, 440, 508, 578, 800.	
Karane: E 2: 240, 578, 742.	
Karapaná-Tapuya: A 2: 19, 30, 342, 440, 446, 489, 501. [no mapa Karapaná-T.]	
Karayá (Minas): G 7: 11, 255, 256, 259. (Rio Araguaya): E 5, F 6: 16, 19, 45, 146, 198, 222, 278, 283, 287, 366, 372, 373, 375, 377, 397, 584, 681, 760, 838.	Tukana Karayá
V. Šambióa.	
Karib: B 1, C 1, D 1, D 2, F 3: 14, 147, 281, 289, 333, 334, 441, 454, 455, 480, 670, 798, 808, 958.	Karib
V. Kaliña, Galibi.	
Karihóna ⁽⁴⁾ : A 2: 47, 171, 173, 440, 446, 456, 458, 503, 504, 505, 506, 571, 783.	Karib
Karimé: C 2: 700, 953.	Širianá
Kariniako: B 1: 458, 783.	Karib
Karipúna (Rio Madeira): B 4, B 5, C 4: 19, 30, 45, 341, 352, 353, 563, 972.	Pano
Karirí: G 4, H 4, H 5, I 4: 17, 19, 20, 30, 270, 272, 290, 302, 379, 515, 831, 945.	Kariri
Karitiana: C 4: 240, 510.	
Kašararí: B 5: 189, 192, 198, 205.	Aruak
Kašinawa: A 4: 113, 187, 201, 206, 576.	Pano
Kašinití: D 5: 563.	Aruak
Kaskihá: D 7: 132, 133, 442, 611.	Maskoy
Kašuiana: C 3, D 2: 478, 479, 881.	Karib
Katapolítani v. Kadauapuritana.	
Katawian: D 2: 14.	Karib

Katawiší: (Rio Juruá): B 3, B 4: 19, 45, 185, 207, 241, 576. (Rio Mucuim): C 4: 19, 45, 58, 192, 198.	Katukina
Katianá ⁽⁴⁾ : C 4: 14, 58, 189, 198, 573, 576.	Aruak
Katongo: A 5: 185.	Aruak
Katukina (Rio Javary): A 4, B 3: 14, 189. (Rios Gregorio-Tarauacá): A 4, A 5: 19, 30, 187, 193, 563, 573, 638.	Pano
(Rio Purús): B 4: 19, 47, 193, 207.	Pano
(Rio Jutahy): B 4: 19, 345, 352.	Katukina
(Rio Mucuim): C 4: 45.	Katukina
Katukinarú: A 4: 208, 209.	Katukina
Kauyarí: A 2: 19, 173, 345, 456, 496.	Aruak
Kaviña: B 5: 14, 655.	Takana
Káwa-Tapuya: B 2: 446, 456, 496, 753, 846. [no mapa Káua-T.]	Aruak
Kawahíwa: C 4, C 5, D 5: 19, 45, 168, 270, 271, 315, 360, 452, 510, 513, 563, 580, 586, 595, 682, 713, 740, 741, 764, 884, 885, 972. V. Parintintin.	Tupí
Kayabí: D 4, D 5: 23, 27, 45, 150, 301, 530, 666, 671, 672, 761, 766, 883, 938.	Tupí
Kayamo (= Kayapó?): E 6: 9, 24.	Gê
Kayapó: D 4, E 3, E 4, E 5, E 6, E 7, F 4, F 6, F 7: 10, 11, 16, 19, 23, 24, 45, 176, 191, 214, 216, 229, 231, 234, 235, 237, 240, 245, 246, 250, 251, 253, 264, 267, 268, 270, 272, 277, 278, 279, 283, 284, 285, 289, 297, 299, 301, 359, 373, 377, 383, 384, 400, 401, 411, 414, 420, 426, 530, 555, 559, 563, 584, 601, 632, 665, 738, 741, 753, 759, 761, 845, 846, 858, 877, 879, 883, 903, 935, 940.	Isolada
Kayuvava: B 5: 151, 284, 315, 352, 533, 655, 829, 886.	Aruak
Kayuišána: B 3: 14, 19, 30, 150, 194, 345, 352, 533, 761.	Kečua
Kečua: A 5, B 6.	Gê
Kénkateye ⁽⁴⁾ : F 4: 15, 278, 754, 759, 796.	Gê
Kenóloko ^(2a) : D 1: 498.	Tupí
Kenpókateye: F 4: 759.	Karib
Kepkiriwat: C 5: 510, 563, 916, 937.	Aruak
Kerandí: C 9: 275, 284, 511, 778, 891, 893, 900, 932.	Karirí
Kešerumã: C 2: 953.	Karib
Kinikináo: D 6: 19, 442, 563.	Aruak
Kipéa-Karirí ⁽⁴⁾ : H 4: 931.	Karirí
Kirkire: A 1: 22, 182.	Karib
Kirikiriscoto ⁽³⁾ : E 2: 441, 808, 812. [no mapa Kirikirisoto]	
Kirirí v. Karirí.	
Kirrupa: B 1, B 2: 329, 441, 448, 808.	Čapakura
Kitemoka: C 6: 52, 269, 537.	Tukana
Kobéwa: A 2: 19, 446, 456, 467, 489, 501.	Witóto
Koerúna ⁽⁵⁾ : B 3: 19, 30.	Tupí
Koewána ⁽⁵⁾ : B 2: 19, 241, 446, 489.	Tupí
Kokama: A 3, A 4, B 3: 19, 40, 47, 533, 535, 693, 760, 761.	Nambikwára
Kokamilla: A 3: 693.	Karib
Kokozú: D 5: 155, 482.	Nambikwára
Komayana: D 2, E 2: 14, 324, 673, 802, 887.	Pano
Kongoré: D 5: 563.	
Kontanawa: A 4: 187.	
Korabeka: C 6: 137, 886.	Tukuna
Korokoró-Tapuya: B 2: 761. [no mapa Korokoró-T.]	Purí
Koropó: G 7: 19, 30, 69, 215, 284.	Tukana
Korówá: A 2: 489.	Witóto
Koto (Rio Ampiyacu): A 3: 45, 189. (Rio Envira. = Tuśináwa?): A 4: 185, 693.	Otuké
Kovareka: D 6: 137, 886.	Aruak
Kozariní: D 5: 563.	
Krahó: F 4, F 5, G 4: 11, 45, 244, 366, 369, 370, 371, 375, 376, 377, 390, 417, 426, 759, 796, 919.	Gê
Krenak v. Čonvúgn.	
Kre/púmkateyé ⁽⁵⁾ : F 3: 4, 561, 754, 759. [no mapa Krepúmkateyé]	Gê
Kréyé (Bacabal): F 3, F 4: 4, 365, 414, 736, 759, 762. (Cajuapára): G 4, F 4: 4, 365, 376, 390, 759, 762.	Gê
Krikati: F 4, G 4: 19, 45, 295, 348, 365, 515, 754, 759.	Gê
Kruátiare ⁽⁴⁾ : E 4: 845.	Gê

Kuati-Tapuya: A 2: 446, 456, 496, 500, 753. [no mapa Kuati-T.]	Aruak
Kubé-kra-kegn: E 4: 845, 883. (V. Górotire)	Gê
Kubé-kra-noti: E 4: 845, 883.	Tukana
Kueretú: A 3, B 3: 19, 30, 352, 446, 456, 501, 506, 571. V. Yupuá.	
Kuika: A 1: 22.	Timote
Kuikutl: E 5: 24, 814.	Karib
Kuiva: B 1: 14.	Guahibo
Kujigeneri: A 4: 14, 58, 189.	Aruak
Kujuna: C 5: 543, 842.	Čapakura
Kukóekamekra: F 3: 4, 576, 759.	Gê
Kuliña (Rio Envira): A 4: 187.	Aruak
Kulino (Rio Solimões): B 3: 19, 30, 47, 150, 194, 247. (Rio Juruá): A 4, B, 4: 4, 10, 185, 193, 207, 305, 573.	Pano
Kumada-minanei v. Ipéka-Tapuya.	Aruak
Kumaná: C 5: 543, 841, 842.	Čapakura
Kumanasaó: G 6, H 6: 19, 30, 31, 33, 185, 930.	Mašakari
Kumayena v. Komayana.	
Kuniba (Rio Juruá): B 4: 44, 185, 193, 740. (Rio Ucayali): A 4: 47, 48, 49, 186, 189, 667, 668, 669, 693, 784. [no mapa Kuniba]	Aruak
Kunipósana: B 2: 19, 454, 491. [no mapa também Kunipúsana]	Pano
Kunuaná: B 2: 101.	Karib
Kupé-rop: E 3, E 4: 8, 11, 348, 398, 883.	Tupí
Kurave: D 6: 137, 623, 886.	
Kurasikána: B 1: 101, 441, 466.	Karib
Kuremagbei: D 8: 275, 778.	Aruak
Kuria: A 4: 187.	
Kuruáya: D 4, E 3, E 4: 184, 279, 283, 555, 632, 633, 634, 635, 738, 749, 845.	Tupí
Kurukaneka: D 6: 137.	Otuké
Kuruminaka: C 6: 137, 886.	
Kurukan: E 2: 568.	Tukana
Kušita: B 3: 489.	Čapakura
Kusikia: C 6: 22, 886.	
Kussarí ⁽⁴⁾ : E 2: 440, 578, 800, 811.	Aruak
Kustenau: E 5: 23, 24.	Kamaká
Kutašó: G 5: 18, 19, 30, 36, 270.	Katukina
Kutía-dyapá ⁽⁵⁾ : B 3: 185.	Pano
Kuyanawa: A 4: 42.	
Lache: A 1: 790.	Zamuko
Laipsi: D 6: 612.	
Lambi: C 5: 19, 45, 46.	Aruak
Layána ⁽⁴⁾ : D 7, D 8: 19, 452, 778.	
Lenga: D 7, D 8: 19, 108, 129, 130, 139, 152, 284, 442, 461, 774, 778, 786, 803, 814.	Enimagá e Maskoy
Libiriano ^(2a) : B 1: 491.	
Lule: B 7, C 7: 22, 777, 782, 786, 843, 853, 904.	
Maba: C 5: 45, 46.	Takana
Mabenaro: B 5: 14.	
Maçarari: B 3: 185. [no mapa Maçarí]	
Machaculi v. Mašakari.	
Machicuy v. Maskoy.	
Machiyinga: A 5: 52, 693. [no mapa Macheyenga]	Aruak
Macirinavi: C 1: 441, 808.	
Magach: D 8: 776.	Guaykurú
Mahotóyana: A 2: 14, 173, 456.	Karib
Maiapena: B 3, C 3: 194, 906, 936.	
Maimbaré: D 5: 24, 45, 400.	Aruak
Maimerá: B 7: 781.	
Mainatari ⁽¹⁾ : C 2.	
Mainawa: A 5: 58.	Pano
Maipure ⁽³⁾ : B 2: 441, 448, 491, 808, 809. [no mapa Maypure]	Aruak
Majubim: C 5: 916.	
Maká: D 7, D 8: 596, 599, 696, 774, 778, 786, 787, 788, 803.	Matako
Mákamekra: F 4: 19, 759, 853.	Gê
Makapa: E 2: 440, 508, 578, 811.	
Makapaí: E 2: 761.	

Makiritáre ⁽⁵⁾ : B 2: 19, 149, 441, 454, 465, 783. .	Karib
[no mapa também Makuní]	Mašakarí
Makoní: G 6, H 6: 19, 30, 31, 33, 34, 185, 366, 825, 826, 837, 930.	
Máku (Rio Urariacuéra): C 2: 101, 286, 440, 454, 455, 488, 953, 956.	
[no mapa Mákú]	
Makú (Rio Ventuari) ⁽⁵⁾ : B 1, B 2: 101, 441, 465, 466, 783.	Isolada
Makú (Rios Negro-Japurá): A 2, B 3, C 3: 19, 156, 241, 305, 341, 345, 350, 352, 446, 456, 489, 491, 506, 570, 715, 760, 854.	Sáliva
Makú-Nadöbö: B 3: 489, 570.	Puinave
Makúna: A 3: 352, 446, 489, 570.	Puinave
Makuráp ⁽⁴⁾ : C 5: 543, 841, 842.	Tukana
Makuší: C 2, D 1, D 2: 14, 19, 30, 101, 285, 440, 454, 455, 480, 485, 486, 487, 488, 671, 679, 760, 860, 881, 943, 953, 960.	Tupí
Malalí: G 6: 19, 30, 31, 33, 34, 185, 546, 826, 929.	Karib
Malbalá: C 8: 714, 778, 803.	Isolada
Malquesí ⁽⁵⁾ C 9: 782. [no mapa Maiquesí]	Nambíkwára
Mamaindê: D 5: 672, 920.	
Mamayaná: E 3: 19, 194, 221, 233, 284, 287, 330, 528.	
Mananagua ⁽¹⁾ : A 4.	Aruak
Manao: B 3, C 3: 19, 30, 150, 194, 221, 284, 314, 383, 906.	Aruak
Mandawáka ⁽³⁾ : B 2: 19, 101, 466, 491. [no mapa Mandauáka]	
Manetibitana: B 2: 808.	
Mané ⁽⁴⁾ : D 6: 439.	
Maniquera: D 3: 906.	Aruak
Maniteneri: A 4, A 5: 52, 58, 189, 198, 200, 350.	
Manitivitana: B 2: 441.	
Manitsauá: D 5: 23.	Tupí
Manyá: H 6: 19, 31, 821.	Kamaká
Maopitian ⁽³⁾ : D 2: 14, 19, 440, 454, 455, 673, 802, 960. [no mapa Maopityan]	Aruak
Mápanai v. Ira-Tapuya.	
Mapaxó: G 6: 858, 945.	
Mapoye v. Quaquá.	
Mapruan: E 2: 440, 578, 811.	
Mapuá: E 3: 282, 284, 287, 330, 528.	
Marabitana (= Maribitana): B 2: 19, 441, 491, 808. [no mapa Maripisana]	
Maracá: C 5: 68, 284, 287, 330, 528, 946.	
Maracanã (Rio Machado): C 5: 937.	
Maraguá (= Maué?): D 3: 194, 247, 528, 906.	
Marakaná (Rio Urariacuéra): C 2: 101, 440, 488, 944. [no mapa Marakaná]	
Maramomim: F 7: 906, 968. [no mapa Miramomim]	
Maráo ⁽⁴⁾ : E 2: 274, 335, 340, 440, 508, 578, 743, 811.	
Marauaná (= Maraón?): F 3: 287, 326.	
Marauni ⁽⁴⁾ (= Maraón?): E 2: 528.	
Marawá: B 3, B 4: 4, 19, 30, 47, 185, 193, 207, 210, 241.	Aruak
Mariaté: B 3: 19.	Aruak
Maripisana v. Marabitana.	
Maricoupi ⁽³⁾ : E 2: 440, 478. [no mapa Taricoupi]	
Mariguione: B 6: 886. [no mapa Mariguiono]	
Marinawa: A 4: 187.	Pano
Mariusa: C 1: 441, 454, 579, 808.	Waraú
Marô-dyapá: A 4: 573. [no mapa Maro-Dy.]	Katukina
Martidan: C 9: 778, 781, 865.	Pano
Marubo: A 3: 14, 19, 45, 47, 210, 693, 971.	
Maruquevene: B 3: 194.	
Masaka: C 5: 543, 842.	Isolada
Masakari: G 6, H 6, H 7: 19, 31, 33, 34, 35, 185, 238, 366, 826, 836, 851, 911, 930.	Mašakarí
Masko: A 5: 14, 185, 576, 689. [no mapa Maško]	Aruak
Maskoy: C 7, D 7: 103, 131, 152, 774, 786.	Maskoy
Massacará: H 4, H 5: 19, 30, 185.	Kamaká
Mataguayo: C 7: 269, 778, 786, 803.	Matako
Matako: C 7: 107, 123, 139, 282, 519, 520, 597, 599, 600, 654, 676, 701, 778, 786, 803.	Matako
Matanawí: C 4, C 5: 4, 19, 45, 720, 742, 962.	Isolada
Matapí-Tapuya: A 3: 456, 496. [no mapa Matapí-T.]	Aruak
Matará: C 8, D 8: 429, 778.	
Matáua: C 5: 543.	Čapakura

Mateiros v. Čákamekra.	
Mauáiana (= Maopitian?): D 2: 802, 881.	
Maué: D 3: 19, 194, 221, 241, 243, 251, 263, 285, 289, 294, 314, 348, 349, 529, 548, 554, 595, 746, 748, 879, 885, 906.	Tupí
Mauitsi: B 2, C 2: 441, 454.	
Máulieni v. Káwa-Tapuya.	
Mawáka ⁽³⁾ : C 2: 14, 491. [no mapa Mauaka]	
Mawakwa v. Maopitian.	
Mayé: E 2: 340, 440, 508, 578, 742, 799, 800.	Karib
Mayongong: B 2, C 1: 19, 101, 454, 455, 465, 480, 492, 693, 760, 953. V. Yekuaná.	Karib
Mayoruna: A 3, A 4: 19, 30, 45, 47, 150, 189, 194, 202, 285, 292, 305, 320, 441, 573, 784, 832.	Pano
Mbayá: D 6, D 7: 19, 45, 102, 214, 225, 245, 275, 284, 443, 539, 778, 786, 803, 879.	Guaykurú Chaná Aruak
Mbeguá: C 9: 19, 511.	
Mehinakú: E 5: 24, 665, 666, 814.	
Mejepure: B 2: 441, 808.	
Menejou: E 3: 811.	
Menien v. Manyá.	
Menímehe v. Yukúna.	
Mepen (= Abipón?): C 8: 275, 284, 778.	
Mepuri: B 3: 19, 150.	
Mersiu: E 2: 440, 578, 799, 812.	
Mialat: C 5: 168.	Tupí
Michilingüe: B 9: 781.	
Minuano: D 8, D 9: 19, 270, 284, 439, 511, 539, 778, 781, 865.	Botocudo Isolada Aruak
Minyá-yrúgn: C 6: 4, 852.	
Miránya: A 3, B 3: 19, 30, 41, 173, 211, 456, 693, 761, 783.	
Mitura: B 2: 14, 783.	
Mocoretá: D 9: 781, 932.	
Mojo: C 5: 19, 269, 284, 315, 448, 449, 656, 657, 660, 662, 663, 886, 972.	Aruak Guaykurú
Mokovi: C 8, D 9: 19, 102, 269, 284, 702, 778, 803.	
Mongoyó v. Kamaká.	
Mo/noikó: C 2: 489, 953. [no mapa Monoikó]	Karib Mašakarí
Monošó: G 6: 19, 33, 34.	
Mopereono: B 5: 886.	
Moquem: C 5: 19, 45, 46.	
Moré: B 5: 543, 841, 842.	
Moríwene v. Sucuriyú-Tapuya.	Čapakura
Moro: C 7: 774, 788, 793.	
Morononi: B 2: 808.	
Morotoca: C 6: 284, 539, 619, 623, 803.	Zamuko
Moru: E 2: 340, 440, 578.	
Morua: B 3: 194.	
Motilones: A 1: 14, 148, 298, 790.	Karib Aruak
Mučojeón: C 5: 269. [no mapa Muchojeón]	
Mundurukú: C 4, D 3, D 4, E 4: 4, 19, 27, 29, 30, 45, 150, 222, 223, 228, 236, 243, 248, 249, 251, 270, 271, 276, 285, 289, 294, 295, 296, 314, 315, 317, 341, 342, 348, 349, 370, 419, 513, 515, 529, 530, 548, 549, 551, 552, 554, 556, 558, 562, 691, 692, 738, 746, 751, 760, 862, 869, 972.	Tupí
Minhagirun v. Minyá-yirúgn.	
Múra: B 3, C 3, C 4, D 3, D 4, E 3: 4, 19, 30, 45, 58, 150, 207, 233, 249, 263, 270, 271, 282, 284, 294, 305, 309, 311, 314, 316, 317, 318, 319, 341, 342, 345, 346, 383, 452, 513, 523, 637, 740, 742, 746, 751, 755, 885, 890, 906, 911, 936, 972.	Múra Čapakura
Mure: C 5, C 6: 537, 539, 540.	
Muriva: D 3: 221.	Chibcha
Muzo: A 1: 790.	Karib
Nahukwá ⁽³⁾ : E 5: 24, 665, 666, 814. [no mapa Nahukuá]	
Naknyanúk ⁽⁴⁾ : G 6: 4, 19, 65, 517, 546, 826, 837, 852.	Botocudo
Nakrehé: G 6, G 7: 65, 852.	Botocudo
Nalimega: D 7: 439.	
Nambikwára: C 5: 19, 37, 45, 155, 301, 457, 482, 510, 563, 586.	Nambikwára
Napeka: C 6: 52, 269, 537, 886.	Čapakura

Naravute: E 5: 814.	Karib
Natú: H 4: 618.	Isolada
Nauma: B 3: 194.	
Naura: A 1: 790.	
Navaité: C 5: 920. [no mapa Navaitê]	Nambikwára
Nawa v. Kapanawa (Rio Juruá).	
Nêné: C 5: 563, 920.	Nambikwára
Nep-nep (= Minyá-yirúgn): G 6: 65. [no mapa Nyepnyep]	Botocudo
Nheengahyba v. Ingahyba.	
Nhandiriuat: C 5: 937. [no mapa Nhandiriwat]	
Nhauanhen: D 4: 251.	
Niguecaitamia ⁽¹⁾ : D 7.	Aruak
Ninaquiguilá (= Potororaf): D 6: 439, 778.	Zamuôko
Noeg-nocg (= Patašó?): H 6: 65.	
Nokaman: A 5: 693.	Matako
Nokten: C 7: 123, 139, 521.	Witóto
Nonuya: A 3: 693.	
Norak: E 2: 274, 440, 578, 798, 799, 801.	Pano
Noyenne: E 2: 800.	Gê
Ntogapíd v. Itogapík.	
Nuara: D 7: 72, 439.	
Nukuiñi: A 4: 42, 832.	
Nyurukwayé: F 4: 19, 272, 365, 366, 369, 370, 377, 390, 759.	
Ocloya: C 7: 781.	Guaykurú
Ocongá: G 3: 906.	
Ocole: C 7: 778, 786, 803.	
Ocomesiane ⁽³⁾ : B 2: 808. [no mapa Ocomesiana]	
Ocoteguebo: D 7: 627, 778.	
Ocerem: G 4: 302, 819. [no mapa Ocrem]	
Oivaneca: E 2: 528.	
Okaina: A 3: 693, 711.	Witóto
Olongasta: B 9: 963. [no mapa Ologasta]	
Omagua: A 3, A 4, B 3: 19, 30, 38, 40, 47, 150, 194, 247, 284, 287, 292, 320, 383, 448, 533, 539, 693, 718, 875, 906, 912.	Tupí
Ömöa: A 3: 501.	Tukana
Onicoré: C 4: 19, 528, 906.	
Opaina ^(2b) : A 3: 446, 489.	Isolada
Oپayé-Šavante: D 6, E 7: 158, 563, 593, 733, 752, 753, 756, 757, 970.	
Orejones v. Koto.	
Orí: H 5: 220, 302.	Zamuko
Ororebate: C 6: 539, 803.	Isolada
Osa: C 7: 781.	Isolada
Oti-Šavante: E 7: 83, 158, 224, 404, 756, 757, 771, 853.	
Otomaca: A 1, B 1: 19, 22, 298, 411, 458, 808, 856. [no mapa também Otomaco]	Isolada
Otshukayana: H 4: 3, 6, 7, 17, 284, 302, 379, 380, 388, 413, 416, 422, 759, 906, 931.	
Otuké: D 6: 137, 623, 886.	Otuké
Ouaye v. Wai.	
Ouranayou: E 2: 800. [no mapa Ouranajou]	
Oyampi v. Wayapí.	
Oyanpique (= Wayapí?): E 2: 799.	
Oyaricoulet v. Wama.	
Pacahas Novas ⁽³⁾ : C 5: 19, 543, 842, 917. [no mapa Pacas-Novas]	Čapakura
Pacaleque: D 7: 214.	Aruak
Paikoneka: C 6: 269, 886.	
Pairandí: D 9: 781. [no mapa Pairindí]	Pano
Pakaguara: B 5: 269, 543, 719, 721.	
Pakajá: E 3, F 3: 19, 191, 194, 221, 223, 233, 247, 267, 282, 284, 292, 528, 906, 915. [no mapa também Pacajá]	Tupí
Pakanawa: A 4: 201, 831.	Pano
Páka-Tapuya ^(2b) : B 2: 854.	Aruak
Pakú-Tapuya: B 2: 456, 496, 753, 854. [no mapa Pakú-T.]	
Palank ^(2a) : E 2: 440, 578, 800.	Tukana
Palânoa: A 2: 501.	
Paleton: C 5: 19, 45, 46.	Aruak
Palikur: E 2: 274, 340, 440, 508, 578, 722, 743, 779, 799, 800.	

Palmellas: C 5:	452, 655.	Karib
Pama: B 4, C 4:	19, 45, 270, 312, 315, 353, 906, 962.	
Pamana: B 4:	19, 58, 200, 350.	
Pamigua: A 2:	925.	Guahibo
Pampa v. Rankélté, Taluhet, Tsetšehet.		
Pampán: G 6:	65.	Botocudo
Panáre ⁽⁵⁾ : B 1:	14, 101, 454.	Karib
Panatí: H 4:	19, 270, 302, 323.	
Panche: A 1:	790.	Chibcha
Pangoa: A 5:	185.	Aruak
Pankarurú: H 4:	381, 414, 618, 897.	Isolada
Panono: C 6:	284, 803.	Zamuko
Panyame: G 6:	19, 30, 33, 34, 185, 836.	Mašakarí
Papamiē: C 5:	543, 842.	
Papaná: H 6:	19, 68, 284, 290.	
Papateruana: D 3:	194.	Širianá
Paquidái ⁽⁵⁾ : C 2:	943.	
Parabayana: E 2:	812.	
Parabazane: D 6:	439. [no mapa Parabazana]	
Paracoto (Rio Maroni): E 1:	5, 801, 811.	
Paragoto (Rio Araguay): E 2:	507. [no mapa Paracoto]	
Parahorí ⁽⁵⁾ : C 2:	943, 953.	Širianá
Parahyba: G 7:	19.	
Parakanã: E 3:	735, 760, 761, 883.	Tupí
Paranapixana: C 4:	528. [no mapa Paraparixana]	
Paranawat: C 5:	168, 510, 563, 741, 742, 916.	Tupí
Paraparucota ⁽³⁾ : B 1:	194, 808. [no mapa Paraparicota]	
Parauiana: C 2, D 1, D 2:	19, 30, 101, 241, 440, 454, 806, 955.	Karib
Parawa: A 4:	203, 573, 832.	Katukina
Paraxim: G 6:	836.	
Pareca: B 1:	441, 808.	Aruak
Pareni: B 1, B 2:	441.	
Paresí: C 6, D 5, F 6:	19, 23, 24, 45, 155, 183, 272, 400, 457, 563, 766, 810.	Aruak
Parahouane v. Parauiana.		
Pariana: A 3, B 3:	39, 194, 241, 247, 345, 816.	
Pariagoto v. Guayano.		
Parikotó: D 2:	14, 454, 673, 881, 886, 960.	Karib
Parintintín (Rio Madeira) v. Kawahíwa.		Tupí
(Alto Tapajoz): D 4:	45.	
(Rio São Manoel): D 5:	19, 29, 37, 251, 765.	
(Rios Jamaxim-Crepory. = Kuruáya?): D 4, E 4:	29, 251, 761.	
V. Tapayuna, Taipe-ssiá, Pariuaria.		
Pariquí ⁽⁴⁾ : D 3:	19, 241, 294, 341, 428, 513, 522. [no mapa Pariquí]	
Parirí: E 3:	735, 751, 759.	Karib
Pariuaria: D 4:	29.	
Parukotó v. Parikotó.		
Pasé: A 3, B 3, C 3:	13, 19, 30, 47, 150, 207, 345, 352.	Aruak
Patamona: D 2:	14, 480, 487, 881.	Karib
Pataśo: G 6, H 6:	4, 19, 31, 36, 270, 284, 291, 471, 761, 825, 861.	Isolada
Patiti: C 5:	45, 46.	
Patos (= Carijó?): E 9, F 8:	270, 869.	
Pauana: C 3:	194, 284.	
Pauatê v. Kawahíwa.		
Paudacoto: C 1:	19, 441, 808.	
Paumari: B 4:	19, 58, 60, 191, 212, 533.	Aruak
V. Purupurú.		
Paunaka: C 6:	269, 886.	Aruak
Paušiana ⁽⁴⁾ : C 2:	19, 101, 440, 488, 490, 899, 953.	Karib
Pauxí (Rio Erepecurú): D 3:	481, 964.	Karib
(Rio Xingu): E 3:	528.	Tupí
Pawumwa v. Wanyam.		
Payacú: H 3, H 4:	3, 19, 270, 302, 379, 380, 381, 387, 388, 389, 402, 417, 906.	
Payaguá: D 7, D 8:	19, 102, 105, 284, 442, 461, 778, 786, 803, 890.	Guaykurú
Payaua: A 3:	19, 194.	
Payayá: G 5, H 5:	515, 824, 836, 946.	

Payoáliene v. Pakú-Tapuya.	
Paypayá: B 7: 781.	
Pazaine: C 7, C 8: 778, 786, 803.	
Peba: A 3: 45, 194, 716.	Peba
Pedrazas: A 1: 161.	Chibcha
Pegas: H 4: 931.	
Penóquia: C 6: 22, 284.	
Periá: H 4: 515.	Chiquito
Pesatupe: C 7: 778, 786, 803.	
Péua v. Takunyapé.	
Pianokotó: D 2, E 2: 421, 454, 455, 481, 673, 802, 881.	Karib
Piapay: E 4: 283, 555, 738.	Aruak
Piapóko ⁽⁴⁾ : A 2: 14, 458, 783, 859.	
Piaróa: B 1, B 2: 14, 100, 101, 157, 441, 458, 465, 466, 494, 783, 808, 859.	Sáliva
Picá-Tapuya ⁽³⁾ : A 2: 446, 456, 467, 501, 854. [no mapa Pisá-T.]	Tukana
Pidá-dyapá: B 3: 185.	Katukina
Pilagá: C 7, D 7: 19, 100, 102, 599, 600, 774, 778, 786, 787, 803, 895.	Guaykurú
Pimenteiras: G 4, H 4: 19, 30, 238, 270, 272, 364, 370, 405, 759.	Botocudo
Pinaré: E 8, F 9: 19, 865, 871.	
Pino: E 2: 440, 578.	Chiquito
Piñoca: C 6: 22, 284.	Múra
Pipipá: H 4: 270, 408.	Karib
Pirahá: C 4: 342, 523, 533, 740, 741, 742.	
Piranya: D 3: 964.	Tukana
Pirá-Tapuya: B 2: 440, 446, 456, 467, 480, 501, 760, 854. [no mapa Pirá-T.]	Aruak
Piro: A 5: V. Contakiro.	
Piriú: E 2: 440, 578, 800.	Pano
Pišaukó: C 2, D 2: 101, 487, 953.	Gê
Pitá: G 7: 19, 270.	
Pitsobu: A 5: 14, 45, 202.	
Pobyé: F 3: 365, 414. [no mapa Pobzé]	Gê
Pomesano: B 2: 441. [no mapa Poimisana]	
Pontá: G 4: 19, 185.	
Pôrekamekra: F 4: 19, 337, 359, 369, 370, 390, 759.	
Poten: G 6: 65.	Botocudo
Potiguára ⁽⁵⁾ : H 3, H 4: 1, 19, 68, 259, 280, 284, 290, 291, 323, 379, 383, 389, 618, 767, 906, 934.	Tupí
Poturera: D 6: 623. [no mapa Potorera]	Zamuko
V. Ninaquiguilá.	
Poyanawa: A 4: 187, 573, 832.	Pano
Poyicá: G 6: 65, 546, 852.	Botocudo
Prágé ^(2a) : 381.	
Pratió: H 4, H 5: 438, 897. [no mapa também Prakió]	
Procá: H 4: 381.	
Puináve ⁽⁴⁾ : B 2: 149, 156, 441, 458, 489, 760, 783.	Puinave
Puipuitena: B 2: 441, 808. [no mapa Puipuitene]	Aruak
Pukapukuri: A 5: 47, 189. [no mapa Pukapukuri]	Gê
Pukópye: F 4: 19, 324, 348, 366, 369, 370, 371, 548, 754, 759.	
Pular: B 7: 904.	
Puyamumanawa: A 4: 832.	Pano
Purecamecran v. Pôrekamekra.	
Purí: F 7, G 6, G 7: 19, 30, 31, 66, 69, 85, 242, 254, 270, 280, 291, 911, 928, 933.	Purí
Puruborá: C 5: 543, 595, 842.	Tupí
Purukaród ⁽⁴⁾ : E 4: 11.	Gê
Purukotó: C 2: 10, 101, 285, 286, 440, 441, 454, 488, 808, 953.	Karib
Purumamarca: B 7: 781.	
Purupurú: C 4: 19, 45, 47, 58, 61, 241, 341, 383.	Aruak
V. Paumarí.	
Puty: G 4: 364.	
Puxacase: C 5: 19, 45, 46. [no mapa Puxaca]	
Quaiqueri: B 1: 298, 441. [no mapa Quaiquiri]	
Quaqua: B 1, C 1: 14, 298, 441.	Karib
Quelosi ⁽⁵⁾ : C 9: 782.	
Quesque: H 4: 302.	

Quiloaza:	C 9:	429, 781. [no mapa Quiloasa]	
Quiloto:	A 1:	14.	Guahibo
Quinána ^(2a) :	936.		
Quirioripa:	C 2:	441, 808.	
Quiriquiripa:	C 1:	441, 808. [no mapa Quiriquirupa]	
Quitaiaiú:	G 3:	906.	
Quixelô:	H 4:	379, 381, 389.	
Quixexeú:	H 4:	381.	
Racaret v.	Aricari.		
Raipe-chichi v.	Taipe-sísí.		
Rangu-piquí v.	Tirió.		
Rama-rama:	C 4:	164, 452, 917. [no mapa Ramarama]	Tupí
Rankókamekra:	F 4:	11, 19, 272, 365, 369, 370, 390, 424, 425, 606, 695, 697, 754, 759, 772, 795, 796.	Gê
Rankélce ⁽⁴⁾ :	C 9:	100, 785, 891, 898.	Araucano
Recigaró ⁽³⁾ :	A 3:	693. [no mapa Resigaro]	Pano
Remo:	A 4:	202, 203, 573, 693, 784.	
Reriuú:	G 3:	906.	
Rodellas:	H 4:	302, 381, 382, 386, 968.	
Rokorona:	C 5:	537, 539, 540, 541, 886.	
Romarí ⁽⁵⁾ :	H 5:	19, 270.	
Roucouyenne v.	Wayána.		
Runanawa:	A 4:	576. [no mapa Ruynanawa]	Pano
Saboibo:	A 5:	44.	Pano
Sabuja v.	Sapuya.		
Sacaca:	F 3:	325, 326, 383, 528, 906, 913.	
Sacamecran v.	Čákamekra.		
Sacarú:	G 7:	270.	
Sacrakinhas:	G 4:	819.	
Sakuya:	A 5:	204.	
Sáliva:	A 1, A 2, B 2:	14, 157, 281, 298, 441, 859.	Tupí
Salumá (= Zurumata?):	D 2:	14, 454, 671, 673, 802, 887, 942.	Sáliva
Samuco v.	Zamuko.		Karib
Sanagasta:	B 8:	782.	
Sanamašká:	C 5:	54.	
Sanapaná:	D 7:	100, 134, 442.	Maskoy
Sanaviron:	C 9:	116, 781, 782.	
Saninawa:	A 4:	187, 202.	
Sapai:	E 1, E 2:	5, 440, 799, 801.	
Sapará:	C 2:	19, 101, 440, 454, 455, 488, 953.	Karib
Sapukí:	D 7:	100.	Maskoy
Sapupé:	D 3:	19, 194, 221, 317.	
Sapuya:	G 5, H 5:	19, 30, 185, 515, 946.	
Sara:	A 3:	501. [no mapa Sära]	Kariri
Saraveka:	C 5, C 6:	45, 269, 723, 886.	Tukana
Sensi:	A 4:	14, 45, 47, 186, 189, 210, 213, 693.	Aruak
Seregong:	C 1:	14, 101, 454, 953.	
Sewaku:	B 4:	45, 47.	Karib
Sikiana:	D 2:	14, 673, 802, 960.	
Sinabu:	B 5:	14.	Karib
Sipibo ⁽¹⁾ :	A 4:		Pano
Sirineiri:	A 5:	14, 576.	Pano
Sirionó:	B 6, C 5:	19, 543, 653, 654, 655, 675, 684, 685, 687, 840, 886.	Aruak
Siuci-Tapuya:	B 2:	19, 446, 456, 466, 496, 500, 753, 854. [no mapa Siusí-T.]	Tupí
Sociagay:	C 7, D 7:	92, 123, 125, 528, 589, 639, 643, 654, 793.	Aruak
Suberiono:	C 6:	656.	Matako
Sukuriyú-Tapuya:	B 2:	19, 446, 456, 466, 496, 500, 753, 854. [no mapa Sukuriyú-T.]	
Sutagao:	A 2:	790.	Aruak
Suyá:	E 5:	23, 24, 665, 666, 814, 829.	Gê
Šakriabá:	F 5, F 6, F 7, G 5:	19, 185, 272, 297, 365, 372, 373, 375, 377, 877.	Gê
Šambioá:	F 4:	11, 19, 366, 377, 584, 761, 903.	Karaya
Šaninawa:	A 5:	201.	Pano
Šauianá:	D 3:	964.	Karib

Serénte: F 4, F 5: 11, 19, 45, 175, 191, 244, 366, 370, 371, 375, 377, 378, 390, 399, 426, 747, 760, 847.	Gê
Šetá v. Ivaparé.	
Šikri v. Dyóre.	
Šipáya: E 3, E 4: 19, 184, 233, 279, 283, 383, 555, 632, 633, 634, 635, 738, 739, 745.	Tupí
Šipinawa: A 4: 187, 638.	Pano
Širiána (Rio Demení): C 2: 286, 311, 760, 899.	Aruak
Širianá (Rio Uraricuéra): C 2: 101, 440, 454, 455, 881, 943.	Sirianá
Šukurú (Cimbres): H 4: 19, 185, 270, 302, 323, 381, 417, 438, 761, 830, 924, 931. (Palmeira dos Indios): H 4: 618, 897.	Isolada
Tabajara v. Tobajara.	
Tabajari: C 1: 441, 808.	
Tacarijú: G 3: 383, 906.	
Tacayuna: F 4: 906.	
Tagari ⁽¹⁾ : D 3.	
Tagnaní ⁽⁴⁾ : C 5: 920.	Nambikwára
Taira ⁽¹⁾ : E 2.	
Taipe-sisi: D 4: 883.	
Takunyapé: E 3. [no mapa Takonyapél]	Tupí
Takruk-krak (= Čovign): G 6: 65. [no mapa Takrukak]	Botocudo
Takwatíb ⁽⁵⁾ : C 5: 168, 741, 916. [no mapa Takwatíp]	Tupí
Taluhet: B 9, C 9, D 9: 902.	
Tama: A 2: 925.	Tukana
Tamaindé v. Mamaindé.	
Tamanaco (Rio Unare): B 1: 22. (Rio Orinoco): B 1: 441, 480, 856.	Karib
Tamanquin: G 4: 302, 381, 819.	
Tamararé: D 5: 45.	
Tamianac: B 1: 808.	
Tamoyo: F 6, F 7, G 7: 68, 85, 258, 259, 280, 284, 290, 302, 755, 767, 906. V. Tupinambá.	Tupí
Tanimbuka-Tapuya v. Opaina.	
Tao: C 6: 22, 284, 623.	Chiquito
Tapacuá: F 5: 364, 372, 377, 390, 759.	
Tapajó: D 3: 27, 194, 233, 247, 281, 284, 287, 292, 320, 321, 432, 528, 758, 863, 864, 875, 906.	
Tapakurá: D 3: 19, 221, 738.	
Taparitos: B 1, C 1: 14, 101, 441, 454, 466, 492.	Karib
Tapayúna ⁽⁵⁾ : D 4, D 5: 19, 29, 37, 45, 243, 301, 360, 530, 879.	
Tape: E 9: 270, 439, 865.	
Tapehiquia ⁽³⁾ : C 6: 886. [no mapa Tapihiquia]	
Tapiete (lingua Guarani) v. Yanaigua. (lingua Matako) v. Sociagay.	
Tapii: D 6: 622, 623, 626, 886.	
Tapiíra-Tapuya: A 2: 19, 446, 456, 496, 500. [no mapa Tapiíra-T.]	Aruak
Tapira (Alto Orinoco): C 2: 454.	
Tapiro: E 5: 11, 16, 19, 165, 222, 282, 284, 292, 373, 377, 390, 397, 575, 690, 755, 815, 838.	Tupí
Tapiraua (= Kupé-rop ²): E 3: 191, 267.	Tupí
Tapoáya ⁽⁴⁾ : C 5: 543, 842.	
Tapuiussú: E 3: 221, 282.	
Tarairyouw v. Otshukayana.	
Tarapecosi: D 6: 886.	
Tariána: B 2: 19, 440, 446, 456, 489, 491, 496, 747.	Tukana e Aruak
Taripi ^(2a) : 440, 578, 800.	
Tarumá: C 3, D 2: 14, 19, 150, 194, 383, 430, 454, 455, 523, 671, 673, 875, 906, 960.	Isolada
Tatú-Tapuya (Rio Uaupés): A 2: 19, 440, 446, 467, 489, 753. (Rio Guainía): B 2: 446, 466, 496. [no mapa Tatú-T.]	Tukana Aruak
Tauandé v. Tauitê.	
Tauíté: C 5: 155, 563, 920. [no mapa Tauandé]	Nambikwára
Taulipang: C 2: 101, 440, 454, 455, 485, 881, 953.	Karib
Taven: E 7: 927.	
Tawarí: A 4: 201, 573.	

Tegua:	A 1:	790.		
Tembé:	F 3, F 4, G 3:	4, 296, 326, 365, 393, 437, 522, 551, 552, 554, 555, 556, 557, 558, 560, 636, 734, 737, 760, 761, 883.		Tupí Tupí
Temiminó:	G 6, G 7:	19, 255, 256, 259, 275, 280, 291, 906.	Aruak	
Teréna ⁽⁴⁾ :	D 7:	19, 179, 563, 760, 814, 838.	Karib	
Teweýá:	C 2:	498.		
Ticuna v.	Tukuna.			
Tilcara:	B 7:	781.		
Tiliáno:	B 7:	781.		
Timaoán (= Tapayuna):	D 5:	360. [no mapa Timauán]	Gê	
Timbira (Rio Gurupy):	F 3, G 4:	437, 554, 560, 759, 762.	Gê	
	(Baixo Mearim):	F 3: 367, 369, 370, 374, 759.	Gê	
	(Piauhy):	G 4: 325, 380, 395.	Gê	
V. Kre/pýmkateye,	Kukókamekra.			
Timbú:	C 9:	284, 509, 511, 781, 932.	Chaná	
Timinahá (= Tumerehá?):	D 7:	284, 539, 624, 786, 803.	Zamuko	
Timirém:	E 3:	735.	Karib	
Timote:	A 1:	22, 677.	Timote	
Tirió:	D 2:	304, 324, 440, 454, 458, 673, 783, 802, 881, 887, 942.	Karib	
Tiverighoto ^(2a) :	? P:	19, 455.		
Tivitiva:	C 1:	807, 809, 955.		
Toba:	C 7, C 8, D 7, D 8:	52, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 123, 142, 284, 599, 621, 639, 642, 654, 674, 705, 778, 786, 803, 895.	Guaykurú	
Tobachana:	B 3:	194.		
Tobajára:	F 3, G 3, G 5, H 4:	1, 2, 12, 19, 68, 255, 265, 279, 280, 284, 287, 290, 291, 381, 383, 387, 389, 412, 767, 830, 906.	Tupí	
Tocantin ⁽³⁾ :	F 3:	19, 221, 287, 383. [no mapa Tocantim]		
Tocoyenne (Rio Oyapock):	E 2:	340, 440, 578, 799.		
	(Rio Cajary):	E 3: 800.		
Tocayó ⁽⁴⁾ :	H 6:	837. [no mapa Tocoyo]		
Tohazanna:	B 2:	441, 808.		
Tomacusi:	C 6:	659, 857, 886.		
Tomocom:	E 2:	324. [no mapa Tomokom]		
Tomoeno:	C 6:	284, 539, 803.	Zamuko	
Tonokoté (= Noktéñ) ⁽⁴⁾ :	C 7:	778, 782, 843.	Matako	
Tonoyenne:	E 2:	274, 440, 799, 801, 954, 955.		
Toosle:	D 7:	193.	Enimágá	
Topim ⁽¹⁾ :	G 5.			
Torá:	C 4:	19, 45, 150, 221, 233, 294, 309, 311, 317, 352, 355, 740, 741, 742, 906, 962.	Čapakura	
Tore:	C 6:	656, 886.		
Toromóna:	B 5:	14, 19, 805.	Takana	
Tororí ⁽⁴⁾ :	C 4:	19, 241, 528, 906.		
Tremembé:	F 3, G 3:	12, 19, 233, 270, 280, 284, 289, 292, 325, 380, 381, 383, 386, 387, 388, 389, 391, 394, 402, 407, 410, 412, 528, 618, 759, 828, 906.		
Trió v.	Tirió.			
Trumai ⁽⁴⁾ :	E 5:	23, 24, 586, 665, 666, 814, 919.	Isolada	
Tsahátsaha:	A 2:	14, 173, 456.	Karib	
Tsirakua:	C 6:	123, 589, 654.	Zamuko	
Tsöld:	A 3:	456, 501.		
Tsöloa:	A 3:	501.		
Tsuva:	E 5:	814.	Karib	
Tšetšehet:	C 9:	136, 568, 892, 952.	Isolada	
Tucanuçú:	H 6:	64.		
Tucujú:	E 2:	19, 194, 217, 221, 223, 284, 287, 292, 528, 906.		
Tukána-Tapuya:	B 2:	19, 163, 440, 446, 456, 466, 467, 489, 501, 502, 581, 585, 605, 760. [no mapa Tukána-T.]	Tukana	
Tukuku:	A 1:	14.	Karib	
Tukumáféd:	C 5:	168. [no mapa Tukumáfet]	Tupí	
Tukuna:	A 3, A 4, B 3:	19, 30, 42, 45, 47, 150, 185, 189, 194, 202, 204, 207, 247, 259, 292, 305, 306, 307, 317, 320, 345, 349, 383, 405, 491, 522, 531, 533, 642, 693, 712, 750, 753, 761, 783, 784, 912, 971.		
Tukun-dyapá:	A 4:	185.		
Tumerehá:	D 7:	100, 613.	Isolada	
Tunacho:	D 6:	284, 539, 622, 786, 803.	Katukina	
Tunayana:	D 2:	14, 421, 454.	Zamuko	
			Zamuko	
			Karib	

Tunebo: A 1: 14, 161, 344, 724, 725, 726.	Chibcha
Tuparí: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Tupí (São Paulo-Paraná): E 8, F 7, F 8: 275, 284, 291, 906. (Rio Grande do Sul. — Kaingang?): E 8: 72, 439, 871.	Tupí
Tupiná: G 5, G 6, H 5: 64, 68, 259, 284, 302, 819.	Tupí
Tupinakí: F 7, G 6, G 7, H 5, H 6: 4, 64, 185, 241, 296, 304, 326, 365, 515, 554, 556, 557, 558, 734, 760, 819, 820, 823, 906.	Tupí
Tupinambá: F 3, G 3, G 4, G 5, G 7, H 5, H 6: 2, 12, 19, 64, 68, 218, 230, 255, 256, 258, 259, 265, 275, 280, 282, 284, 287, 290, 291, 292, 293, 323, 365, 369, 377, 383, 515, 528, 755.	Tupí
Tupinambarana: D 3: 19, 150, 194, 233, 247, 263, 287, 320, 875, 906.	Tupí
Turiwára: F 3: 150, 296, 304, 326, 365, 554, 556, 557, 558, 734, 760, 883.	Tupí
Tušá: H 4: 618.	Isolada
Tušinawa: (Rio Jutahy): B 3: 45. [no mapa Tuchinawa] (Rio Envira): A 4: 187. [no mapa Tučinawa]	Pano
Tuyoneiri: A 5: 169.	Pano
Tuyúka-Tapuya ⁽⁵⁾ : B 2, B 3: 19, 440, 446, 456, 489, 501, 680. [no mapa Tuyúka-T.]	Isolada
Uaboi: D 3: 957. [no mapa Uaboy]	Tukuna
Uahmirí: D 2: 468, 761. V. Yauaperí.	Karib
Uaikana v. Pirá-Tapuya.	
Uaimaré ^(2a) : D 6: 19, 563.	
Uainamarí ⁽⁵⁾ : B 4: 58.	Aruak
Uaintacú: D 5: 155, 482, 563.	
Uairua: B 3: 194.	
Uanapú: E 3: 19, 223, 282, 287, 292, 915.	
Uaraikú v. Waraikú.	
Uaranacoacena: C 3: 19, 150.	
Uariua (Rio Negro): C 3: 19, 241, 899.	
Uassahy: D 3: 356, 428, 522.	
Uatadeo: D 6: 627.	Guaykurú
Uauarate: B 3: 194.	
Uaya: B 3: 194.	
Uçá-Tapuya: B 2: 489, 854. [no mapa Uçá-T.]	Tukuna
Ugarano: C 7: 287, 539, 619, 620, 626, 786, 803.	Zamuko
Uririná ⁽⁵⁾ : C 2: 19, 30, 489.	Aruak
Uiuá-Tapuya v. Uçá-Tapuya.	
Umá: H 4: 19, 270, 408.	
Umaua v. Karihóna.	
Ümotina: D 5, D 6: 253, 270, 301, 563, 672, 766, 810, 814.	Otuké
Umuampa: C 7: 778, 786, 803.	
Unini ^(2a) : A 5: 185.	
Uomo: C 5: 917. [no mapa Uomu]	Čapakura
Upuruí: E 2: 260, 324, 440, 495, 554, 578, 802, 887.	Karib
Uruati: G 3: 287, 383, 528, 906.	
Urubú (Rio Gurupy): F 3: 4, 363, 365, 406, 560, 591, 761, 796.	Tupí
Urubú-Tapuya (Rio Içana): B 2: 456, 496, 854. [no mapa Urubú-T.]	Aruak
Urucú: G 6: 65. [no mapa Urukú]	Botocudo
Urucuai: C 5: 19, 45, 46.	
Urucuiana v. Wayána.	
Urucucú v. Ururucú.	
Uruma: H 4: 515.	
Urumanaua: C 3: 194.	
Urumí: C 5: 510, 563, 917, 937. (= Itogapük?)	
Urunamakan: C 5: 543, 842.	Čapakura
Urupá (Rio Machado): C 5, D 3: 150, 233, 240, 322, 510, 740, 742, 760, 917. (Rio Tapajoz): D 4, D 5, E 4: 19, 45, 221, 233, 236, 243, 317.	Čapakura
Urupaya (Rio Xingú) v. Arupáy.	
Ururucú: D 3: 284, 287, 528.	
Ururu-dyapá: A 4: 573. [no mapa Ururu-Dy.]	
Usikring v. Dyore.	
Uyapé: D 4: 19, 45.	
Vacaa: C 7: 178, 186, 803.	
Vanhherei: E 6: 400.	
Vejo: C 8: 153, 778.	Matako
Vilela: C 7, C 8: 704, 778, 786, 803, 855.	Vilela
Vouvê: H 4: 19, 270, 408. [no mapa Vouvê]	

Wadyo-paraní-dyapá: A 4: 185, 573.	Katukina
Wai: E 2: 440, 578, 799, 800.	Karib
Waika (Guayana Ingleza): D 1: 14, 956.	Sirianá
Waiká (Rios Negro, Branco e Orinoco): C 2: 4, 19, 101, 440, 441, 454, 466, 488, 491, 700, 761, 899, 943.	Aruak
Wainambí-Tapuya: A 2: 446, 489. [no mapa Wainambí-T.]	Aruak
Wainumá (= Wainambí-Tapuya): A 3: 19, 30.	
Waitáká ⁽³⁾ : G 7, G 8: 19, 68, 85, 90, 215, 226, 255, 256, 270, 272, 280, 284, 290, 291, 686, 906. [no mapa Waytaká]	
Waiwé ⁽⁵⁾ : D 2: 14, 19, 440, 454, 455, 462, 479, 671, 673, 881, 960.	Karib
Wakóna: H 4: 19, 270, 272. [no mapa Aconá]	
Walipéri-dákenai v. Siuci-Tapuya.	
Wama ⁽¹⁾ : E 2.	Karib
Wanána: A 2, B 2: 19, 436, 440, 446, 467, 489, 501, 746, 760, 854.	Tukana
Wanyám ⁽⁴⁾ : C 5: 269, 537, 538, 655.	Capakura
Wapiçána: C 2, C 3, D 2: 19, 101, 430, 440, 454, 455, 458, 480, 671, 760, 881, 953, 960. [no mapa Wapiçána]	Aruak
Waraikú: A 4, B 3: 19, 30, 45, 47, 194, 247, 320.	Aruak
Waraú: C 1, D 1: 14, 19, 140, 298, 441, 454, 455, 458, 480, 579, 591, 607, 670, 783, 807, 955.	Waraú
Warekéná: B 2: 19, 27, 150, 221, 233, 249, 455, 456, 466, 489, 491, 496, 753.	Aruak
Waríwa (Rio Ventuari): B 1: 101, 489.	
Waríwa-Tapuya (Rio Japurá): B 3: 456, 570, 761. [no mapa Waríwa-T.]	
Waruwádu ⁽⁵⁾ : B 2: 101.	
Waurá: E 5: 24, 665, 814.	Aruak
Wayakulé v. Wama.	
Wayána ⁽⁴⁾ : D 2, E 2: 324, 433, 440, 458, 495, 673, 783, 800, 802, 881, 882, 887, 942, 987.	Karib
Wayapí: E 2, E 3: 19, 194, 221, 285, 287, 295, 324, 418, 433, 440, 458, 469, 528, 549, 554, 673, 744, 755, 761, 783, 800, 881, 882, 883.	Tupí
Wayoró: C 5: 543, 841, 842.	Tupí
Wayumará: C 2: 19, 101, 440, 455, 953.	Karib
Wekiáre: B 1: 101, 448, 466. (= Yauarána?)	Karib
Wiraféd: C 5: 168, 741, 742, 760. [no mapa Wirafét]	Tupí
Wiri-dyapá: A 4: 573. [no mapa Wiri-Dy.]	Katukina
Witóto: A 3, B 3: 170, 171, 172, 173, 181, 456, 504, 505, 506, 693, 760, 761, 783.	Witóto
Woyawai v. Waiwe.	
Xacuruina: D 5: 19, 45.	
Xaray: D 6: 19, 284, 439, 886.	
Xaulát: B 9: 902.	
Xumana v. Yumána.	
Xumetó ⁽⁵⁾ : G 7: 19, 270.	
Yabaána ⁽⁴⁾ : B 2: 4, 19, 489, 491.	Aruak
Yabutí ⁽³⁾ : C 5: 543, 841, 842. [no mapa Jabutí]	Gê
Yabuti-čiěi ⁽³⁾ : C 5: 543, 842. [no mapa Jabotí-čiěi]	Tupí
Yabutiféd: C 5: 168. [no mapa Yabotifét]	
Yacariuara: A 3: 194, 247.	Peba
Yagua: A 3: 19, 45, 47, 533, 693, 716, 905.	
Yaguanai: C 3: 194, 320, 816.	Múra
Yaháhi ⁽⁴⁾ : C 4: 523, 741.	Tukana
Yahúna: A 3: 19, 30, 456, 501, 506.	
Yajura: B 2: 808.	Karib
Yakaóyana: A 2: 14, 456.	Aruak
Yamamadí: B 4: 4, 58, 61, 191, 193, 342, 350.	Peba
Yameo: A 3: 19, 539, 693, 716, 717, 718, 789.	Pano
Yaminawa: A 4: 187, 188, 201, 573.	Guahibo
Yamu: A 2: 14.	Tupí
Yanaigua: C 6, C 7: 52, 123, 647, 653, 654, 675.	
Yao: D 1, E 2: 5, 17, 19, 333, 335.	
Yapokoye: E 2: 324. [no mapa Yapocoye]	
Yapówa: A 2: 489.	
Yaricuí ⁽⁵⁾ : A 1: 790.	Chaná
Yaró: D 9, D 10: 284, 511, 539, 778, 781, 865, 868, 869.	Karib
Yarumá: E 5: 24, 277, 814.	

Yaruro: B 1: 14, 22, 441, 458, 464, 465, 466, 783, 808, 856.	Isolada
Yauaperí: C 3: 285, 286, 305, 306, 308, 309, 310, 347, 351, 353, 354, 355, 356, 357, 468, 761.	Karib
Yauari (Rio Caratirimani): C 2: 700, 943, 953.	Širianá
Yauavó ⁽⁵⁾ : A 4: 45, 187, 638	Pano
Yaeui: C 4: 194.	
Yaulapiti v. Yawarapiti.	
Yawahé: E 5: 11, 16, 19, 366, 373, 375, 377, 575, 844. [no mapa Yavaé]	
Yaviteros: B 2: 19, 100, 441, 446, 456, 466, 496, 498.	Aruak
Yawanawa: A 4: 831.	Pano
Ycarána: B 1: 101, 441, 466, 808.	Karib
Yawarapiti: E 5: 24, 665, 666, 814.	Aruak
Yawareté-Tapuya: B 2: 45, 456, 496, 753, 854. [no mapa Yawareté-T.]	Aruak
Yecoanita: C 7: 778, 786, 803.	
Yekuaná: C 2: 101, 953, 956.	Karib
V. Mayongong.	
Yibóya-Tapuya v. Yurémawa.	
Yiporok: C 6: 4, 517, 546, 837.	
Yi-Tapuya: B 3: 19, 854. [no mapa Yi-T.]	Botocudo
Yoemamay: B 3, C 3: 194.	Tukana
Yooc: C 7: 778, 786, 803.	
Yuberí: B 4, C 4: 19, 45, 191, 350.	Aruak
Yufiua: B 3: 194.	
Yukúna ⁽⁵⁾ : A 3: 13, 30, 150, 173, 456, 489, 496.	Aruak
Yúma (Rio Purús): C 3: 19, 188, 191, 192, 241, 270, 271, 272, 285, 305, 358.	
Yúma (Rio Unini): B 4, C 4: 936.	
Yumbanawa: A 4: 576.	Pano
Yumána ⁽⁴⁾ : B 3: 19, 30, 150, 249, 352.	Aruak
Yupúa: B 3: 19, 30, 446, 456, 501.	Tukana
Yura: A 5: 188, 189, 204.	Pano
Yurakare: B 6: 143, 315, 654, 655, 656, 688, 886.	Isolada
Yurémawa: B 2: 489, 746, 854.	Tukana
Yuri: B 3, C 3: 13, 19, 30, 45, 207, 342, 345, 352, 446, 693.	Isolada
Yurimagua: B 3, C 3: 19, 38, 150, 194, 203, 247, 287, 314, 320, 345, 383, 513, 875.	
Yurúna: E 3, E 4, E 5: 10, 19, 23, 194, 221, 233, 276, 279, 282, 283, 284, 292, 383, 420, 528, 554, 555, 699, 738, 753, 814, 829, 845, 906.	Tupí
Yurupari-Tapuya (Rio Içana): B 2: 19, 446, 456, 496, 854. [no mapa Yurupari-T.]	
(Rio Uaupés): B 2: 446, 496, 854.	Aruak
Yurutí-Tapuya: A 2: 456, 467, 501. [no mapa Yurutí-T.]	Tukana
Zamuco: D 6, D 7: 35, 52, 269, 284, 539, 612, 619, 620, 621, 623, 626, 778, 786, 803.	Zamuko
Zapucaya: D 3: 247.	
Zatiено: C 6: 284, 539, 619, 620, 626, 786, 803.	Zamuko
Zuana: C 3: 816.	
Zurina: D 3: 19, 247.	Karib
Zurumata: D 2: 454, 671, 802.	Aruak
Zuwihi-madiha: A 4: 573.	
Zya: A 3: 816.	

INDICE BIBLIOGRÁFICO *

1. *Fr. Vicente do Salvador*: Historia do Brazil. S. Paulo — Rio 1918.
2. *P. Claudio d'Abbeville*: Historia da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão (1613-1614). Maranhão. 1874.
3. *Pedro Carrilho de Andrade*: Memoria sobre os Indios do Brazil. Rev. Inst. Hist. Geogr. do Rio Grande do Norte. VII. Natal. 1912.
4. *Serviço de Protecção aos Indios*: Archivos das Inspectorias do Espírito Santo, Maranhão, Amazonas e Acre.
5. *Iodocus Hondius*: Nieuwe Caerte van het wonderbaer ende goudrije landt Guiana. — Rio Branco: Frontières. Atlas annexé au Mémoire. Paris. 1899.
6. *Gaspar Barlaeus*: Brasiliensis Geschichte. Cleve. 1659.
7. *Rovox Baro*: Relation du Voyage de — (1647). — Relations veritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Bresil. Paris. 1651.
8. *João Roberto Aires Carneiro*: Itinerario da viagem da expedição exploradora e colonizadora do Tocantins. (1848). Ann. Bibliot. e Arch. Publ. VII. Pará. 1910.
9. *Antonio Colbacchini e Cezar Albisetti*: Os Bororós Orientaes. São Paulo. 1942.
10. *Henri Coudreau*: Voyage au Xingú (1896). Paris. 1897.
11. — Voyage au Tocantins-Araguaya (1896-1897). Paris. 1897.
12. *P. Ives d'Evereux*: Voyage dans le Nord du Brésil (1613-1614). Paris-Leipzig. 1864.
13. *João Wilkens de Mattos*: Alguns esclarecimentos sobre as missões da Província do Amazonas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1896.
14. *K. G. Grubb*: The Lowland Indians of Amazonia. London. 1927.
15. *Wilhelm Kissener*: Bei den Canella-Indianern in Zentral-Maranhão (1908). Baessler Archiv. II. Berlin-Leipzig. 1911.
16. *Fritz Krause*: In den Wildnissen Brasiliens (1908). Leipzig. 1911.
17. *Johannes de Laet*: Historia ou annaes dos feitos da Companhia Priviligiada das Indias Occidentaes. Rio. 1925.
18. *Čestmír Loukotka*: La Famille linguistique Kamakan. Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1931.
19. *Carl Friedr. Phil. von Martius*: Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas. I. Zur Ethnographie. Leipzig. 1867.
20. *P. Martim de Nantes*: Histoire de la mission du — — chez les Cariris (1671-1688). Rome. 1888.
21. *Hermann Ploetz & A. Métraux*: La civilisation materielle et la vie sociale et religieuse des Indiens du Brésil méridional et oriental. — Rev. Inst. Etn. I. Tucuman. 1930.
22. *Paul Rivet*: Langues Américaines. — Les Langues du Monde. Paris. 1925.
23. *Karl von den Steinen*: Durch Central-Brasilien. Berlin. 1886.
24. — Unter den Naturvölkern Zentral-Brasilien. Berlin. 1894.
25. *Der Volkstamm der Apeiacas im Stromgebiet des Amazonas*. Globus. XXVII. Braunschweig. 1875. (Seg. D. Macedo Costa).
26. *Ignacio Baptista de Moura*: De Belém a São João do Araguaya (1896). Rio-Paris. 1910.
27. *Alfredo Moreira Pinto*: Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil. Rio. 1896.
28. *Raymundo Brazil*:
29. *Henri Coudreau*: Voyage au Tapajos (1895-1896). Paris. 1897.
30. *Carl Friedr. Phil. von Martius*: Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens. II. Zur Sprachenkunde. Erlangen. 1863.
31. *Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied*: Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817. Frankfurt. 1828.
32. *Ignace Etienne*: Les Camacans. Anthropos. III. Mödling. 1912.
33. *Čestmír Loukotka*: La Famille Linguistique Mašakali. Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1931.
34. *Auguste de Saint-Hilaire*: Voyage dans l'intérieur du Brésil. Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes. II. Paris. 1830.
35. *Adrien Balbi*: Atlas ethnographique du globe. Paris. 1826.

* Reprodução conforme o original do Autor

36. *Alfred Métraux*: Les Indiens Kamakan, Pataño et Kuta'o. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.
37. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Apiaká-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XXXIV. Berlin. 1902.
38. *Toribio de Ortiguera*: Jornada del Marañón. — Nueva Biblioteca de autores españoles. XV. Madrid. 1903.
39. *Francisco de Figueroa*: Relación de las misiones de la Compañía de Jesús en el país de los Maynas. — Colección de libros y documentos referentes a la historia de América. Madrid. 1904.
40. *Paul Rivet*: Les langues Guaranies du Haut Amazone. — Journ. Soc. Améric. VII. Paris. 1921.
41. —— Affinités du Miranya. — Journ. Soc. Améric. VIII. Paris. 1911.
42. *Paul Rivet & C. Tastevin*: Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Jurua et des régions limitrophes. — La Géographie. XXXV. Paris. 1921.
43. *Paul Rivet*: Les Indiens Canoeiros. — Journ. Soc. Améric. XVI. Paris. 1924.
44. *Paul Rivet & C. Tastevin*: Les langues du Purus, du Juruá et des régions limitrophes. — Anthropos. XVIII-XXIX. Mödling. 1923/24.
45. *Francis de Castelnau*: Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud. Histoire du voyage. Paris. 1851.
46. —— Atlas.
47. *Paul Marcoy*: Voyage à travers de l'Amérique du Sud. Paris. 1869.
48. *Francisco Carrasco*: Principales palabras del idioma de las cuatro tribus infieles Antis, Piros, Conibos e Sipibos. Bol. Soc. Geogr. XI. Lima. 1901.
49. *Alfred Reich*: Die Kampa und Kunibo des Urubamba. — Globus. LXXXIII. Braunschweig 1903.
50. *Augustín Alemany*: Vocabulario de bolsillo castellano-piro. Lima. 1906.
51. *Charles Wiener*: Pérou et Bolivie. Paris. 1880.
52. *José Cardús*: Las misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia. Barcelona. 1886.
53. *Lucien Adam*: Arte de la lengua de los indios Antis ó Campas. Bibliothèque linguistique américaine. III. Paris. 1890.
54. *Eulogio Delgado*: Vocabulario del idioma de las tribus Campas. Bol. Soc. Geogr. V. Lima. 1896.
55. *Gabriel Sala*: Diccionario, Gramática y Cathecismo castellano, inga, amueixa y campa. — Bol. Soc. Geogr. XIX. Lima. 1905.
56. *Mauricio Touchaux*: Apuntes sobre la gramática y el diccionario del idioma campa. — Rev. Hist. III. Lima. 1908.
57. *Julio C. Tello*: Arawak. — Lima. 1913.
58. *W. Chandless*: Ascent of the River Purus. — Journ. Royal Geogr. Soc. XXXVI. London. 1866.
59. *Chr. Nusser-Asport*: Vom Madre de Dios zum Acre. — Das Ausland. LXVIII. Stuttgart. 1890.
60. *Joseph Beal Steere*: Narrative of a visit to the Indian Tribes of the Purus river. — Annual Rep. of the Board of Regents of the Smiths. Inst. 1901. Washington. 1903.
61. *J. E. R. Pollak*: A grammar and a vocabulary of the Ipurina language. — Vocabulary publications. I. London. 1894.
62. *Theodor Koch-Grünberg*: Beitrag zur Sprache der Ipuriná-Indianer. — Journ. Soc. Améric. XI. Paris. 1914-1919.
63. *Pero de Magalhães Gandavo*: Tratado da terra do Brazil (1576). Rio. 1924.
64. *Fernão Cardim*: Tratado da terra e gente do Brazil. — Rio. 1925.
65. *Paul Ehrenreich*: Über die Botokuden der brasiliianischen Provinz Espírito Santo und Minas Geraes. — Zeitschr. f. Ethn. XIX. Berlin. 1887.
66. —— Über die Purís Ostbrasiliens. — Zeitschr. f. Ethn. XVIII. Berlin. 1886.
67. *Hermann von Ihering*: Os Botocudos do Rio Doce. — Rev. Mus. Paulista. VIII. S. Paulo. 1911.
68. *Gabriel Soares de Souza*: tratado descriptivo do Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIV. Rio. 1851.
69. *W. C. von Eschwege*: Journal von Brasilien. — Weimar. 1818.
70. *Rui Dias Gusman*: Argentina (1612). — Buenos Aires. 1882.
71. *Pedro Lozano*: Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán. — Buenos Aires. 1873-1875.
72. *Félix de Azara*: Geografía física y esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones guaranies. — Anales del Mus. Nacional. I. Montevideo. 1904.
73. *Hermann von Ihering*: Os Guayanás e Caingangs de São Paulo. — Rev. Mus. Paulista. VI. S. Paulo. 1904.
74. *Benigno Martínez*: Os Indios Guayanás. — Rev. Mus. Paulista. VI. S. Paulo. 1904.
75. *Fr. Vogt*: Die Indianer des oberen Paraná. — Mitt. Anthropol. Ges. XXXIV. Wien. 1904.
76. *Juan B. Ambrosetti*: Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingangue. — Bol. Acad. Nacional de Ciencias. XIV. Córdoba. 1894.
77. —— Los indios Kaingangues de San Pedro. — Rev. Jardín zoológico. II. Buenos Aires. 1895.
78. *Telemaco M. Borba*: Actualidade Indígena. — Corityba. 1908.

79. *Hermann von Ihering*: A questão de indios no Brasil. — Rev. Mus. Paulista. VIII. S. Paulo. 1911.
80. *Hugo Gensch*: Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catharina. — Zeitschr. f. Ethn. XL. Berlin. 1908.
81. —— Die Erziehung eines Indianerkindes. — Intern. Amerikan. Kongr. Wien. 1908. Wien/Leipzig. 1910.
82. *Lucien Adam*: Le parler des Caingang. — Congr. Intern. Améric. Paris. 1902.
83. *Telemaco M. Borba*: Breve noticia sobre os indios Caingangs. — Rev. mens. Secção da Soc. de Geogr. de Lisboa no Brazil. II. Rio. 1882.
84. *Reinhold Hensel*: Die Coroados der brasiliensischen Provinz Rio Grande do Sul. — Zeitschr. f. Ethn. I. Berlin. 1869.
85. *Anthony Knivet*: The admirable adventures and strange fortunes of Master —. — Hakluytus Posthumus. XVI. Glasgow. 1906.
86. *K. von Königswald*: Die Coroados im südlichen Brasilien. — Globus. XCIV. Braunschweig. 1908.
87. —— Die Botokuden in Südbrasiliien. — Globus. XCIII. Braunschweig. 1907.
88. *Henri Henrikhovitch Manizer*: Les Botocudos d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915. — Arch. Mus. Nacional. XXII. Rio. 1919.
89. *Alfred Métraux*: La civilisation materielle des tribus Tupi-Guaraní. — Paris. 1928.
90. —— Les Indiens Waitaka. — Journ. Soc. Améric. XXI. Paris. 1929.
91. *Hermann Meyer*: Über die Bugres. — Verh. Ges. f. Erdkunde. XXIII. Berlin. 1896.
92. *Erland Nordenskiöld*: Eine geographische und ethnographische Analyse der materiellen Kultur zweier Indianerstämme in El Gran Chaco. — Göteborg. 1918.
93. *José Maria de Paula*: Memoria sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catharina. — Congr. Intern. Americ. Rio. 1924.
94. *J. R. Rengger*: Reise nach Paraguay (1818-1826). — Aarau. 1835.
95. *Bruno Rudolph*: Wörterbuch der Botocudensprache. — Hamburg. 1909.
96. *Franz Schulze-Friessnits*: Die erste ethnographische Skizze über die Botocuden in deutscher Sprache. — Globus. LXXX. Braunschweig. 1901.
97. *Antonio Carlos Simões da Silva*: A tribo dos indios Crenaks. — Congr. Intern. Améric. Rio. 1924.
98. *Alfredo d'Escagnolle Taunay*: Os indios Kaingangs. — Rev. Mus. Paulista. X. S. Paulo.
99. *Alfred Métraux*: Contribution à l'Ethnographie et à la Archéologie de la Province de Mendoza. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.
100. *Cestmír Loukotka*: Vocabularios inéditos y poco conocidos. — Rev. Inst., Etn. I. Tucumán. 1929.
101. *Theodor Koch-Grünberg*: Vom Roraima zum Orinoco. — Stuttgart. 1928.
102. —— Die Guaikurú-Gruppe. — Mitt. Anthropol. Ges. in Wien. XXXIII. Wien. 1903.
103. *Robert Lehmann-Nitsche*: Vocabularios Toba. — Bol. Acad. Nacional de Ciencias. XXVIII. Córdoba. 1925.
104. *Samuel A. Lafone Quevedo*: Arte de la lengua Toba por el P. Alonso Barcena. — Rev. Mus. La Plata. V. La Plata. 1893.
105. *L. Alfred Demersay*: Histoire physique, économique et politique du Paraguay. — Paris. 1860.
106. *J. Amadeo Baldrich*: Las comarcas virgenes: El Chaco central norte. — Buenos Aires/La Plata/Rosario. 1890.
107. *A. Thouar*: Explorations dans l'Amérique du Sud. — Paris. 1891.
108. *Guido Boggiani*: Compendio de Etnografía Paraguaya moderna. — Asunción. 1900.
109. *Ángel Justiniano Carranza*: Expedición al Chaco Austral. — Buenos Aires. 1884.
110. *Filiberto de Oliveira Cézar*: Los amores de una india. Buenos Aires/ La Plata/ Rosario. 1892.
111. *Luis Jorge Fontana*: El Gran Chaco. — Buenos Aires. 1881.
112. *Alfred Métraux*: Études sur la civilisation des indiens chiriguanos. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.
113. *J. Capistrano de Abreu*: Rã-txa-hu-ni-kui. — Rio. 1914.
114. *Juan B. Ambrosetti*: Los indios Cainguá del Alto Paraná. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XV. Buenos Aires. 1895.
115. *Juan B. Ambrosetti*: Exploraciones arqueológicas en la ciudad de La Paya. — Facultad de Filosofía y Letras. Publicaciones de la Sección Antropológica. Buenos Aires. 1907.
116. *Eric Boman*: Antiquités de la région andine de la République Argentine. — Paris. 1908.
117. —— Los ensayos para establecer una cronología pre-histórica en la región diaguita. — Bol. Acad. Nacional de Historia. VI. Quito. 1923.
118. *Domenico del Campana*: Notizie intorno ai Ciriguani. — Arch. per l'Antropologia e la Etnologia. Florence. XXXIII. 1902.
119. *Santiago Romano & Hermann Cattunar*: Diccionario Chiriguano-Español y Espanol-Chiriguano. — Tarija. 1916.
120. *Charles de la Hitte*: Notes ethnographiques sur les Indiens Guayaquys. — Anales del Mus. de La Plata. II. La Plata. 1897.
121. *Alfred Métraux*: Un ancien document peu connu sur les Guarayú. — Anthropos. XXIV. Mödling. 1929.

122. *Bernardo de Nino*: Etnografía chiriguana. — La Paz. 1812.
123. *Erland Nordenskiöld*: Indianerleben. — Leipzig. 1912.
124. — The Guaraní Invasion of the Inca Empire in the XVI century. — Geographical Review. IV. New York. 1917.
125. — The changes in the material culture of two indian tribes under the influence of new surroundings. — Compar. ethnogr. Studies. II. Göteborg. 1920.
126. *Félix F. Outes*: La cerámica chiriguana. — Rev. Mus. La Plata. III. Buenos Aires. 1907.
127. *Manuel Serrano y Sanz*: Los indios chiriguanaes. — Rev. Arch. Bibliot. y Museus. II. Madrid. 1898.
128. *Guido Boggiani*: Viajes de un artista por la América Meridional. Los Caduveos. — Rev. Inst. Etn. I. Tucumán. 1929.
129. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Lengua-Indianer. — Globus. LXXVIII. Braunschweig. 1900.
130. *Alfred Coryn*: Los Indios Lenguas. — Anales Soc. Científica Argent. XCIII. Buenos Aires. 1922.
131. *Enrique Peña*: Etnografía del Chaco. — Bol. Inst. Geogr. Argent. XIX. Buenos Aires. 1898.
132. *Juan Comingues*: Obras escogidas. — Buenos Aires. 1892.
133. *Guido Boggiani*: Vocabulario dell' idioma Guaná. — Memoria della Classe di scienze morale etc. della Reale Accademia dei Lincei. III. Roma. 1895.
134. — Linguistica Sulamericana. — Buenos Aires.
135. *Rudolph R. Schuller*: Discovery of a fragment of the printed copy of the work of the Milcayac language. — Papers of the Peabody Museum. III. Cambridge. 1904-1913.
136. *Robert Lehmann-Nitsche*: El grupo lingüistico "het". — Rev. Mus. La Plata. XXVII. Buenos Aires. 1923.
137. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: Les affinités des dialectes Otuke. — Journ. Soc. Améric. X. Paris. 1913.
138. *Basilio de Magalhães*: Vocabulario da lingua dos Bororos-Coroados. — Rev. Inst. Geogr. LXXXIII. Rio. 1918.
139. *Richard J. Hunt*: El Choroti ó Yófuaha. — Rev. Mus. La Plata. XXIII. Liverpool. 1915.
140. *B. Tavera-Acosta*: Nuevos vocabularios de dialectos indígenas de Venezuela. — Journ. Soc. Améric. XIII. Paris. 1921.
141. *Max Schmidt*: Die Guató und ihr Gebiet. — Baessler Archiv. IV. Berlin. 1914.
142. *Rafael Karsten*: The Toba Indians of the Bolivian Chaco. — Acta Academica Aboensis Humaniora. Abo. 1923.
143. *Erland Nordenskiöld*: Forskningar och aventyr i Sydamerika. — Stockholm. 1915.
144. *P. Rivet*: Nouvelle contribution à l'étude de la langue Itonama. — Journ. Soc. Améric. XIII. Paris. 1912.
145. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Kaničana. — Mémoires de la Soc. de Linguistique. XVIII. Paris. 1914.
146. *Hugo Kunike*: Die Phonetik der Karaiásprache. — Journ. Soc. Améric. XI. Paris. 1914-1919.
147. *Lisandro Alvarado*: Observaciones sobre el Caribe hablado en los llanos de Barcelona. — Caracas. 1919.
148. *Gustaf Bolinder*: Einiges über die Motilón-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XLIX. Berlin. 1917.
149. *Luiz R. Oramas*: Contribución al estudio de los dialectos Puinabe y Maquiritare. — Gaceta de los Museos Nacionales. I. Caracas. 1912/1913.
150. *Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo*: Roteiro da viagem da cidade do Pará às ultimas colônias dos domínios portuguezes em os rios Amazonas e Negro. — Collecção de notícias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas. VI. Lisboa. 1856.
151. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Kayuvava. — International Journal of American Linguistics. I. New York. 1917.
152. *W. Barbrook Grubb*: An unknown people in an unknown land. — London. 1911.
153. *Richard J. Hunt*: El Vejos ó Aiyo. — Rev. Mus. La Plata. XXII. Buenos Aires. 1913.
154. *Aluizio Ferreira*: Porto Velho: Informações.
155. *E. Roquette-Pinto*: Rondonia. — Archivos do Mus. Nacional. XX. Rio. 1917.
156. *P. Rivet & C. Tastevin*: Affinités du Makú et du Puinave. — Journ. Soc. Améric. XII. Paris. 1920.
157. *P. Rivet*: Affinités du Sáliba et du Piaroa. — Journ. Soc. Améric. XII. Paris. 1920.
158. *Hermann von Ihering*: A ethnographia do Brazil Meridional. — Congr. Intern. American. Buenos Aires. 1912.
159. *Félix F. Outes*: Sobre las lenguas indígenas rioplatenses. — Rev. Univers. Buenos Aires. XXIV. Buenos Aires. 1913.
160. *Rudolph R. Schuller*: The only known words of the Charrua language. — Intern. Congr. of American. Washington. 1917.
161. *P. Rivet*: La langue Tunebo. — Journ. Soc. Améric. XVI. Paris. 1924.
162. *Erland Nordenskiöld*: Indianer och hvita i nordöstra Bolivia. — Stockholm. 1915.
163. *P. Kock*: Ensayo de gramática Dagseje o Tukano. — Anthropos. XVI-XVII. Mödling. 1921-1922.
164. *Nicolau Bueno Horta Barbosa*: Exploração e levantamento dos rios Anary e Machadinho. — Comm. Linhas Telegr. Estrat. Rio. 1922.

165. *Wilhelm Kissenberth*: Beitrag zur Kenntnis der Tapirapé-Indianer. — Baessler-Archiv. VI. Berlin. 1922.
166. *Algol Lange*: The Lower Amazon. — New York. 1914.
167. *F. C. Mayntzhusen*: Die Sprache der Guayaki. — Zeitschrift für Eingeborensprachen. X. Berlin. 1919-1920.
168. *C. Lévi-Strauss*: The Kawahib. MS.
169. *Erland Nordenskiöld*: Beiträge zur Kenntnis einiger Stämme des Madre de Dios-Gebietes. — Ymer. Stockholm. 1905.
170. *W. E. Hardenburg*: The Putumayo, the devil's paradise. — London. 1912.
171. *Konrad Theodor Preuß*: Religion und Mythologie der Uitoto. — Göttingen. 1921, 1927.
172. *Eugenio Robuchon*: En el Putumayo y sus afluentes. — Lima. 1907.
173. *Thomas Whiffen*: The North-West Amazons. — London. 1915.
174. *Fr. Mansueto Barcaratta de Val Floriano*: Diccionario Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang. — Rev. Mus. Paulista. XII. S. Paulo. 1920.
175. *J. Feliciano de Oliveira*: The Cherentes of Central Brasil. — Intern. Congr. of American. London. 1913.
176. *P. Antonio Maria Salo*: Ensaio de Grammatica Kayapó. — Rev. Mus. Paulista. XII. S. Paulo. 1920.
177. *Theodoro Sampaio*: Os Kraôs do Rio Preto no Estado da Bahia. — Rev. Inst. Geogr. LXXV. Rio. 1912.
178. *P. C. Teschauer*: Die Caingang oder Coroados-Indianer. — Anthropos. IX. Mödling. 1914.
179. *J. Bach*: Datos sobre los indios Terenas de Miranda. — Anales de la Soc. Cientifica Argent. LXXXII. Buenos Aires. 1916.
180. *Etienne Ignace*: Les Boruns. — Anthropos. IV. Mödling. 1909.
181. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Uitóto-Indianer. — Journ. Soc. Améric. VII. Paris. 1910.
182. *Luis R. Oramas*: Estudios linguísticos patrónimicos Quiriquires. — De Re Indica. I. Caracas. 1918.
183. *Max Schmidt*: Die Paressi-Kabisi. — Baessler Archiv. IV. Berlin. 1914.
184. *Emilia Snethlage*: Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé. — Zeitschr. f. Ethn. XLII. Berlin. 1910.
185. *Joh. Bapt. von Spix & Carl Friedr. Phil. von Martius*: Reise in Brasilien. — München. 1831.
186. *Karl von den Steinen*: Diccionario Sipibo. — Berlin. 1904.
187. *Maximo Linhares*: Os indios do Territorio do Acre. — Jornal do Commercio. Rio. 12 de Janeiro de 1913.
188. *Manuel Pablo Villanueva*: Fronteras de Loreto. — Bol. Soc. Geogr. XII. Lima. 1902.
189. *Germán Stiglich*: La region peruana de los bosques. — Colección de documentos oficiales referentes a Loreto. XV. Lima. 1903.
190. *Antonio Raimondi*: Description de la province littorale de Loreto. — Mateo Paz Soldan: Geografie du Pérou.
191. *Paul Ehrenreich*: Materialien zur Sprachkunde Brasiliens. — Zeitschr. f. Ethn. XXIX. Berlin. 1897.
192. *Coronel Labre's explorations in the region between the Beni and Madre de Dios Rivers and the Purus*. — Proceedings of the Royal Geogr. Soc. XI. London. 1889.
193. *W. Chandless*: Notes of a journey up the river Juruá. — Journ. of the Royal Geogr. Soc. XXXIX. London. 1869.
194. *P. Samuel Fritz*: Mapa Geographica del Rio Maraño (1691). — Rio Branco: Frontieres entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas. Paris. 1900.
195. *Francisco Javier Weigel*: Mapa trazado en los cárceles de Lisboa. — Chantre y Herrera: Historia de las Misiones de la Compañía de Jesus. Madrid. 1901.
196. *Enrique Vargas Galindo*: Mapa Geográfico-Historico de la Republica del Ecuador. — Quito. 1906.
197. *Pedro Portillo*: Mapa del Departamento de Loreto. — Bol. Soc. Geogr. XXIII. Lima. 1908.
198. *Paul Ehrenreich*: Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. — Veröff. aus dem Königl. Mus. f. Völkerkunde. II. Berlin, 1891.
199. *Theodor Koch-Grünberg*: Beitrag zur Sprache der Ipuriná-Indianer. Journ. Soc. Améric. XI. Paris. 1914-1919.
200. *W. Chandless*: Notes on the River Aquiry. — Journ. Royal Geogr. Soc. XXXIX. London. 1869.
201. *Alfred Reich & Felix Stegelmann*: Bei den Indianern des Urubamba und des Envira. — Globus. LXXXIII. Braunschweig. 1903.
202. *Antonio Raimondi*: El Perú. — Lima. 1874-1879.
203. *P. C. Tastevin*: Le fleuve Juruá. — La Géographie. XXXIII. Paris. 1920.
204. *Jorge von Hassel*: Las tribus salvajes de la region amazónica del Peru. — Bol. Soc. Geogr. XVIII. Lima. 1905.
205. *João Alberto Maçô*: Os indios Cachararys. — Rev. Soc. Geografica. XXII-XIV. 1909. 1911.
206. *Luiz Sombra*: Os Cachinauás. — Jornal do Commercio. Rio. 11 de Fevereiro de 1913.
207. *Henry Walter Bates*: The naturalist on the river Amazons. — London. 1892.
208. *George Earl Church*: Notes on the visit of Dr. Bach to the Catuquinarú-Indians. — Geographical Journal. XII. London. 1898.

209. *Daniel G. Brinton*: On two unclassified recent vocabularies from South America. — Proceedings of the Americ. Philosoph. Soc. XXXVII. Philadelphia. 1898.
210. *Wm Lewis Herndon*: Exploration of the valley of the Amazonas. — Washington. 1854.
211. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Miránya. — Zeitschr. f. Ethn. XLII. Berlin. 1910.
212. *P. Petersen*: Die Paumarys nach g. Wallis' Nachlaß. — Ausland. LXX. 1886.
213. *Olivier Ordinare*: Les Sauvages du Pérou. — Revue d'Etnographie. VI. Paris. 1887.
214. *Francisco Rodrigues do Prado*: Historia dos Indios Cavaleiros (1795). — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1839.
215. *J. da C. Barboza*: Qual seria hoje o melhor sistema de colonizar os índios. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1840.
216. *João Caetano da Silva*: Digressão que fez — — em 1817 para descobrir a nova navegação entre a Capitania de Goyaz e a de S. Paulo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1840.
217. *Alexandre Rodrigues Ferreira*: Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.
218. *P. Antonio Vieira*: Copia de uma carta para El-Rei Nosso Senhor. 1670. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IV. Rio. 1842.
219. *José Joaquim Machado de Oliveira*: Noticia raciocinada sobre as aldeas de índios da Província de S. Paulo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VIII. Rio. 1867.
220. *Joseph Freire de Monterroyo Mascarenhas*: Os Orizes conquistados. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VIII. Rio. 1867.
221. *D. Fr. João de São José*: Viagem e vizita do sertão. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IX. Rio. 1869.
222. *Thomaz de Souza Villa Real*: Viagem de — — — pelos Rios Tocantins, Araguaia e Vermelho. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IV. Rio. 1848.
223. *Martinho de Souza Albuquerque*: Roteiro chorographic da viagem que o illmo e exmo Snr — — — determinou fazer ao Rio das Amazonas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849.
224. *Joaquim Francisco Lopes*: Itinerario de — — encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a Província de S. Paulo e a de Mato Grosso. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIII. Rio. 1872.
225. *Joaquim da Costa Siqueira*: Compendio historico chronologico das notícias de Cuyabá. 1778-1817. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIII. Rio. 1872.
226. *Francisco Alberto Rubim*: Notas, apontamentos e notícias para a historia da Província de Espírito Santo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.
227. *J. J. Machado de Oliveira*: A Emigração dos Cayuaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.
228. *Angelo Tomaz de Amaral*: Falla, etc. 1851. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.
229. *João Ferreira de Oliveira Bueno*: Simples narração da viagem que fez ao Rio Paraná. — Rev. Inst. Hist. Geogr. I. Rio. 1856.
230. *Noticia* sobre os indios Tupinambás (1587). — Rev. Inst. Hist. Geogr. I. Rio. 1856.
231. *João Antonio Cabral Camello*: Notícias práticas das minas de Cuiabá e Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. IV. Rio. 1842.
232. *José de Saldanha*: Diário resumido do reconhecimento dos campos de novo descobertos sobre a Serra Geral. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.
233. *P. João Daniel*: Thezouro descoberto. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.
234. *Francisco de Oliveira Barboza*: Notícias da Capitania de São Paulo. 1792. — Rev. Inst. Hist. Geogr. V. Rio. 1843.
235. *D. Antonio Rolim*: Relatorio da viagem que fez da cidade de São Paulo para a Villa de Cuyabá (1751). — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1847.
236. *Ricardo Franco de Almeida Serra*: Navegação do Rio Tapajoz. — (1779). — Rev. Inst. Hist. Geogr. IX. Rio. 1847.
237. *Ricardo José Gomes Jardim*: Creação da Directoria dos Indios na Província do Mato Grosso (1846). — Rev. Inst. Hist. Geogr. IX. Rio. 1847.
238. *Ignacio Accioly Serqueira e Silva*: Dissertaçāo historica, ethnographica e politica, etc. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849.
239. *Francisco Adolpho Varnhagen*: Ethnographia indigena. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849.
240. *Crl Cândido Mariano da Silva Rondon*: Relatorio apresentado a Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia do Departamento de Guerra. — Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Rio.
241. *Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo*: Relação geographica historica do Rio Branco — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIII. Rio. 1850.
242. *Joaquim Norberto de Souza e Silva*: Memoria historica e documentada das aldeas de índios da Província de Rio de Janeiro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XVIII. Rio. 1854.
243. *Memoria* da navegação do Rio Arinos. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.
244. *Fr. Rafael Taggia*: Mappa dos índios Cheren-tes e Chavantes e dos índios Charaós (1851). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.
245. *Luiz d'Alincourt*: Resumo das explorações feitas pelo engenheiro — — (1825). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.

246. *J. J. Machado de Oliveira*: Os Cayapós. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXIV. Rio. 1861.
247. *P. Christovam d'Acuña*: Novo descubrimento do grande Rio das Amazonas (1641). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVIII. Rio. 1865.
248. *João Vasco Manoel de Braum*: Descrição chorographica do Estado do Pará (1789). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVI. Rio. 1873.
249. *Noticia de voluntaria reducção de paz e amizade da feroz nação do gentio Mura (1784-1786)*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVI. Rio. 1873.
250. *Comissão de Engenheiros*: Itinerario da viagem feita da cidade de Rio de Janeiro ao Coxim (1865). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVII. Rio. 1874.
251. *Antonio Manoel Gonçalves Tocantins*: Estudos sobre a tribo Mundurucú (1875). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XL. Rio. 1877.
252. *Cesar Augusto Marques*: Memoria historica da administração provincial do Maranhão pelo Bacharel Franklin A. M. Doria. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLI. Rio. 1876.
253. *Barão de Melgaço*: Apontamentos para o dicionario chorographic da Provincia de Mato Grosso — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLVIII. Rio. 1884.
254. *Alberto Noronha Torrezão*: Vocabulario Purí. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LII. Rio. 1889.
255. *Jean de Leri*: Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil (1555). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1893.
256. *Hans Staden*: Relação verdica e sucinta dos usos e custumes dos Tupinambás (1554). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1893.
257. *Pedro Fernandes*: Commentarios de Alvaro Nunes Cabeça de Vacca. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LVI. Rio. 1893.
258. *Cap. Miguel Aires Maldonado & Cap. José de Castilho Pinto*: Descrição que fez — — — — dos trabalhos e fatigas que tiveram nas conquistas das Capitanias do Rio de Janeiro e S. Vicente. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LVI. Rio. 1893.
259. *Eduard Poeppig*: Reise in Chile, Perú und auf dem Amazonenstrom. — Leipzig. 1836.
260. *Gedeon Morris de Jonge*: Relatorios e cartas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LVIII. Rio. 1895.
261. *Roteiro do Maranhão a Goyaz*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXII. Rio. 1900.
262. *Cloro Monteiro do Amaral*: Memoria sobre usos e custumes de indios Guarany, Caiuás e Botocudos (1900). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXIII. Rio. 1901.
263. *Fragmentos da viagem das Amazonas e Rio Negro*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVIII. Rio. 1906.
264. *P. Desgenettes*: Os indios Cayapós (1882). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVII. Rio. 1906.
265. *Fernand Denis*: Une Fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550. Paris.
266. *Paul Ehrenreich*: Über eine Reise vom Paraguay zum Amazonas. — Verhandl. der Gesellsch. f. Erdkunde. XVI. Berlin. 1889.
267. — Beiträge zur Geographie Zentral-Brasiiliens. — Zeitschr. der Gesellsch. f. Erdkunde. XXVII. Berlin. 1892.
268. *Dr. Kupfer*: Die Kayapó-Indianer in der Provinz Matto Grosso. — Zeitschr. d. Gesellsch. f. Erdkunde. V. Berlin. 1870.
269. *Alcide d'Orbigny*: L'homme américain. — Paris. 1836-1839.
270. *Manoel Aires Cazal*: Corographia Brasiliaca (1816). — Rio. 1833.
271. *Lourenço da Silva Araújo Amazonas*: Diccionario topographico etc. da Comarca do Alto Amazonas. — Recife. 1852.
272. *J. C. R. Milliet Saint-Adolphe*: Diccionario geographic, etc. do Imperio do Brazil. — Paris. 1845.
273. *J. B. Debret*: Voyage pittoresque et historique au Brésil (1816-1831). — Paris. 1834.
274. *Antoine Biet*: Voyage de la France Équinoxiale en l'Isle de Cayenne (1652). — Paris. 1654.
275. *Ulrich Schmidel's Reise nach Südamerika in den Jahren 1534-1554*. — Tübingen. 1889.
276. *Antonio Ladislau Monteiro Baena*: Ensaio corographic sobre a Provincia do Pará. — Pará. 1839.
277. *Hermann Meyer*: Carta de 16 de Junho de 1898. — Zeitschr. f. Ethnologie. XXX. Berlin. 1898.
278. *Wilhelm Kissnerberth*: Über die hauptsächlichsten Ergebnisse der Araguaya-Reise. — Zeitschr. f. Ethn. XXX. Berlin. 1898.
279. *A. J. de Mello Moraes*: Historia dos Jesuitas e suas missões na America do Sul. — Rio. 1872.
280. *José Affonso de Moraes Torres*: Itinerario das visitas. — Pará. 1852.
281. *Joseph Gumilla*: El Orinoco illustrado. — Madrid. 1741.
282. *Candido Mendes de Almeida*: Memorias para a historia do extinto Estado do Maranhão. — Rio. 1874.
283. *H. Klettke*: Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preußen nach Brasilien (1843). — Berlin. 1857.
284. *Robert Southey*: Historia do Brazil. — Rio. 1874.
285. *Francisco Bernardino de Souza*: Comissão do Madeira. — Rio. 1874.
286. *João Barbosa Rodrigues*: Rio Yauapery: Pacificação dos Cricanás. — Rio. 1885.
287. *Mauricio de Heriarte*: Descriçam do Estado do Maranhão, etc. (1662). — Wien. 1864.
288. *Indianeraufstand*. — Globus. XI. Braunschweig. 1867.
289. *Friedrich Katzer*: Zur Ethnographie des Tapajos. — Globus. LXXIX. Braunschweig. 1909.

290. *Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam*: Novo Orbe Serafico Brasilico. — Lisboa. 1761.
291. *Simão de Vasconcellos*: Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil. — Rio. 1864.
292. *Bernardo Pereira Berredo*: Annaes historicos. — Historiadores da Amazonia. I. Florença. 1905.
293. *André Thevet*: Les Singularitez de la France antarctique (1554). — Paris. 1878.
294. *Biblioteca Nacional*: Notas extraídas por R. Schuller. — Museu Paraense. Pará.
295. *Bernardo de Souza Franco*: Relatorio, etc. — Pará. 1842.
296. *Domingos José da Cunha Júnior*: Relatorio, etc. Pará. 1873.
297. *Auguste Saint-Hilaire*: Voyage aux sources du Rio S. Francisco (1819). — Paris. 1848.
298. *Julio C. Salas*: Los Indios Caribes. — Barcelona. 1921.
299. *Conferencia de limites interestadoaes*: Limites entre os Estados de Mato Grosso e Goyaz. — 6. Congr. Brasileiro de Geografia. Rio. 1919.
300. *Pedro M. Arcaya*: Lenguas Indígenas que se hablaron en Venezuela. — De Re Indica. Caracas. 1918.
301. *Estevam de Mendonça*: Datas Mattogrossenses. — Nictheroy. 1919.
302. *Penetração das Terras Bahianas*: Annaes do Archivo Publico e do Museu do Estado da Bahia. Vol. IV-V. Bahia. 1913.
303. *C. Lévi-Strauss*: Contribution à l'étude de l'organisation sociale des indiens Bororo. — Journ. Soc. Améric. XXVIII. Paris. 1936.
304. *H. Meerwarth*: Eine zoologische Forschungsreise nach dem Rio Acará. — Globus. LXXXVI. Braunschweig. 1904.
305. *João Wilkens de Mattos*: Relatorio, etc. Manaus. 1870.
306. *José Miranda da Silva Reis*: Relatorio, etc. — Manaus. 1871.
307. — Relatorio, etc. — Manaus. 1872.
308. *Domingos Monteiro Peixoto*: Falla, etc. — Manaus. 1873.
309. — Falla, etc. — Manaus. 1874.
310. — Relatório, etc. — Manaus. 1875.
311. *Domingos Jacy Monteiro*: Relatorio, etc. — Manaus. 1878.
312. *D. Francisco de Souza Coutinho*: Informação sobre o modo porque presentemente (1797) se effectua a navegação do Pará ao Mato Grosso. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Rio. 1840.
313. *Relação abreviada da Republica que os religiosos Jesuitas das Províncias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos das duas monarchias*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. V. Rio. 1843.
314. *Antonio Ladislau Monteiro Baena*: Observações ou notas illustrativas dos tres primeiros capítulos da parte segunda do Thezouro Descoberto no Rio Amazonas. Rev. Inst. Hist. Geogr. V. Rio. 1843.
315. *Edward D. Mathews*: Up the Amazon and the Madeira Rivers (1874). — London. 1879.
316. *Francisco José de Lacerda e Almeida*: Diario da viagem de — — — (1780-1790). — São Paulo. 1841.
317. *P. José Monteiro de Noronha*: Roteiro da viagem do Pará até as ultimas colônias do sertão (1768). — Pará. 1862.
318. *Descrição Geografica da Capitania do Mato Grosso (1797)*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.
319. *Diario do Madeira (1781)*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.
320. *P. Laureano de La Cruz*: Nuevo descubrimiento del Rio de Marañón. — Fr Marcellino da Civezza: Saggio do Bibliografia Sanfrancescana. 1879.
321. *Carlos Frederico Hartt*: Contribuições para a Etnologia do Vale do Amazonas. — Archivos do Mus. Nacional. VI. Rio. 1879.
322. *Octavio Felix Ferreira da Silva*: Exploração e levantamento do Rio Jamary. — Comm. Linhas Telefr. Estrateg. Rio. 1920.
323. *Domingos de Loreto Couto*: Desagrados do Brazil e Glórias de Pernambuco (1757).
324. *Henri Coudreau*: Chez nos indiens. — Paris. 1895.
325. *Cartas Regias*. 1686-1729. — Annaes da Biblioteca do Pará. I-IV. Pará. 1902.
326. *Manoel Baena*: Informações sobre as comarcas da Província do Pará. 1855.
327. — Ensaio corographic sobre o Pará. — Pará. 1839.
328. *Domingos Soares Ferreira Penna*: Apontamentos sobre os ceramios do Pará. — Arch. Mus. Nacional. II. Rio. 1877.
329. *Conde de la Viñaza*: Bibliografía Española de lenguas indígenas de América. — Madrid. 1892.
330. *P. Antonio Vieira*: Cartas do — — —. — Lisboa.
331. *Barão de Guajará*: Historia Colonial do Pará. — Rev. Soc. Estudos Paraenses. II. Belém. 1896.
332. *Domingos Soares Ferreira Penna*: A Ilha de Marajó. — Rev. Soc. Estudos Paraenses. II. Belém. 1896.
333. *Robert Harcourt*: Relation of a voyage to Guiana. — London. 1603.
334. *Juan Lopes de Velasco*: Geografía y descripción universal de las Indias. 1571-1574. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. 2. Mémoire. II. Berne. 1899.

335. *Jesse des Forest*: Description de la côte d'West de la Rivière des Amazones. 1625. — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 3. Mémoire. II. Berne. 1899.
336. *Sebastião de Lucena Azevedo*: Carta 1. I. 1647. — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 2. Mémoire. II. Berne. 1899.
337. *João da Maia Gama*: Carta. — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 2. Mémoire. III. Berne. 1899.
338. *Instruções ao Commandante da expedição ao Oyapock*, 1727. — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 2. Mémoire. III. Berne. 1899.
339. *Notes pour un routier de la rivière Japoco à l'île de Joannes (1740)*. — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 2. Mémoire. III. Berne. 1899.
340. *P. Fauque*: Lettre 15. I. 1729. 5. IX. 1736. — Lettres édifiantes et curieuses. Paris. 1838. II.
341. *João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha*: Relatorio, etc. (1852). — Manaus. 1874.
342. *Herculano Ferreira Penna*: Falla, etc. — Manaus. 1853.
343. *Luiz Ramirez*: Carta. 10. VII. 1528. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XV. Rio. 1852.
344. *Fr. P. Fabo*: Idiomas y etnografía de la region oriental de Colombia. — Barcelona. 1911.
345. *João Wilkens de Mattos*: Roteiro da primeira viagem do vapor "Monarca". — Rio Negro. 1855.
346. *Manoel Gomes Correa de Miranda*: Exposição, etc. — Manaus. 1856.
347. *João Pedro Dias Vieira*: Relatorio, etc. — Barra do Rio Negro. 1856.
348. *Jeronymo Francisco Coelho*: Falla, etc. — Pará. 1849.
349. *Francisco José Furtado*: Relatorio, etc. — Manaus. 1858.
350. *Manoel Clementino Carneiro da Cunha*: Relatorio, etc. Informação sobre a viagem de Manoel Urbano ao Purus. 1862. Pará. 1862.
351. — Relatorio, etc. — Manaus. 1863.
352. *Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda*: Relatorio, etc. — Pernambuco. 1864.
353. — Relatorio, etc. Recife. 1865.
354. *Antonio Epaminondas de Mello*: Relatorio, etc. Recife. 1866.
355. *Gustavo Ramos Ferreira*: Relatorio, etc. — Manaus. 1867.
356. *José Coelho da Gama Abreu*: Exposição, etc. — Manaus. 1868.
357. *Jacinto Ferreira do Rego*: Relatorio, etc. — Manaus. 1868.
358. *João Wilkens de Mattos*: Relatorio, etc. — Manaus. 1870.
359. *José Vieira Couto de Magalhães*: O Selvagem. — Rio. 1876.
360. *José da Silva Guimarães*: Memoria sobre os custumes e linguagem dos Appiacas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VI. Rio. 1844.
361. *Miguel João de Castro & Antonio Thomé de França*: Diario de viagem pelo rio Arinos (1812). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXI. Rio. 1868.
362. *Carlota Carvalho*: O Sertão. — Rio. 1924.
363. *João da Palma Muniz*: Município de Ourem. — Belém. 1925.
364. *José Martins Pereira de Alencastre*: Memoria chronologica etc. da Província do Piauhy. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XX. Rio. 1857.
365. *Cesar Augusto Marques*: Apontamentos para o Diccionario Historico etc. do Maranhão. — Maranhão. 1864.
366. *Johann Emanuel Pohl*: Reise im Innern von Brasilien. — Wien. 1837.
367. *Francisco Sotero dos Reis*: Biographia de Brazileiros illustres: Eduardo Olympio Machado. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.
368. *Luigi Buscalioni*: Una escursione botanica nell'Amazonia. — Boll. Soc. Geogr. Italiana. Serie IV. vol. 2.
369. *Francisco de Paula Ribeiro*: Memoria sobre as nações gentias. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. Rio. 1841.
370. — Roteiro de viagem (1815). — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.
371. — Descrição do territorio de Pastos bons. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1874.
372. *Rufino Theotonio Segurado*: Viagem de Goyaz ao Pará. — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.
373. *Luiz Antonio da Silva e Souza*: Memoria sobre o descubrimento etc. da Capitania de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XII. Rio. 1849. — XIII. Rio. 1874.
374. *Antonio Bernardino Pereira do Lago*: Itinerario da Província do Maranhão (1820). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXV. Rio. 1872.
375. *J. M. Pereira de Alencastre*: Annaes da Província do Piauhy. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVIII. Rio. 1864-1865.
376. *Vicente Ferreira Gomes*: Itinerario da cidade de Palmas em Goyaz á cidade de Belém no Pará (1859). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXV. Rio. 1862.
377. *Raymundo da Cunha Mattos*: Chorographia historica da Província de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVII. Rio. 1874.
378. *Urbino Vianna*: Akuen ou Xerente. (1924). — Rev. Inst. Hist. Geogr. CI. vol. 155. Rio. 1928.
379. *Antonio Bezerra*: Algumas origens do Ceará. — Rev. Inst. do Ceará. XVI. Fortaleza. 1902.

380. *Barão de Studart*: Datas e Factos para a historia do Ceará. — Rev. Academica Cearense. XV. Ceará. 1910. — XVII. Ceará. 1912.
381. *Descrição de Pernambuco em 1746*. — Rev. Inst. Archeol. Geogr. de Pernambuco. XI. Recife. 1904.
382. *Alfred Métraux*: Myths and Tales of the Matakó Indians. — Etnologiska Studier. 9. Göteborg. 1939.
383. *P. José de Moraes*: Historia da Companhia de Jesus na extinta Provincia do Maranhão e Pará (1759). — Rio. 1860.
384. *Francisco Borges de Barros*: Diccionario geographico e historico da Bahia. — Bahia. 1923.
385. *J. Catunda*: Estudos de Historia do Ceará. — Ceará. 1866.
386. *F. A. Pereira da Costa*: Chronologia historica do Estado do Piauhy. — Pernambuco. 1909.
387. *Guilherme Studart*: Notas para a historia do Ceará. — Lisboa. 1892.
388. —— Datas e Factos para a historia do Ceará. — Fortaleza. 1896.
389. *P. Théberge*: Esboço historico sobre a Província do Ceará. — Fortaleza. 1869.
390. *Candido Mendes de Almeida*: A Carolina. — O Turyassú. — Rio. 1851.
392. *Antonio Rodrigues de Almeida Pinto*: O Bispoado do Pará. — Annaes da Bibliotheca do Pará. V. Pará. 1906.
393. *P. João da Cunha*: Petição. — Annaes da Bibliotheca do Pará. — V. Pará. 1906.
394. *Cartas Regias e Alvarás*. — Annaes da Bibliotheca do Pará. — VI. 1907.
395. —— Annaes da Bibliotheca do Pará. — VIII. Pará. 1913.
396. *João Antonio Rodrigues Carvalho*: Projecto de uma estrada da cidade de Desterro às Missões do Uruguay. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1866.
397. *José Pinto da Fonseca*: Carta de 2 de Agosto de 1775. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VIII. Rio. 1846.
398. *Antonio Ladislau Monteiro Baena*: Resposta sobre a communicação entre a Província do Pará e a de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.
399. *Vicente Ayres da Silva*: Itinerario pelo Rio do Somno acima. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIV. Rio. 1879.
400. *Antonio Pires de Campos*: Breve noticia que dá — — — do gentio barbaro que ha na derrota da viagem das minas do Cuyabá (1723). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXV. Rio. 1862.
401. *Alfredo d'Escagnolle-Taunay*: Viagem de regresso do Matto Grosso á Corte (1867). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXII. Rio. 1871.
402. *Luiz Barba Menezes*: Memoria sobre a Capitania do Ceará. (1814). — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXIV. Rio. 1871.
403. *Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres*: Pôranduba Maranhense. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LIV. Rio. 1831.
403. *Francisco Raymundo Ewerton Quadros*: Memoria sobre os trabalhos de observação exploração effectuada pela Segunda Secção da Comissão militar encarregada da Linha Telegraphica de Uberaba a Cuyabá (1889). — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1892.
405. *W. Smith and F. Lowe*: Narrative of a journey from Lima to Pará. — London. 1836.
406. *José Domingues*: O Alto Tury. — Inst. Historia e Geographia. Maranhão. 1926.
407. *Benedicto de Barros Vasconcellos*: O Parnaíba no Maranhão. — São Luiz. 1926.
408. *Fr. Vital de Frescarolo*: Informação sobre os indios barbaros dos Sertões de Pernambuco (1802). — Rev. Trim. Inst. Ceará. XXVIII. Fortaleza. 1913.
409. *Antonio Luiz Tavares Lisboa*: Roteiro da viagem que descendo o Tocantins mandou fazer o illmo Governador da Capitania de Goyaz, José de Almeida Vasconcellos (1774). — Cartas de Vilhena. II. Bahia.
410. *Jornada do Maranhão (1614)*. — Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas. I. Lisboa. 1812.
411. *Exploração do Rio Grande e de seus affluentes*. — Comm. Geogr. Geol. do Est. de São Paulo (1910). S. Paulo. 1913.
412. *Mathias Beck*: Diario da expedição de — — ao Ceará (1649). — Rev. Trim. Inst. Ceará. XVII. Fortaleza. 1903.
413. *Elias Herckmann*: Costumes dos Tapuyas, 1939. — Recife. — Th. Pompeu Sobrinho: Os Tapuyas do Nordeste. — Rev. Trim. Ceará. XLVIII. Fortaleza. 1934.
414. *O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1876 em Philadelphia*. — Rio. 1875.
415. *Frederico Rondon*: Pelo Brazil Central. — Bibliotheca Pedagogica Brazileira. Brasiliana. XXX. S. Paulo. 1934.
416. *Pierre Moreau*: Histoire des derniers troubles du Bresil. — Paris. 1651.
417. *Estêvão Pinto*: Os Indigenas do Nordeste. — Brasiliiana. XLIV. S. Paulo. 1935.
418. *Pedro de Moura*: Fisiographia e Geologia da Guiana Brazileira. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 65. Rio. 1934.
419. —— Reconhecimentos geologicos no valle do Tapajoz. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 31. Rio. 1928.
420. *Avellino Ignacio de Oliveira*: Reconhecimento geologico no Rio Xingú. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 31. Rio. 1928.
421. —— Atravez da Guiana Brazileira pelo Rio Erepecurú. — Serv. Geol. Mineral. do Brazil. Bol. 31. Rio. 1929.

422. *Jacob Rabbi*: De Tapuyarum moribus et consuetudinibus. — W. Piso & G. Marcgrav: Historia Naturalis Brasiliae. Leyden-Amsterdam. 1648.
423. *Antonio Carlos Simões da Silva*: Um enorme machado Crescente dos indios do Brazil. — Intern. Congr. of American. New York. 1930.
424. *A. J. Sampaio & A Magalhães Correa*: Nota sobre habitat rural no Brazil. — Congr. Intern. de American. La Plata. 1934.
425. *Etienne Ignace*: Les Capiecrans. — Anthropos. Mödling. 1910.
426. *Paul Ehrenreich*: Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens. — Braunschweig. 1897.
427. *João Henrique Elliot*: A emigração dos Cayuaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1896.
428. *João Barboza Rodrigues*: Exploração dos Rios Urubú e Yatapú.
429. *Nicolas del Techo*: Historia de la Provincia del Paraguay (1649-1680). — Madrid. 1897.
430. *William Curtis Farabee*: The Central Ara-waks. — University of Pennsylvania. Anthropological Publications. IX. Philadelphia. 1918.
431. *Paul Ehrenreich*: Über einige ältere Bildnisse südamerikanischer Indianer. — Globus. LXIV. Braunschweig. 1894.
432. *Pedro Teixeira*: Viaje del capitán — aguas arriba del Rio de las Amazonas (1638-1639). — Publicado por Márcos Jimenez de la Espada. Madrid. 1889.
433. *Henri Coudreau*: Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparai, Oyampi et Eméillon. — Bibliothèque Linguistique Américaine. XV. Paris. 1892.
434. *Lucien Adam*: Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparé des dialectes de la Famille Kiriri. — Paris. 1897.
435. *P. Luiz Vicente Mamiani*: Arte de Grammatica da Lingua Brasilica da Nação Kiriri. — Rio. 1878.
436. *Candido Mendes de Almeida*: Notas para a historia patria. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLI. Rio. 1878.
437. *Luiz Guilherme Dodi*: Descripção dos Rios Parnahyba e Gurupy (1872). — Maranhão. 1873.
438. *Sebastião de Vasconcellos Galvão*: Dicionário chorographico etc. de Pernambuco. — Rio. 1908.
439. *João Pedro Gay*: Historia da Republica Jesuitica do Paraguay. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVI. Rio. 1863.
440. *Henri Coudreau*: La France Équinoxiale. — Paris. 1887.
441. *Alexandre de Humboldt*: Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799-1804. Relation Historique. — Paris. 1825.
442. *Guido Boggiani*: Guaicurú. — Memoria della Società Geografica Italiana. VIII. Roma. 1898.
443. *Samuel A. Lafone Quevedo*: Mbayá.
444. —— Idioma Abipon. — Buenos Aires. 1897.
445. *Karl von den Steinen*: Die Bakairí-Sprache. — Leipzig. 1892.
446. *Alfred Russel Wallace*: A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. — London. 1853.
447. *A Jomard*: Notes sur les Botocudos. — Bull. Soc. de Géogr. Paris. 1846.
448. *Felippe Salvadore Gilij*: Saggio di storia americana. — Roma. 1780.
449. *Pedro Marban*: Arte de la lengua Moxa. — Lima. 1701.
450. *Eduardo Artur Socrates*: Vocabulario da tribo Caiapó. — Vocabulario da tribo Cherente. — Vocabulario da tribo Carajá. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio. 1892.
451. *Algol Lange*: In the Amazon Jungle.
452. *João Severiano da Fonseca*: Viagem ao redor do Brazil. (1875-1878). — Rio. 1881.
453. *Domingos Soares Ferreira Penna*: Algumas palavras da lingua dos Aruans. — Arch. Mus. Nacional. IV. Rio. 1879.
454. *Richard Schomburgk*: Reisen in Britisch Guyana. (1840-1844). — Leipzig. 1848.
455. *Robert Schomburgk*: v. Martius: Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde. II.
456. *Theodor Koch-Grünberg*: Zwei Jahre unter den Indianern. — (1903-1905). — Berlin. 1910.
457. *Candido Mariano da Silva Rondon*: Ethnographia. — Comm. Linhas Telegr. Estrat. Annexo 5. Rio.
458. *Jules Crevaux*: Vocabulaires. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.
459. *P. Sagot*: Vocabulaire Français-Arrouague-Calibi. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.
460. *Arawakisch-Deutsches Wörterbuch*. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.
461. *Samuel A. Lafone Quevedo*: El "Lengua" de Cerviño. — Itern. Amerikan.-Kongress. Wien-Leipzig. 1910.
462. *Olga Coudreau*: Voyage au Mapuera. (1901). — Paris. 1903.
463. *José Vieira Couto de Magalhães*: Viagem ao Araguaya. — São Paulo. 1912.
464. *Luis Oramas*: Contribucion al estudio de la lengua Yarura. — Anales de la Universidad Central de Venezuela. Caracas. 1909.
465. *J. Chaffanjon*: L'Orenoque et le Caura. — Paris. 1889.
466. *B. Tavera-Acosta*: En el Sur. — Ciudad Bolívar. 1907. — Caracas. 1909.

467. *Ermano Stradelli*: Pequenos vocabularios — Grupo de lingua Tocana. — 3.^a Reunião do Congresso Scientifico Latino-American. VI. Rio. 1910.
468. *Georg Hübner*: Die Yauapery. — Zeitschr. f. Ethn. XXXIX. Berlin. 1907.
469. *Lucien Adam*: Langue Oyampi. — Congr. Intern. des Américan. Paris. 1892.
470. *Samuel A. Lafone Quevedo*: La lengua Takaná. — Congr. Intern. des Américan. Paris. 1904.
471. *Affonso Monteiro*: Belmonte e sua história. — Bahia. 1918.
472. *Ramon Lista*: El Territorio de las Misiones. — Buenos Aires. 1888.
473. *Domingos Patiño*: Diario de una viaje al Paraná. — "La Reforma" Asuncion. 1881.
474. *Hermann von Ihering*: A anthropología do Estado de São Paulo. — Rev. Mus. Paulista. VI. São Paulo. 1904.
475. *Telemaco M. Borba*: Observações sobre os indigenas do Estado do Paraná. — Rev. Mus. Paulista. VI. S. Paulo. 1904.
476. *Vojtěch Fric & Paul Radin*: Contributions to the study of the Bororo-Indians. — Journ. Anthropol. Institute of Great Britain and Ireland. XXXVI. London. 1906.
477. *Max Schmidt*: em Koch-Grünberg: Die Apia-ká-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XXXIV. Berlin. 1902.
478. *Livio Cezar*: Os indios Cachuêns (Cachuina). — Obidos. 1920. MS.
479. *José Carvalho*: Os indios do Trombetas e Nhamundá. — Almanaque Brazileiro Garnier. XI. Rio. 1914.
480. *W. H. Brett*: The Indian Tribes of Guiana. — London. 1868.
481. *Olga Coudreau*: Voyage au Cumimá (1900). — Paris. 1901.
482. *Antonio Pyrineus de Souza*: Notas sobre os costumes dos indios Nhamiquaras. — A Informação Goyana. III. Rio. 1919.
483. *Olga Coudreau*: Voyage au Curuá (1900-1901). — Paris. 1903.
484. *Emilia Snethlage*: Apalai-Wörter gesammelt im Dezember 1912 in Santo Antonio da Cachoeira am Jary. MS.
485. *Karl Ferdinand Appun*: Unter den Tropen. — Ausland. Jena. 1869.
486. *Charles Barrington Brown*: Canoe and Camp Life. — London. 1877.
487. *Everard F. Im Thurn*: Among the Indians of Guiana. — London. 1883.
488. *G. Gruppe y Thode*: Über den Rio Branco und die anwohnenden Indianer. — Globus. LVIII. Braunschweig.
489. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Völkergruppierung zwischen Rio Branco, Orinoco, Rio Negro und Yapurá. — Festschrift Eduard Seler.
490. *Jaques Ouriques*: O Valle do Rio Branco. — Manaus. 1906.
491. *Richard Spruce*: Notes of a botanist on the Amazon and Andes (1855). — London. 1908.
492. *Eugène André*: A naturalist in the Guianas. — London. 1904.
493. *Robert Schomburgk*: Guinau-Vocabulary. Contributions to the Philosophical Ethnography of South America. — Proceedings of the Philological Society. III. London. 1848.
494. *A. Ernst*: Upper Orinoco vocabularies. — American Anthropologist. VIII. 1895.
495. *C. H. de Goeje*: Bij primitieve volken. — Den Haag. 1937/39.
496. *Theodor Koch-Grünberg*: Aruak-Sprachen. — Mitt. der Anthropol. Ges. XLI, Wien. 1911.
497. *Martín Matos Arvelos*: Algo sobre Etnografía del Territorio Amazonas. — Ciudad Bolívar. 1908.
498. *M. F. Montolieu*: Vocabulaire de la langue Baré. — Bibliothèque Linguistique Américaine. VIII. Paris. 1882.
499. *Melgarejo*: em Resumen de las Actas de la Academia Venezolana. Caracas. 1886. — Em R. de la Grasserie: Essai d'une grammaire etc. de la langue Baniwa. — Compte-Rendu Congr. Intern. Américan. Paris. 1892.
500. *Joaquim Firmino Xavier*: Relatorio (1859). Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha: Arquivo do Amazonas. Manaus. I. 1907.
501. *Theodor Koch-Grünberg*: Betoya-Sprachen. — Anthropos. VIII. Mödling.
502. *Pfaff*: Verhandl. der Berliner Ges. f. Anthropologie, Ethn. und Urgeschichte. Berlin. 1890.
503. *Francisco Requena*: Tratado sobre limites etc. en el Rio Putumayo. — Bogotá. 1908.
504. *K. Th. Preuß*: Bericht über meine archäologischen und ethnologischen Forschungsreisen in Kolumbien. — Zeitschr. f. Ethn. LII. Berlin. 1920/21.
505. *Joaquim Rocha*: Memorandum de viaje (Regiones Amazonicas). — Bogotá. 1905.
506. *P. Rivet & C. Tastevin*: Affinités du Makú et du Puinave. — Journ. Soc. Américan. XII. Paris. 1920.
507. *Mapa de los ríos Amazonas*, Esequivo ó Dulce y Orinoco (vers 1560). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 2. Mémoire. Atlas. Paris.
508. *L. C. Buache & de Prefontaine*: Carte Géographique de Lisle de Cayenne et de ses Environs (1767). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. 2. Mémoire. Atlas. Paris.
509. *Samuel A. Lafone Quevedo*: Los Indios Chanases. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVIII. Buenos Aires. 1897.

510. *Candido Mariano da Silva Rondon*: Lectures delivered by — — — at the Phenix Theatre of Rio de Janeiro (1913) translated by R. G. Reidy and E. Murray. — Rio. 1916.
511. *Samuel Kirkland Lothrop*: Indians of the Paraná Delta. — Annals of the New York Academy of Sciences. XXXIII. New York. 1932.
512. *Theodor Koch-Grünberg*: Die Hianákoto-Umaua. — Anthropos. III. Mödling. 1908.
513. *André Fernandes de Souza*: Notícias geográficas da Capitania do Rio Negro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. X. Rio. 1870.
514. *José Augusto Caldas*: Apontamentos para a organização da Grammatica Bororo. — Arch. Mus. Nacional. XII. Rio. 1903.
515. *José Antonio Caldas*: Notícia geral de toda esta Capitania da Bahia (1759). — Rev. Inst. Geogr. Hist. Bahia. 1931.
516. *Marcus Porte*: Vocabulario dos Botocudos. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LV. Rio.
517. *Victor Renault*: Deux vocabulaires de la langue des Botocudos. Em Francis de Castelnau: Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud. Histoire du voyage. V. Paris. 1851.
518. *Robert Lehmann-Nitsche*: Vocabulario Choro. — Rev. Mus. La Plata. XVII. Buenos Aires. 1910.
519. *Pelleschi*: Los indios Matacos y su lengua. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVII-XVIII. Buenos Aires. 1896.
520. *Remedi*: Los indios Matacos y su lengua. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVII. Buenos Aires. 1896.
521. *Massei*: Lenguas Argentinas. Grupo Mataco-Mataguayo, dialecto Nocten. — Bol. Inst. Geogr. Argentino. XVI. Buenos Aires. 1896.
522. *João Barboza Rodrigues*: Tribus dos Tembés, Ticunas, Uassahy, Aruaqui e Pariquis. — Em Mello Moraes Filho: Rev. Exposição Anthropologica Brazileira. — Rio. 1882.
523. — A necropole de Miracanguera. — Vellossia. Contribuições do Museu Botânico do Amazonas. II. Rio. 1892.
524. *Friedrich Katzer*: Zur Ethnographie des Tapajoz. — Globus. LXXIX. Braunschweig. 1901.
525. *W. Chandless*: Notes on the Rivers Arinos, Juruena and Tapajoz.
526. *João Barboza Rodrigues*: Rio Tapajoz. — Rio. 1875.
527. *Henrique Magnani*: Croquis da zona do Aripuanã e Canumã. 1929. MS.
528. *P. João Felippe Betendorff*: Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXII. Rio. 1910.
529. *João Barboza Rodrigues*: A emancipação dos Mauhés. — Mello Moraes Filho: Rev. Expos. Anthropol. Brazileira. Rio. 1882.
530. *Antonio Pyrineus de Souza*: Exploração do Rio Paranatinga 1915-1916. — Comm. Linhas Telegr. Estrat. Publicação 34. Rio. 1916.
531. *Henry Lister Maw*: Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic. — London. 1829.
532. *P. Rivet*: Affinités du Tikuna. — Journ. Soc. Américan. IX. Paris. 1912.
533. *James Orton*: The Andes and the Amazons. — New York. 1875.
534. *Jorge Hurly*: Viagem á aldea dos Tembés. — Rev. Inst. Hist. Geogr. II. Belém. 1920.
535. *Oscar Leal*: O Amazonas. — Lisboa. 1894.
536. — Viagem a um país de selvagens. — Lisboa. 1895.
537. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La famille linguistique Čapakura. — Journ. Soc. Américan. X. Paris. 1913.
538. *J. D. Hasemann*: Some notes on the Pawumwa Indians. — American Anthropologist. XIV. 1912.
539. *Lorenzo Hervás*: Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas. I. Lenguas y naciones americanas. — Madrid. 1800.
540. *Descripción de las Misiones del Alto Perú*. 1771.
541. *E. Teza*: Saggi inediti de lingue americane. — Annali delle Universita Toscane. X. Pisa. 1868.
542. *Aníbal Freire* — Belém: Informações.
543. *Heinrich Snethlage*: Informações.
544. *Mario Mello*: Os Carnijós de Aguas Bellas. — Rev. Inst. Archeol. Hist. Geogr. XXIX. Pernambuco. 1930.
545. *Alexander Francis Chamberlain*: Nomenclature and distribution of the principal tribes and sub-tribes of the Arawakan Linguistic Stock. — Journ. Soc. Américan. X. Paris. 1913.
546. *Reinaldo Ottoni Porto*: Notas históricas do Município de Theóphilo Ottoni. II. — Theóphilo Ottoni. 1931.
547. *Daniel Brinton*: Studies in South American Languages. — Philadelphia. 1892.
548. *Fausto Augusto de Aguiar*: Relatório, etc. Pará. 1851.
549. *José Joaquim da Cunha*: Falla, etc. — Pará. — 1852.
550. — Falla, etc. — Pará. 1853.
551. *Sebastião do Rego Barros*: Falla, etc. — Pará. 1854.
552. — Falla, etc. — Pará. 1855.
553. *Manoel de Frias Vasconcellos*: Falla, etc. — Pará. 1859.
554. *Francisco Carlos de Araujo Brusque*: Relatório, etc. — Pará. 1862.
555. — Relatório, etc. — Pará. 1863.

556. *Guilherme Francisco da Cruz*: Relatório, etc. — Pará. 1874.
557. *Francisco Maria Correa de Sá e Benevides*: Relatorio, etc. — Pará. 1875.
558. *José da Gama Malcher*: Relatorio, etc. — Pará. 1878.
559. *José Coelho da Gama Abreu*: Relatorio, etc. — Pará. 1881.
560. *Miguel José de Almeida Pernambuco*: Falla, etc. — Pará. 1889.
561. *James W. Wells*: Exploring and travelling from Rio de Janeiro to Maranhão. — London. 1886.
562. *C. Strömer*: Die Sprache der Mundurukú. — Anthropos. Linguistische Bibliothek. XI. Mödling. 1932.
563. *Missão Rondon*. — Rio. 1916.
564. *Manuel Villavicencio*: Geografía de la República del Ecuador. — New York. 1858.
565. *R. Vernau & P. Rivet*: Ethnographie ancienne de l'Équateur. — Paris. 1912.
566. *Juan de Velasco*: Historia del Reino de Quito. — Quito. 1824.
567. *P. Rivet*: La langue Arda. — Congr. Intern. des Américan. Göteborg. 1925.
568. *Robert Lehmann-Nitsche*: Das Chechehet. — Congr. Intern. des Américan. Göteborg. 1925.
569. *Raimundo Lopes*: Les indiens Arikémés. — Congr. Intern des Américan. Göteborg. 1925.
570. *C. Tastevin*: Les Makú du Yapurá. — Journ. Soc. Américan. XV. Paris. 1923.
571. —— Les Pétroglyphes de la Pedrera. — Journ. Soc. Américan. XV. Paris. 1923.
572. *Herbert Lang*: Voyage dans la Guiane britannique. — Journ. Soc. Américan. XVI. Paris. 1924.
573. *C. Tastevin*: Les études ethnographiques et linguistiques du P. — —. — Journ. Soc. Américan. XVI. Paris. 1924.
574. *José Garcia de Freitas*: Os indios Parintintin. — Journ. Soc. Américan. XVIII. Paris. 1926.
575. *Missions Dominicains au Brésil*. — Journ. Soc. Américan. XVIII. Paris. 1926.
576. *C. Tastevin*: Voyage d'étude du P. — —. — Journ. Soc. Américan. XIX. Paris. 1926.
577. *Mission Dominicaine chez les Guarayos*. — Journ. Soc. Américan. XIX. Paris. 1927.
578. *J. Lombard*: Recherches sur les tribus indiennes qui occupaient le territoire de la guyane Française vers 1730. — Journ. Soc. Américan. XX. Paris. 1928.
579. *James Williams*: The Warau Indians of Guiana. — Journ. Soc. Américan. XX. Paris. 1928.
580. *Nouvelle Mission salésienne*. — Journ. Soc. Américan. XX. Paris. 1928.
581. *R. Schuller*: Découvert d'un manuscript Tupano. — Journ. Soc. Américan. XX. Paris. 1928.
582. *Čestmír Loukotka*: Le Setá, un nouveau dialecte tupí. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
583. *V. Fric*: Völkerwanderungen, Ethnographie und Geschichte der Conquista in Südamerika. — Verhandl. Intern Amerikanisten-Kongr. Wien. 1910.
584. *P. Adrin*: Extinction progressive des indiens de l'Araguaya. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
585. *Alfred Métraux*: Deux documents peu connus sur le Tukano. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
586. —— South American Ethnology. — Publications on Latin American Archeology and Ethnology in 1938. Cambridge. 1939.
587. —— La sécularisation des missions franciscaines du Chaco bolivien. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
588. —— L'origine religieuse du jeu du mboto chez les Chiriguanos. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
589. —— Voyage de — — en Bolivie et au Chaco Boreal. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
590. *C. H. de Goeje*: The inner structure of the Warau language. — Journ. Soc. Américan. XXII. Paris. 1930.
591. *John Duval Rice*: A Pacificação e identificação linguística da tribo Urubú. — Journ. Soc. Américan. XXII. Paris. 1930.
592. *John Duval Rice*: Short Aparai vocabulary. — Journ. Soc. Américan. XXIII. Paris. 1931.
593. *Čestmír Loukotka*: Les indiens Kukura. — Journ. Soc. Américan. XXIII. Paris. 1931.
594. *C. H. de Goeje*: Das Kiriri. — Journ. Soc. Américan. XXXII. Paris. 1932.
595. *Theodor Koch-Grünberg*: Worthlisten Tupí, Maué und Puruborá. — Journ. Soc. Américan. XXIII. Paris. 1932.
596. *J. Vellard*: Exploration du Dr — — au Paraguay. — Journ. Soc. Américan. XXIII. Paris. 1932.
597. *Elisabeth Dejour*: Cérémonies d'expulsion des malades chez les Matacos. — Journ. Soc. Américan. XXIV. Paris. 1933.
598. *Jaques Perret*: Observations et documents sur les indiens Emerillons. — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.
599. *Alfred Métraux*: Nouvelles de la mission — —. — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.
600. —— La obra de las misiones inglesas en el Chaco. — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.
601. *Göteborgs Museum*. Årstryck. 1923.

602. *E. Palavecino*: Nota sobre la presencia del "mocassin" entre los indios Pilagá. — Rev. Inst. Etn. I. Tucuman. 1929.
603. *Alfred Métraux*: Les hommes-dieux chez les Chiriguano. — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1921.
604. *Bartholomé de Mora*: Relacion y breve noticia de lo sucedido en la guerra de Chiriguano (1729). — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1931.
605. *Göteborgs Museum*. Årstryck. 1931.
606. —— Årstryck. 1932.
607. *C. H. de Goeje*: Fünf Sprachfamilien Südamerikas. — Meddeelingen der Koninklijke Akademie von Wetenschappe. Amsterdam. 1935.
608. *Jules Henry*: A Kaingang Text. — Intern. Journ. of American Linguistics. VIII. 1935.
609. *J. Vellard*: Conférence sur les Guayaki. — Bol. Mus. Nacional. X. Rio. 1934.
610. *Carlos Estevão de Oliveira*: Os Apinagé. — Bol. Mus. Nacional. VI. Rio. 1930.
611. *Herbert Baldus*: Kaskihá-Vocabular. — Anthropos. XXVI. Mödling. 1931.
612. —— Beiträge zur Sprachkunde der Samuko-Gruppe. — Anthropos. XXVII. Mödling. 1932.
613. —— Os indios Chamakokos. — Rev. Mus. Paulista. XV. S. Paulo. 1927.
614. —— Ligeiras notas sobre os indios Guarany. — Rev. Mus. Paulista. XVI. São Paulo. 1929.
615. —— Notas complementares sobre os indios Chamacocos. — Rev. Mus. Paulista. XVII. São Paulo. 1931.
616. *Mario Mello*: Os Carnijó de Aguas Bellas. — Rev. Mus. Paulista. XVI. São Paulo. 1929.
617. *Carlos Estevão de Oliveira*: Uma lenda Tapuya. Os Carnijós de Aguas Bellas. — Rev. Mus. Paulista. XVII. São Paulo. 1931.
618. —— MMSS e informações.
619. *Juan Patricio Fernandes*: Relacion historial de las misiones de los indios que llaman Chiquitos. — Madrid. 1726.
620. *Pedro Lozano*: Descripción chorografica de las dilatissimas Provincias del Gran Chaco. — Cordoba. 1733.
621. *Pedro Francisco Janes de Charlevoix*: Historia del Paraguay. 1756. — Madrid. 1916.
622. *Domingo Muriel*: Historia del Paraguay. 1747-1767. — Madrid. 1918.
623. *Alcide d'Orbigny*: Voyage dans l'Amérique Méridional. — Paris. 1839.
624. *José Jolis*: Saggio della Storia Naturale della Provincia del Gran Chaco. — Faenza. 1789.
625. *Vojtěch Fric*: Resultado de mi ultimo viaje al Chaco. — Actas del Congr. Intern American. Buenos Aires. 1912.
626. *P. Ignace Chomé*: (1738) Lettres édifiantes et curieuses. II. Paris. 1839.
627. *Ricardo Franco de Almeida Serra*: Parecer sobre o aldeamento dos indios uaicurus e guanás etc. (1803). — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1846.
628. *Guido Boggiani*: I Ciamacoco. — Atti de la Soc. Romana de Antrop. II. Roma. 1914.
629. —— Linguistica Sulamericana. — Buenos Aires. 1901.
630. —— Vocabolario del idioma Ciamacoco. — Anales Soc. Cientif. Argent. Tomo 108. Buenos Aires. 1929.
631. *Karl von den Steinen*: Die Schamakoko-Indianer. — Globus. LXV. Braunschweig.
632. *Emilia Snethlage*: Die Indianerstämme des mittleren Xingú. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1920/21.
633. *Max Mayr*: Die Routenaufnahme von Dr E. Snethlage. — Petermanns Mitt. LVII. Gotha. 1912.
634. *Emilia Snethlage*: A travessia entre o Xingú e o Tapajoz. — Bol. Mus. Goeldi. VII. Pará. 1910.
635. —— Zur Ethnographie der Chipaya und Curuhé. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1910.
636. —— Nature and Man in eastern Pará. — The Geographical Review. IV. New York. 1917.
637. *C. Tastevin*: Les indiens Mura de la région de l'Autaz. — L'Anthropologie. XXXIII. Paris. 1923.
638. —— Le Riozinho da Liberdade. — La Géographie. Paris. 1928.
639. *Stig Rydén*: Chaco (1932). — Göteborg. 1936.
640. *Alfred Métraux*: Mitos y Cuentos de los indios Chiriguano. — Rev. Mus. La Plata. XXXIII. Buenos Aires. 1931.
641. —— Observaciones sobre la psicología de los indios Chiriguano. — Buenos Aires. 1931.
642. *Stig Rydén*: På besök hos Toba-Indianerna. — Julstjanen. 1934.
643. —— Bland Tapiete-Indianer i El Gran Chaco. — Jorden Runt.
644. *C. G. Santeson*: Ein starkes Topf-Kurare von den Tucuna. — Acta Medica Scandinavica. LXXV. Stockholm. 1931.
645. *Gustaf Bolinder*: En etnologisk Forskningsfard i Norra Columbia (1914-1915). — Ymer. 1916.
646. *Otto Nordenskjöld*: Exploration chez les Indiens Campas. — Meddelanden fran Geografisk Föreninge i Göteborg. III. Göteborg. 1924.
647. *Erland Nordenskiöld*: Sind die Tapiete ein guaranisierter Chacostamm? — Globus. Braunschweig. 1910.
648. —— Von Chorotiindianerinnen modellierte Tier- und Menschenfiguren. — Ymer. Stockholm. 1910.

649. — Die Sirionó-Indianer. — Petermanns Mitteilungen. Gotha. 1911.
650. — Urnengräber und Mounds im bolivianischen Flachlande. — Baessler Archiv. Leipzig-Berlin. 1913.
651. — Die religiösen Vorstellungen der Itonama-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1915.
652. — The Guarani invasion of the Inca Empire in the XVI. century. — Geographical Review. 1917.
653. — Das Allerneueste von den Indianern in den Urwäldern Boliviens. — Der Erdball. Berlin-Lichterfelde. 1931.
654. — Meine Reise in Bolivien (1908-1909). — Globus. Braunschweig. 1910.
655. — The Ethnography of South America seen from Mojos. — Comparative ethnogr. Studies. III. Göteborg. 1924.
656. *Joseph de Castillo*: Relación de la Provincia de Mojos. — Docum. para la Hist. Geogr. de la República de Bolivia. I. La Paz. 1906.
657. *Pedro Marban*: Relacion de la Provincia de la Virgen del Pilar de Mojos. — Bol. Soc. Geogr. La Paz. 1898.
658. *Lorenzo Suarez de Figueroa*: Relacion de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra. — Relaciones geograficas de Indias. II. Madrid. 1885.
659. (*Ruy González Maldonado*): Relacion verdadera del asiento de la Santa Cruz de la Sierra (1574). — Relaciones geogr. de Indias. II. Madrid. 1885.
660. *P. Andrés Ortiz*: Em Annua de la Compañía de Jesus. Tucuman y Peru, 1596. — Relaciones geogr. de Indias. II. Madrid. 1885.
661. *Cipriano Baraza*: Em Lettres édifiantes et curieuses. X. Paris. 1732.
662. *Francisco Xavier Eder*: Descriptio Provinciae Moxitarum. — Budae. 1791.
663. *Francisco Diego Altamirano*: Historia de la mision de los Mojos. — La Paz. 1891.
664. *Felix Speiser*: Im Düster des brasilianischen Urwaldes (1824). Stuttgart. 1926.
665. *H. Hintermann*: Unter Indianern und Riesenschlangen. (1925). — Zürich-Leipzig. 1926.
666. *Max Schmidt*: Indianerstudien. (1900). — Berlin. 1905.
667. *Günter Tessmann*: Menschen ohne Gott. — Stuttgart. 1928.
668. *Luis Sabate*: Viaje de los padres misioneros del convento de Cuzco e las tribus salvajes de los Campas, Piros, Cunobos e Sipibos (1774). — Lima. 1777.
669. *Buenaventura Maeques*: Vocabulario de las idiomas indicas conocidas por Conibos y Panos ó Sipibos. — La Gaceta Científica. XIV. Lima. 1903.
670. *Walter Roth*: An inquiry into the animism and folk-lore of the Guiana Indians. — Bureau of American Ethnology. Washington. 1915.
671. — Addicional Studies of arts, craft, and customs of the Guiana Indians. — Bureau of American Ethnology. Bull. 91. Washington. 1929.
672. *Max Schmidt*: Ergebnisse meiner zweijährigen Reise in Mato-Grosso. Zeitschr. f. Ethn. LX. Berlin. 1928.
673. *Antonio Mordini*: Lo spartaque Guiano-brasiliano. — Boll. Soc. Geogr. Italiana. VIII. Roma. 1931.
674. *Stig Rydén*: Throwing-fork for magical use from the Toba-Indians. — London. 1933.
675. *R. Wegener*: Ostbolivianische Urwaldstämme.
676. *Rafael Karsten*: Indian tribes of the Argentine and Bolivian Chaco. — Helsingfors. 1932.
677. *Mario Briceno-Irajorry*: Procedencia y cultura de los Timote-Cuycas. — Anales de la Universidad Central de Venezuela. XVII. Caracas.
678. *C. H. de Goeje*: The Arawak language of Guyana. — Verhandl. Akad. van Wetenschappen te Amsterdam. XXVIII.
679. *George Williams*: Grammar, notes and vocabulary of the language of the Makushi-indians. — Anthropos-Verlag. Mödling.
680. *Walter Boye*: Das Yurupari-Fest der Tuyuka-Indianer. — Der Erdball. IV. Berlin.
681. *Mgr. Couturon*: Ces bons indiens Carayas. — Bulletin salésien. LI. Turin.
682. *Hermann Dengler*: Erklärung der Bilder zu dem Vortrag von — über die Kawahib-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. LIX. Berlin.
683. *Henri Giacone*: La pacification de la tribu des Baras. — Bulletin salésien. LIII. Turin.
684. *P. Felix Haidinger*: Unter den Sirionos-Indianern. — 12. Jahresbericht des Franziskan. Missionsvereins. Hall. 1928.
685. *P. Lambert Heitzinger*: Besuch der Sirionos-Indianer in San Pablo und Ascension. — 11. Jahresbericht des Franziskan. Missionsvereins. Hall. 1928.
686. *Mucio Paixão*: A tribo dos Goytacás. — Annaes Congr. Intern. Americanistas. Rio. 1928.
687. *Eduard Radwan*: Einiges über die Sirionós. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1928.
688. *Hans Richter*: Beobachtungen über die Lebensweise der Yurakare-Indianer. — Der Erdball. IV. Berlin. 1928.
689. *Sabar Sarasola*: La región de los Maskos. — Misiones Dominicanas del Perú. XI. Lima. 1929.
690. *P. Sinzig*: Die Tapirapé-Indianer. — Antoniusbote. XXXVIII. 1931.

691. *Ch. Strömer*: Die Indianermission am Cururu. — Die katholischen Missionen. LVI. Aachen. 1928.
692. —— Forschungen bei den Mundurukúindianern. — Forschungen und Fortschritt. VIII. Berlin. 1932.
693. *Günter Tessmann*: Die Indianer Nordost-Perús. — Veröffentlichungen der Harvey-Bassler-Stiftung. Friedrichau-Hamburg. 1930.
694. *H. H. Manizer*: Les Kaingang de São Paulo. — Intern. Congr. of Americanists. New York. 1930.
695. *Th. Pompeu Sobrinho*: Indios Merrime. — Rev. Trim. Ceará. XLV. Fortaleza. 1931.
696. *Vlademiro Kysela*: Tribu indígena Maccá. — Rev. Soc. Cientif. Paraguay. III. Asuncion. 1931.
697. *Th. Pompeu Sobrinho*: Merrime. Indios Canellas. — Fortaleza. 1930.
698. *P. Rivet*: Les derniers Charruas. — Rev. Soc. Amigos de la Arqueología. IV. Montevideo. 1930.
699. *Enrico A. Giglioli*: Due singularissime e rare trombe da guerra.
700. *George Salathé*: Les Indiens Karimé. — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1932.
701. *Robert Lehmann-Nitsche*: La Astronomia de los Mocovís. — Rev. Mus. La Plata. XXVII. Buenos Aires. 1923.
702. —— La Astronomia de los Mocovís. — Rev. Mus. La Plata. XXX. 1927. XXVIII. Buenos Aires.
703. —— La Astronomia de los Chiriguanos. — Rev. Mus. La Plata. XXVIII. Buenos Aires. 1924.
704. —— La Astronomia de los Vilelas. — Rev. Mus. La Plata. XXVIII. Buenos Aires. 1925.
705. —— La Astronomia de los Tobas — Rev. Mus. La Plata. XXVIII. Buenos Aires. 1925.
706. *Franz Müller*: Folkloristische Texte der Guaraní-Indianer. — Phönix. XIII. Buenos Aires. 1927.
707. *Antonio Tonelli*: Il nome dei vivi e dei defunti (aroe) presso gl'Indi Orari. — Festschrift P. W. Schmidt. Mödling.
708. —— La provenienza degli indi Bororo orientali. — Atti del X. Congr. Geogr. Italiano. V. Milano. 1927.
709. *Ermelino A. de Leão*: Subsidios para o estudo dos Kaingangues do Paraná. — Curityba. 1910.
710. *Theodor Booy*: Onder de Motilones. — Tijdschrift van het nederl. aarsdrijsk. Genootenschap. Leiden. XLIII. 1926.
711. —— Unter den Okainas Indianern. — Der Erdball. I. Berlin. 1926.
712. *Hermann Dengler*: Das Haarausreißen bei den Ticuna-Indianern. — Der Erdball. I. Berlin. 1927.
713. —— Eine Forschungsreise zu den Kawahib-Indianern. — Zeitschr. f. Ethn. LIX. Berlin. 1927.
714. *Traslado de 500 indios Malbalas* (1711). — Rev. Arch. Santiago del Estero. V. 1937.
715. *P. Rivet, P. Kok & C. Tastevin*: Nouvelle contribution à l'étude de la langue Makú. — Intern. Journ. of American Linguistics. New York. 1927.
716. *P. Rivet*: La famille linguistique Peba. — Journ. Soc. Américan. VIII. Paris. 1904.
717. *Frederico González Suárez*: Prehistoria ecuatoriana. — Quito. 1904.
718. *P. José Chantre y Herrera*: Historia de las Misiones de la Compañía de Jesús en el Marañón (1637-67). — Madrid. 1901.
719. *Edwin R. Heath*: Dialects of Bolivian Indians. — Kansa City Review of Science. VI. 1883.
720. *P. Rivet*: Sur quelques dialectes Pano peu connus. — Journ. Soc. Américan. VII. Paris. 1910.
721. *P. Nicolas Armentia*: Navegacion del Madre de Dios. — Biblioteca Boliviana de Geografía. I. La Paz. 1887.
722. *P. Rivet & C. Reinburg*: Les Indiens Marawan. — Journ. Soc. Améric. XIII. Paris. 1921.
723. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Saraveka. — Journ. Soc. Américan. X. Paris. 1913.
724. *Henrique Rocheraux*: E Sarare. — Cúcuta. 1914.
725. *Olegario Albarracín*: Terra adentro. — Bogotá. 1914.
726. *E. Uricoechea*: Gramática, vocabulario etc. de la lengua Chibcha. — Bibliothèque Linguistique Américaine. I. Paris. 1871.
727. *G. de Créqui-Montfort*: Les dialectes Pano de la Bolivie. — Museon. Louvain. 1913.
728. *Enrique S. Losa*: Tribu de los Arazaire. — Bol. Soc. Geogr. XIX. Lima. 1906.
729. *Erland Nordenskiöld*: Indianer und Weiße in Nordostbolivien. — Stuttgart. 1922.
730. ? ? : Los Salvajes de San Galbán. — Bol. Soc. Geogr. XI. Lima. 1902.
731. *G. de Créqui-Montfort & P. Rivet*: La langue Itonama. — Mémoires de la Société Linguistique de Paris. XIX/XX. Paris. 1916.
732. *P. Albert Kruse*: Bausteine zu einer praktischen Grammatik der Sprache der Mundurukúindianer. — Santarem. 1930.
733. *Curt Nimuendajú*: Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.
734. —— Vocabularios da Lingua geral do Brasil nos dialectos dos Manajé, Tembé e Turiwára. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.

735. —— Vokabular der Parirí-Sprache. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.
736. —— Vokabular und Sagen der Crengéz-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XLVI. Berlin. 1914.
737. —— Sagen der Tembé-Indianer. — Zeitschr. f. Ethn. XLVII. Berlin. 1915.
738. —— Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Šipáia-Indianer. — Anthropos. XVIII-XIX. Mödling. 1923-24.
739. —— Zur Sprache der Šipáia-Indianer. — Anthropos. XVIII-XIX. Mödling. 1923-1924.
740. *Curt Nimuendajú & E. H. do Valle Bentes:* Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazone. — Journ. Soc. Américan. XV. Paris. 1923.
741. *Curt Nimuendajú:* Os Indios Parintintin. — Journ. Soc. Américan. XVI. Paris. 1924.
742. —— As tribus do Alto Madeira. — Journ. Soc. Américan. XVIII. Paris. 1925.
743. —— Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn. — Göteborgs Kungl. Vetenskaps och Vitterhets Samhalles Handlanger. XXXI. Göteborg. 1926.
744. —— Streifzug zum Maracá. — Petermanns Mitt. Gotha. 1927.
745. —— Wortliste der Šipáia-Sprache. — Anthropos. XXIV. Mödling. 1929.
746. —— Streifzüge in Amazonien. — Ethnol. Anzeiger. II. Dresden. 1929.
747. —— Lingua Šerente. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
748. —— Zur Sprache der Maué-Indianer. — Journ. Soc. Américan. XXI. Paris. 1929.
749. —— Zur Sprache der Kuruáya-Indianer. — Journ. Soc. Américan. XXII. Paris. 1930.
750. —— Besuch bei den Tukuna-Indianern. — Ethnolog. Anzeiger. III. Dresden. 1930.
751. *Curt Nimuendajú:* Wortlisten aus Amazonien. — Journ. Soc. Américan. XXIV. Paris. 1932.
752. —— À propos des Indiens Kukura. — Journ. Soc. Américan. XXIV. Paris. 1932.
753. —— Idiomas indígenas del Brasil. — Rev. Inst. Etn. II. Tucuman. 1932.
754. —— Im Gebiet der Gê-Völker. — Anthropos. XXIV. Mödling. 1929.
755. —— Les migrations des tribu tupí-guaraní. — Lettre à A. Métraux. Journ. Soc. Américan. XX. Paris. 1928.
756. —— Vocabularios dos Šavantes de Campos Novos e dos Šavantes Opayé. — Em H. von Ihering: A Ethnographia do Brazil Meridional. — Actas Congr. Intern. American. Buenos Aires. 1912.
757. —— Mappa Ethnographico do Brazil Meridional. — Rev. Mus. Paulista. VII. São Paulo. 1911.
758. —— Die Tapajó. 1938. MS.
759. —— Die Ramkókamekra. 1938. MS.
760. —— Unveröffentlichte Sprachroben und grammatisches Material von 57 südamerikanischen Sprachen. MS.
761. —— Informações e observações inéditas.
762. —— Vokabulare der Timbira. — Zeitschr. f. Ethn. XLVII. Berlin. 1915.
763. *José Vieira Couto de Magalhães:* Região e Raças Selvagens. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVII. Rio. 1873. 2 partes.
764. *Basilio Magalhães:* Algumas notas sobre os Cherentes. Prefacio para Urbino Vianna: Akuen ou Xerente. — Rev. Inst. Hist. Geogr. CI. Rio. 1928.
765. *P. Hugo Mense:* Informações.
766. *Max Schmidt:* Ergebnisse einer zweiten Forschungsreise nach Mato Grosso. — Forschungen und Fortschritte. V. Berlin. 1929.
767. *Durval Vieira de Aguiar:* Descrição da Província da Bahia. — Bahia. 1888.
768. *Francisco Pierint:* Los Guarayos de Bolivia. — Anthropos. II. Mödling. 1908.
769. *Max Beschoren:* São Pedro do Rio Grande do Sul. — Petermanns Mitt. Gotha. 1899.
770. *P. Alfredo Pinto Dámaso:* O Serviço de Protecção aos Indios e a tribo dos indios Carajás. — Rio. 1931.
771. *Theodoro Sampaio:* O Valle do Rio Paranápanema. — Bol. Comm. Geogr. Geol. do Estado de São Paulo. IV. S. Paulo. 1890.
772. *P. Bartolomeo da Monza:* Massacro di Alto Alegre. — Milano. 1908.
773. *Francisco Vicente Vianna:* Memoria sobre o Estado da Bahia. — Bahia. 1893.
774. *J. Vellard:* Une mission scientifique au Paraguay (1931-33). — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.
775. *Čestmír Loukotka:* Nouvelle contribution à l'étude de la vie et du langage des Kaduveo. — Journ. Soc. Américan. XXV. Paris. 1933.
776. *Félix Outes:* Sobre las lenguas indígenas rioplatenses. — Rev. Universidad de Buenos Aires. XXIV. Buenos Aires. 1913.
777. *Milciades Alejo Vignati:* Los elementos étnicos del Noroeste Argentino. — Notas Preliminares del Mus. de La Plata. I. Buenos Aires. 1931.
778. *Ludwig Kersten:* Die Indianerstämme des Gran Chaco. Intern. Archiv. f. Ethn. XVII. Leiden.
779. *Leprieur:* Voyage dans la Guyane centrale. — Bull. Soc. Géographie. Paris. 2e série. I. 1834.
780. *D. L. S.:* Diccionaire galibi. — Paris. 1763.
781. *Antonio Serrano:* Los habitantes primitivos del territorio Argentino. — Buenos Aires. 1930.
782. —— Etnografía antigua de Santiago del Estero. Siglo XVI. — Bol. Inst. Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofía y Letras. XVII. 1934.

783. *Jules Crevaux*: Voyages dans l'Amérique du Sud. — Paris. 1883.
784. A. *Ernst*: Menschen und Pflanzen in der peruanischen Provinz Loreto (seg. Antonio Raimondi). — Globus. XXI. Braunschweig. 1872.
785. A. *Kahl*: Die Ranqueles-Indianer. — Globus. XXV. Braunschweig. 1874.
786. P. *Anton Huonder*: Die Völkergruppierung im Gran Chaco im XVIII. Jahrhundert. — Globus. Braunschweig. 1902.
787. *Vojtěch Frič*: Eine Pilcomayo-Reise in den Gran Chaco (1903-1904). — Globus. LXXXIX. Braunschweig. 1906.
788. —— Die unbekannten Stämme des Chaco Boreal. — Globus. XLVI. Braunschweig. 1909.
789. *Otto von Buchwald*: Zur Völkerkunde Südamerikas. — Globus. XLVI. Braunschweig. 1909.
790. *Hettner*: Die Kordillere von Bogotá. — Petermanns Mitt. Gotha. 1885.
791. *John C. Branner*: Notes upon a native Brazilian language. — Proceedings of the American Association for the Advancement of Science. Salem. N. Y. 1887.
792. *Geo. von Lengerke*: Palavras del dialecto de los indios del Opone. — Zeitschr. f. Ethn. Berlin. 1878.
793. *Juan Belaieff*: Los indios Sociagay. — Rev. Soc. Cient. del Paraguay. II. Asunción. 1930.
794. *Edmund Krug*: Os indios das margens do Paranapanema. — Inst. Hist. Geogr. XXI. S. Paulo. 1905.
795. *Silvio Fróes Abreu*: Na Terra das Palmeiras. — Rio. 1931.
796. *Heinrich Snethlage*: Unter nordostbrasiliäischen Indianern. — Zeitschr. f. Ethn. LXII. Berlin. 1930.
797. *Joannes de Laet*: Gviana siue Provinciae intra Rio de las Amazonas atque Rio Yvapari siue Orinoque. 1625. — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas. Paris. 1899.
798. *Walter Ralegh*: Carte de navigation (1618). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. VI. Atlas.
799. *Sr d'Anville*: Carte de la Guyane Françoise (1729). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. VI. Atlas.
800. *Jesuites Françaises*: Carte des — de la Guyane (1741). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. VI. Atlas.
801. *Pierre du Val*: Coste de Gvayane (1664). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas annexé à mémoire. Paris. 1899.
802. *C. H. de Goeje*: Bijdrage tot de Ethnographie der Surinaamsche Indianen. — Intern. Archiv f. Ethn. Suppl. zu Band XVII.
803. *Joaquim Camaño*: Carta del Gran Chaco e Paesi Confinanti. Delin. dal Sig. Ab. Gioacchino Camagno Dre Filof. della Nep. Cordse Università. — Em Samuel A. Lafone Quevedo: Las lenguas del tipo guaycurú y chiquito comparadas. — Rev. Mus. La Plata. XVI. Buenos Aires. 1910-1911.
804. *Felinto Alcino Braga Calvalcante*: Commission Brésilienne d'Exploration du Haut Araguary. — 1896.
805. *Fr. Nicolas Armentia*: Arte y Vocabulario de la lengua Tacana. Con introducción, notas y apéndice por Samuel A. Lafone Quevedo. — Rev. Mus. La Plata. X. Buenos Aires. 1902.
806. *Storm van's Gravesande*: Sketch map by Governor — — (1749). Ríos Essequibí et Demerary. — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.
807. *Edward Thompson*: The Coast of Guyana and the Inland Parts (1781). — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.
808. *F. de Pons*: Carte de la Capitainerie de Caracas (1805). — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.
809. *Phelipe de Santiago*: Report and Observations on the Navigation of the River Orinoco (1595). — Documents and Correspondence relating to the question of boundary between British Guiana and Venezuela. London. 1896.
810. *P. Nicolau Badariotti*: Exploração no Mato Grosso. — São Paulo. 1898.
811. *Frogers*: Carte du Gouvernement de Cayenne (1698). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas annexé au mémoire. Paris. 1899.
812. *Juan de la Cruz Caño y Olmedilla*: Mapa Geográfico de América Meridional (1775). — Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Atlas annexé au mémoire. Paris. 1899.
813. *Mapa Jesuitico* (1662). Em Rio Branco: Exposição que os E. U. do Brazil apresentam ao Presidente dos E. U. da America etc. New York. 1894.
814. *V. M. Petrullo*: Primitive peoples of Mato Grosso Brasil. — The Museum Journal. XXIII. Philadelphia. 1932.
815. *Herbert Baldus*: Ligeiras notas sobre os indios Tapirapés. — Rev. Archivo Municipal. XVI. S. Paulo. 1935.
816. *Guillaume Del'Isle*: Carte de la Terre Ferme du Perou, du Brésil et du Pays des Amazones. — Paris. 1703. — Mémoire contenant l'exposé des droits de la France dans la question des Frontières de la Guyane Française et du Brésil. Atlas. Paris.

817. *João Antonio da Cruz Diniz Pinheiro*: Relatório do Bacharel — — — — ouvidor que foi do Maranhão, composto em 1751. MS da Biblioteca Pública de Lisboa. Em Lucio de Azevedo: Os Jesuitas no Grão Pará. — Lisboa. 1901.
818. *Mappa Viceprovinciae Societatis Jesu Maragonii*. Anno MDCCCLIII. Em J. Lucio de Azevedo: Os Jesuitas no Grão Pará. Lisboa. 1901.
819. *Francisco Borges de Barros*: Bandeirantes e Sertanistas Bahianos. Bahia. 1920.
820. *J. B. Sá Oliveira*: Camacans. — Em Moreira Pinto: Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil. Rio. 1894.
821. *João da Silva Santos*: Carta ao Governador da Bahia. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVIII. Rio. 1907.
822. *P. Manoel da Nobrega*: Informações das terras do Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VI. Rio. 1865.
823. *Anonymo*: Enformação do Brazil, e suas Capitanias. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VI. Rio. 1865.
824. Assento tomado na relação da Bahia sobre a guerra aos indios selvagens. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. Rio. 1845.
825. *Domingos Alves Branco Moniz Barreto*: Plano sobre a civilização dos Indios do Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1856.
826. *Theophilo Benedicto Ottoni*: Noticia sobre os selvagens do Mucury. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXI. Rio. 1858.
827. *R. P. Francisco Sachino*: Historiae Societatis Jesu. MDCIL. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXVI. Rio. 1875.
828. *Francisco Teixeira de Moraes*: Relação historica e política dos tumultos que sucederam na cidade de São Luiz do Maranhão. Rev. Inst. Hist. Geogr. XL. Rio. 1877.
829. *G. M. Dyott*: Man hunting in the Jungle. Indianopolis.
830. *José Luiz Baptista*: Historia das entradas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial. Rio. 1915.
831. *Affonso A. de Fretas*: Distribuição geographica das tribus indigenas na época do descobrimento. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial. II. Rio. 1915.
832. *Victor Oppenheim*: Notas ethnographicas sobre os indígenas do Alto Juruá (Acre) e valle do Ucayali (Perú). — MS. 1935.
833. *Horace Banner*: On the trail of the Three Freds. — London.
834. *Fritz Krause*: Die Yarumá und Arawine-Indianer Zentralbrasiliens. — Baessler Archiv. XIX. Berlin. 1936.
835. *D. Fr. Sebastião Thomas*: Gorotirés. — Prelacia de Conceição do Araguaya.
836. *Felisbelo Freire*: Historia Territorial do Brasil. — Rio. 1906.
837. *Reinaldo Ottoni Porto*: Notas Historicas do Municipio de Theophilo Ottoni. Theophilo Ottoni. 1928.
838. *Herbert Baldus*: Ensaios de Ethnologia Brasileira. — Brasiliana. I. 101. S. Paulo-Rio-Recife. 1937.
839. — Ligeiras notas sobre duas tribus tupís. — Rev. Mus. Paulista. XX. S. Paulo. 1936.
840. *Heinrich Snethlage*: Nachrichten über die Pauserna-Guarayú, die Siriono am Rio Branco und die Bansimonianos in der Nähe der Serra de San Simon. — Zeitschr. f. Ethn. LX. Berlin. 1936.
841. — Indianerkulturen aus dem Grenzgebiet Bolivien-Brasilien. — Veröffentlichungen der Reichsstelle für den Unterrichtsfilm.
842. — Atiko-y. — Berlin.
843. *Antonio Serrano*: La Etnografía Antigua de Santiago del Estero. — Paraná. 1938.
844. *Hermano Ribeiro da Silva*: Nos sertões do Araguaya. — S. Paulo. 1936.
845. *Curt Nimuendajú*: Erkundungsreise zu den Grototire-Kayapó. 1939-1940. — MS.
846. — Einige Angaben über die Pau d'Arco-Horde der Nördlichen Kayapó. 1940. — MS.
847. — The Šerente. — Los Angeles. 1942.
848. — The Apinayé. — The Catholic University of America. Anthropological Series N. S. Washington. 1939.
849. — The Gamella Indians. — Primitive Man. X. N. 3 and 4. 1937.
850. *Curt Nimuendajú & Robert H. Lowie*: The Dual Organisation of the Ramkókamekra. — American Anthropologist. Vol. 39. 1937.
851. *Curt Nimuendajú*: Die Mašakari. 1939. — MS.
852. — Über die Botocudos. 1939. — MS.
853. — Das Ende des Otí-Stammes. 1911. — MS.
854. — Reise nach dem Içana und Uaupés. 1927. — MS!
855. *Gunnar Pira* — Belém: Informações.
856. *Vincenzo Petrullo*: The Yaruros of the Capanaparo River (1933-1934). — Smithson. Inst. Bur. American Ethn. Bull. 123. Washington. 1939.
857. *Cecilio Baez*: Historia Colonial del Paraguay y Rio de la Plata. — Asunción. 1928.
858. *Elpidio Mesquita*: Historia do Rio São Francisco. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial Vol. V. Rio. 1927.
859. *Gustaf Bolinder*: Ethnographical researches in Colombia. — Ethnos. I. Stockholm. 1936.
860. *João Braulino de Carvalho*: Macuchy. — Bol. Mus. Nacional. XII. Rio. 1936.
861. *Čestmír Loukotka*: A lingua dos Patachos. Rev. Arquivo Municipal LV. S. Paulo. 1939.

862. *P. Albert Kruse*: Über die Wanderungen der Mundurucú in Südamerika. — *Anthropos*. XXX. Mödling. 1935.
863. *Carlos Estevo de Oliveira*: A Ceramic de Santarem. Rev. Serv. Patrimonio Hist. Artist. Nacional. 3. Rio. 1939.
864. *Helen C. Palmatary*: Tapajó Pottery. — Ethnological Studies. 8. Göteborg. 1939.
865. *Antonio Serrano*: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.
866. *José Maria Blanco*: Historia documentada de la vida y gloriosa muerte de los Padres Roque Gonzales de la Cruz, Alonso Rodrigues y Juan de Castillos de la Concepción de Jesus, Martires del Caaró y Ijuhy. — Buenos Aires. 1929.
867. *Dufo Policarpo*: Informe sobre lo sucedido en la entrada que se hizo el año 1775 al castigo de los infieles. — Archivo General de Buenos Aires. II. Buenos Aires. 1870.
868. *P. Nicolas Henard* (1640): Mapa. — Em Antonio Serrano: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.
869. *D'Anville*: Mapa (1753). — Em Antonio Serrano: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.
870. —— Mapa (1748). — Em Antonio Serrano: Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.
871. *P. José Quiroga*: Mapa (1749). — Em Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay. — Paraná. 1936.
872. *John C. Branner*: Os Carnijós de Aguas Bellas. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo 94. Vol. 148. Rio. 1927.
873. *João Capistrano de Abreu*: Os Bacaerys. Rev. Brazileira. Serie III. Tomo III-IV. Rio. 1895.
874. *João Braulino de Carvalho*: Breve noticia sobre os indigenas que habitam a fronteira do Brazil com o Perú. — Bol. Mus. Nacional. VII. Rio. 1931.
875. *P. Samuel Fritz*: Diario da descida do — — — (1689) etc., e volta do mesmo padre (1691) etc. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXI. Rio. 1918.
876. *Robert Schomburgk*: Reisen in Guyana und am Orinoco (1835-1839). — Leipzig. 1841.
877. Subsídios para a historia de Goyaz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXIV. Rio. 1919.
878. *Herbert Baldus*: Informações.
879. *Hercules Florence*: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Traducçao do Visconde de Taunay. — São Paulo.
880. *José Francisco Tomaz*: Viagem feita por — — — pelos desconhecidos sertões de Guarapuava. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLIX. 2.
881. *Comissão Brasileira Demarcadora de Limites*. Primeira Divisão. Nas Fronteiras da Venezuela e Guaianas Britanicas, e Neerlandezas, de 1930 a 1940. Anais do IX. Congresso Brasileiro de Geografia.
882. *Schulz-Kampfhenkel*:
883. *Serviço de Protecção aos Indios*: Archivos da Inspectoría do Pará.
884. *José Garcia de Freitas*: Informações.
885. *Nunes Pereira*: Informações.
886. *Alfred Métraux*: The native tribes of eastern Bolivia and Western Mato Grosso. — Bureau of American Ethnology. Bull. 134. Washington. 1942.
887. *W. H. R. van Manen*: Die Erforschung von Surinam während des letzten Jahrzehntes. — Globus. XCV. Braunschweig. 1909.
888. *Fournerau*: Noticia em Globus. XLIII. Braunschweig. 1882.
889. *Diário da viagem do governador d. João Manoel de Meneses, do Pará a Goias*. — Rev. Inst. Hist. Geogr.
890. *Affonso de E. Taunay*: Ensaios de Historia Paulistana. — Anais do Mus. Paulista. X. S. Paulo. 1841.
891. *Antonio Serrano*: Los indios de la Pampa y de la Patagonia en los siglos XVI y XVII. — La Prensa. Buenos Aires. 24 de Diciembre de 1939.
892. —— Los primitivos habitantes de la Pampa ó Pampas-het. — La Prensa. Buenos Aires. 11 de Febrero de 1940.
893. —— Los Querandies. — La Prensa. Buenos Aires. 12 de Mayo de 1940.
894. *Rosário Farani Mansur Guérios*: Estudos sobre a lingua Kaingangue. — Curitiba. 1942.
895. *Alfred Métraux*: Études d'Ethnographie Toba-Pilagá (Gran Chaco). — Anthropos. XXXII. Mödling. 1937.
896. *Nunes Pereira*: Ensaio de Etnología Amazônica. — Cadernos Terra Imatura. 1940.
897. *Carlos Estevo de Oliveira*: O Ossuário da "Gruta do Padre" em Itaparica e algumas notícias sobre os remanescentes indigenas do Nordeste. — Bol. do Mus. Nacional. XIV-XVIII. Rio. 1943.
898. *Milciades A. Vignati*: Los Aborígenes de Cuyo. — Notas del Mus. de La Plata. V. Buenos Aires. 1940.
899. *Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha*: A terra, as coisas e o homem da Amazonia. — Rev. Inst. Hist. Pará. I. 1917. — III. 1920.
900. *Salvador Canals Frau*: Los aborígenes de la Pampa. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. II. 1941.
901. —— La lengua de los Huarpes de San Juan. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. II. 1941.
902. —— Algunos datos documentales sobre la primitiva San Luiz. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. IV. 1943.
903. *Frederico Schmidt — Belém*: Informações.

904. *Salvador Canals Frau*: Los aborígenes del Valle de Salta en el Siglo XVI. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. IV. 1943.
905. *Paul Fejos*: Ethnography of the Yagua. — New York 1943. Viking Fund Publications in Anthropology.
906. *Serafim Leite*: Historia da Companhia de Jesus no Brasil. I — IV. Lisboa. 1938-1943.
907. *Rodolfo Waehnelt*: Exploração da Província de Mato Grosso. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXVII. Rio. 1864. Parte 1.
908. *José Francisco Tomaz do Nascimento*: Viagem feita por — — — pelos desconhecidos sertões de Guarapuava. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XLIX. Parte 2. Rio. 1886.
909. *Julio Koslowski*: Algunos datos sobre los indios Bororós. — Rev. Mus. La Plata. VI. La Plata. 1895.
910. *Descrição Geographica, Historica e Política da Capitania das Minas Geraes*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXI. Rio. 1909.
911. *Alexandre Rodrigues Ferreira*: Planchas. — Museu Nacional. Rio.
812. —— Memoria. — Copia no Museu Nacional — Rio.
913. —— Noticia Historica da Ilha de Joannes 1783/84. — Copia no Museu Nacional.
914. *Paul Ehrenreich*: Reise auf dem Araguaya. — Verhandl. der Berliner Ges. f. Anthropol., Ethnol. und Urgeschichte. Berlin — 1888.
915. *P. João de Sotto Maior*: Diario da Jornada que fiz no Pacajá no anno de 1656. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXVII. Parte 2. Rio. 1916.
916. *J. Barboza*: Vocabulario Pauâte. — MS no Museu Nacional.
917. —— Vocabulario Jarú, Urupá, Uómo, Pacahás-novas. — MS no Museu Nacional.
918. —— Vocabulario Arikeme. — MS no Museu Nacional.
919. *Buell Quain*: Brief of Kraho Culture. — MS no Museu Nacional.
920. *J. Barboza*: Vocabularios Tagnani e Nêne-Navaité. — MS no Museu Nacional.
921. *Noticiario Maranhense* — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXI. Rio. 1918.
922. *Subsidios para a historia da Capitania de Goias*. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXIV. (1918). Rio. 1919.
923. *Agesilão de Carvalho Guilhon*: Croquis do Rio Aripuanã e affuentes. — MS.
924. *Basilio de Magalhães*: A conquista do Nordeste no seculo XVII. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXXXV. Rio. 1921.
925. *A. Ernst*: Über einige weniger bekannte Sprachen aus der Gegend des Meta und oberen Orinoco. — Zeitschr. f. Ethn. XXIII. Berlin 1891. (Vocabularios manuscripts de Firmino Toro, fallecido em Caracas, 1865).
926. (*Alexandre Rodrigues Ferreira?*): Viagem no Brazil. — Rev. Inst. Hist. Geogr. LXVII. Parte 1. Rio. 1906.
927. *P. Francisco Chagas*: Memoria sobre o descobrimento e colonisaçao de Guarapuava. — Rev. Inst. Hist. Geogr. III. 2. edição IV. 1863.
928. —— Noticia da Fundação e Princípios desta Aldea de São João de Queluz. — Rev. Inst. Hist. Geogr. V. 3. edição 1885.
929. *J. J. von Tschudi*: Reise nach Südamerika. — Leipzig. 1866. — Em Globus XI. Braunschweig. 1865.
930. *Luiz Tomaz Navarro*: Itinerario da viagem que fez por terra de Bahia a Rio de Janeiro. — Rev. Inst. Hist. Geogr. VII. 3. ed. Rio. 1931.
931. *Irinêo Joffily*: Notas sobre a Parahyba. — Rio. 1892.
932. *Diego Garcia*: Carta. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XV. 2. ed. Rio. 1888.
933. *José Joaquim Machado de Oliveira*: Notas, apontamentos e noticias para a historia da Província do Espírito Santo. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XIX. Rio. 1896.
934. *Christovão de Gouveia*: Summario das armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do Rio Parahyba. — Rev. Inst. Hist. Geogr. XXXV. Rio. 1873.
935. *E. Monoyer*: Les Indiens Guatos du Matto-Grosso. — Journ. Soc. Américan. II. Paris. 1905.
936. *Alexandre Rodrigues Ferreira*: Diario da Viagem Philosophica. Rev. Inst. Hist. Geogr. XLVIII. parte 1. Rio. 1885. — L. Parte 2. Rio. 1887. — LI. Parte 1. Rio. 1888.
937. *Jaguaribe Gomes de Mattos*: Carta Schematica do Estado do Matto Grosso e Regiões Circumvizinhas indicando os principaes serviços realizados sob a direcção do General Cândido Mariano da Silva Rondon 1890-1922. — Paris. 1926.
938. *C. Luiz Tenan*: Relatorio da segunda expedição á Tapajonia. 20 de Novembro de 1943. Pará. MS.
939. *J. M. da Silva Coutinho*: Relatorio sobre alguns logares da Província do Amazonas, especialmente o Rio Madeira. — Manaus. 1861.
940. *Nehring*: Süd-Cayapó. — Em Paul Ehrenreich: Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens. — Zeitschr. f. Ethn. XXVI. Berlin. 1914.
941. *Candido Mariano da Silva Rondon*: Informações.
942. *Lodewijk Schmidt*: Verslag van drie Reizes naar de Bovenlandsche Indianen. — Department Landbouoproefstation in Suriname. Bulletin N.º 58. November 1942.
943. *Comissão Brasileira Demarcadora de Limites*: Primeira Divisão: Territorio do Rio Branco. 1:1.000.000. Março 1944.

944. *Dionysio Evangelista de Castro Cerqueira*: Relatorio apresentado em 14 de Outubro de 1882.
945. *Pedro Taques de Almeida Paes Leme*: Nobilarchia Paulistana Historica e Genealogica. 2. ed. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Tomo especial. Vol. I. Rio. 1926.
946. *Documentos da Biblioteca Nacional*. Serie II. Vol. IV. — Serie III. Vol. V.
947. *Nelson Correa de Oliveira*: Campanha do Mariduú 1943-1944. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.
948. *Rubens Nelson Alves*: Relatorio da Expedição do Rio Mocajahí 1942-1943. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.
949. *Nelson Correa de Oliveira*: Relatorio do Rio Caratirimani 1940. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.
950. — Relatorio 1939-1940. — Comissão Demarcadora de Limites do Brasil. MS.
951. *La Haye*: Journal inédit du voyage du Sergeant — — de Cayenne aux chutes du Yari. 1728-29. Par le Baron Marc de Villier. — Journ. Soc. Américan. XII. Paris. 1921.
952. *Thomaz Falkner*: A Description of Patagonia and the adjoining Parts of South America. — Hereford. MDCCCLXXIV. — Universidad Nacional de La Plata. Biblioteca Centenaria. Buenos Aires. 1911.
953. *D. Alcuino Meyer O.S.B.*: Informações.
954. *D'Anville*: Dessin manuscript Mai 1745. — Frontières entre le Brésil et la Guiane Française. Atlas.
955. *Edward Thompson*: The Coast of Guyana from the Oronoko to the River of Amazons. MDCCCLXXXIII. (1781).
956. *Hamilton Rice*:
957. *Henri Coudreau*: Voyage au Yamundá (1898). — Paris. 1899.
958. *Joannes de Laet*: Novos Orbis seu Descriptionis Indiae Occidentales. Libri XVIII. Antwerp. 1633.
959. *James Williams*: The name 'Guiana'. — Journ. Soc. Américan. XV. 1923.
960. *William Curtis Farabee*: The Amazon Expedition of the University Museum — The Museum Journal. VII. N. 4. Philadelphia. 1916.
961. *A. Kappler*: Holländisch-Französische Expedition im Innern von Guiana. — Septbr bis Novbr 1861. — Petermanns Mitt. Gotha. 1862.
962. *Fr. Gesualdo Machetti*: Breve memoria della nuova Missione Francescana nel Norte del Brasil. — Milano. 1877. — Em Fr. Marcellino da Civezza: Saggio de Bibliografia Geografica Storica Etnografica Sanfrancescana. — 1879.
963. *Salvador Canals Frau*: El Grupo Huarpe-Comechingon. — Anales del Inst. de Etn. Americana. Universidad Nacional de Cuyo. V. 1944.
964. *P. Fr. Protasio Frikel*: Informações.
965. *H. Beuchat & P. Rivet*: La famille linguistique Zaparo. — Journ. Soc. Américan. V. Paris. 1908.
966. *P. Fernão Guerreiro*: Exerptos da obra Relação Annual dos Padres da Companhia de Jesus. Das Coisas do Brazil. — Em C. M. de Almeida: Memoria para a Historia do extinto Estado do Maranhão. Rio. 1874. II.
967. *P. Albert Kruse*: Viagem ao Maicurú. — "O Mariano". Santarem. 4 de Outubro de 1944.
968. *Jorge Marçgrave*: Historia Natural do Brazil. São Paulo. MCMXLII.
969. *Curt Nimuendajú*: Os Tukuna. — MS.
970. *Cornelio Schmidt*: Relatorio (1906). — Comm. Geogr. Geol. do Est. de S. Paulo. Exploração do Rio Paraná. — S. Paulo. 1907.
971. *Fr. Fidelis de Alviano*: Notas Etnográficas sobre os Ticunas do Alto Solimões. — Rev. Inst. Hist. Geogr. Vol. 180. Rio. 1943.
972. *Franz Keller-Leuzinger*: The Amazon and Madeira Rivers. — New York. 1874.
973. *Eduardo Galvão* — Museu Nacional — Rio: Informações.

ÍNDICE DE AUTORES *

- Abbeville, P. Claudio d': 2.
Abreu, João Capistrano de: 113, 873.
Acuña, P. Christovam d': 247.
Adam, Lucien: 52, 82, 434, 469.
Adrin, P.: 584.
Aguiar, Fausto Augusto de: 548.
Aires Cazal, Manoel: 270.
Aires Carneiro, João Roberto: 8.
Aires Maldonado, Cap. Miguel: 258.
Albisetti, Cezar: 9.
Albuquerque Lacerda, Adolfo de Barros Cavalcanti: 352, 353.
Alemany, Augustín: 50.
Alincourt, Luiz d': 245.
Almeida Pernambuco, Miguel José: 560.
Almeida Pinto, Antonio Rodrigues: 392.
Almeida Serra, Ricardo Franco de: 236, 627.
Altamirano, Francisco Diego: 663.
Alvarado, Lisandro: 147.
Alves, Rubens Nelson: 948.
Alviano, Fr. Fidelis de: 971.
Amaral, Angelo Thomaz de: 228.
Ambrosetti, Juan B.: 76, 77, 114, 115.
André, Eugène: 492.
Anville, Sr d': 799, 869, 870, 954.
Appun, Karl Ferdinand: 485.
Araujo Amazonas, Lourenço da Silva: 271.
Araujo Brusque, Francisco Carlos de: 554, 555.
Arcaya, Pedro M.: 300.
Armentia, P. Nicolas: 721, 805.
Ayres da Silva, Vicente: 399.
Azara, Félix de: 72.
Bach, J.: 179.
Badariotti, P. Nicolau: 810.
Baena, Manoel: 326, 327.
Baez, Cecilio: 857.
Balbi, Adrien: 35.
Baldrich, J. Amadeo: 106.
Baldus, Herbert: 611, 612, 613, 614, 615, 815, 838, 839, 878.
Banner, Horece: 833.
Baptista, José Luiz: 830.
Baraza, Cipriano: 661.
Barba Menezes, Luiz: 402.
Barboza, J.: 916, 917, 918, 920.
Barboza, J. da C.: 215.
Barboza Rodrigues, João: 286, 428, 529, 935.
Barlaeus, Gaspar: 6.
Baro, Rovlox: 7.
Barrington Brown, Charles: 486.
- Barros Vasconcellos, Benedicto: 407.
Bates, Henry Walter: 207.
Beck, Mathias: 412.
Belaieff, Juan: 793.
Berredo, Bernardo Pereira: 292.
Beschoren, Max: 769.
Beuchat, H.: 965.
Bezerra, Antonio: 379.
Biblioteca Nacional: 294.
Biet, Antoine: 274.
Blanco, José Maria: 866.
Boggiani, Guido: 108, 128, 133, 134, 442, 628, 629, 630.
Bolinder, Gustaf: 148, 645, 859.
Boman, Eric: 116, 117.
Booy, Theodor: 710, 711.
Borba, Telemaco M.: 78, 83, 475.
Borges de Barros, Francisco: 384, 819.
Boyé, Walter: 680.
Braga Cavalcanti, Felinto Alcino: 804.
Branner, John C.: 791, 872.
Braulino de Carvalho, João: 860, 874.
Braum, João Vasco Manoel de: 248.
Brazil, Raymundo: 28.
Brett, W. H.: 480.
Briceno-Irajorry, Mario: 677.
Brinton, Daniel G.: 209, 547.
Buache, L. C.: 508.
Buchwald, Otto von: 798.
Buscalioni, Luigi: 368.
- Cabral Camello, João Antonio: 231.
Caldas, José Antonio: 515.
Caldas, José Augusto: 514.
Camaño, Joaquim: 803.
Campana, Domenico del: 118.
Canals Frau, Salvador: 900, 901, 902, 904, 963.
Caño y Olmedilla, Juan de la Cruz: 812.
Cardim, Fernão: 64.
Cardús, José: 52.
Carneiro da Cunha, Manoel Clementino: 350, 351.
Carranza, Angel Justiniano: 109.
Carrasco, Francisco: 48.
Carrilho de Andrade, Pedro: 3.
Cartas Regias: 325, 394, 395.
Carvalho, Carlota: 362.
Carvalho, José: 479.
Carvalho Guilhon, Agesilao: 923.
Castro, Miguel João: 361.
Castro Cerqueira, Dionysio Evangelista de: 944.
Castilho Pinto, Cap. José: 258.

* Reprodução conforme o original do Autor

- Castillo, Joseph de: 656.
 Castelnau, Francis de: 45, 46.
 Cattunar, Hermann: 119.
 Catunda, J.: 385.
 Cezar, Livio: 478.
 Chaffanjon, J.: 465.
 Chagas, P. Francisco: 927.
 Chamberlain, Alexander Francis: 545.
 Chandless, W.: 58, 193, 200.
 Chantre y Herrera, P. José: 718.
 Charlevoix, Pedro Francisco Janes de: 621.
 Chomé, P. Ignace: 626.
 Church, George Earl: 208.
 Coelho, Jeronymo Francisco: 348.
 Colbacchini, Antonio: 9.
 Comingues, Juan: 132.
 Comissão Brasileira Demarcadora de Limites: 881, 943.
 Comissão de Engenheiros: 250.
 Conferencia de Limites Interestadoaes: 299.
 Correa de Miranda, Manoel Gomes: 346.
 Correa de Oliveira, Nelson: 947, 949, 950.
 Coryn, Alfredo: 130.
 Costa Siqueira, Joaquim da: 225.
 Coudreau, Henri: 10, 11, 29, 324, 433, 440, 957.
 Coudreau, Olga: 462, 481, 483.
 Couto de Magalhães, José Vieira: 359, 463, 763, 935.
 Couturon, Mgr.: 681.
 Créqui-Montfort, G. de: 137, 145, 151, 537, 723, 731.
 Crevaux, Jules: 458, 783.
 Cruz, Guilherme Francisco da: 556.
 Cruz, Laureano de La: 320.
 Cunha, P. João da: 393.
 Cunha, José Joaquim da: 549, 550.
 Cunha Junior, Domingos José da: 296.
 Cunha Mattos, Raymundo da: 377.
 Dámaso, P. Alfredo: 770.
 Debret, J. B.: 273.
 Dejour, Elisabeth: 597.
 Delgado, Eulogio: 54.
 Demersay, L. Alfred: 105.
 Dengler, Hermann: 682, 712, 713.
 Denis, Fernand: 265.
 Desgenettes, P.: 264.
 Dias Gusmão, Rui: 70.
 Dias Vieira, João Pedro: 347.
 Diniz Pinheiro, João Antonio da Cruz: 817.
 D. L. S.: 780.
 Dodt, Luiz Guilherme: 437.
 Domingues, José: 406.
 Dyott, G. M.: 829.
 Eder, Francisco Xavier: 662.
 Ehrenreich, Paul: 65, 66, 191, 198, 266, 267, 426, 431, 914.
 Elliot, João Henrique: 427.
 Ernst, A.: 494, 784, 925.
 Eschwege, W. C. von: 69.
 Estevão de Oliveira, Carlos: 610, 617, 618, 863, 897.
 Evreux, P. Ives d': 12.
 Ewerton Quadros, Francisco Raymundo: 404.
 Fabo, Fr. P.: 344.
 Falkner, Thomaz: 952.
 Farabee, William Curtis: 430.
 Fauque, P.: 340.
 Fernandes, Juan Patricio: 619.
 Fernandes, Pedro: 257.
 Ferreira, Aluizio: 154.
 Ferreira da Silva, Octavio Felix: 322.
 Ferreira Gomes, Vicente: 376.
 Ferreira Penna, Domingos Soares: 328, 332, 454.
 Ferreira Penna, Herculano: 342.
 Figueroa, Francisco de: 39.
 Figueroa, Lorenzo Suarez de: 658.
 Firmo Xavier, Joaquim: 500.
 Florence, Hercules: 879.
 Fonseca, João Severiano da: 452.
 Fontana, Luiz Jorge: 111.
 Forest, Jesse des: 335.
 Fournerau: 888.
 França, Antonio Thomé de: 361.
 Freire, Anibal: 543.
 Freire, Felisbelo: 836.
 Freitas, Affonso de: 831.
 Frescarolo, Fr. Vital de: 408.
 Frias Vasconcellos, Manoel de: 553.
 Frič, Vojtěch: 476, 583, 625, 787, 788.
 Frikel, P. Fr. Protasio: 964.
 Fritz, P. Samuel: 194, 875.
 Froes Abreu, Silvio: 795.
 Frogers: 811.
 Furtado, Francisco José: 349.
 Galvão, Eduardo: 973. no da: 356, 559.
 Gama Malcher, José da: 558.
 Garcia, Diego: 932.
 Garcia de Freitas, José: 574, 884.
 Gay, João Pedro: 439.
 Gensch, Hugo: 80, 81.
 Giacone, Héni: 683.
 Giglioli, Enrico H.: 699.
 Gilij, Felipe Salvadore: 448.
 Goeje, C. H. de: 495, 594, 607, 678, 802.
 Gomes Jardim, Ricardo José: 237.
 Gonçalves Tocantins, Antonio Manoel: 251.
 Göteborgs Museum: 601, 605, 606.
 Gouvea, Christovão da: 934.
 Gravesande, Storm van's: 806.
 Grubb, K. G.: 14.
 Grubb, W. Barbrook: 152.
 Grune y Thode, G.: 488.
 Guajará, Barão de: 331.
 Guérios, Rosário Farani Mansur: 894.
 Guerreiro, Fernão: 966.
 Gumilla, Joseph: 281.
 Haidinger, P. Felix: 684.
 Harcourt, Robert: 333.
 Hardenberg, W. E.: 170.
 Hartt, Carlos Frederico: 321.
 Hasemann, J. D.: 538.
 Hassel, Jorge von: 204.
 Heath, Edwin R.: 719.
 Heitzinger, P. Lambert: 685.
 Henard, P. Nicolas: 868.
 Hensel, Reinhold: 84.
 Henry, Jules: 608.
 Herckmann, Elias: 413.
 Heriarte, Mauricio de: 287.
 Herndon, Wm. Lewis: 210.
 Hervás, Lorenzo: 539.
 Hettner: 790.
 Hintermann, H.: 665.
 Hitte, Charles de la: 120.
 Hondius, Jodocus: 5.
 Horta Barboza, Nicolau Bueno: 164.

- Hübner, Georg: 468.
 Humboldt, Alexander de: 441.
 Hunt, Richard J.: 139, 153.
 Huonder, P. Anton: 786.
 Hurly, Jorge: 534.
 Ignace, Etienne: 32, 180, 425.
 Ihering, Hermann von: 67, 73, 79, 158, 474.
 Imperio do Brazil: 414.
 Im Thurn, Everard: 487.
 Isle, Guillaume del': 816.
 Jaboatam, Fr. Antonio de Santa Maria: 290.
 Jaguaribe Gomes de Mattos, F.: 937.
 Jésuites Françaises: 800.
 João Daniel, P.: 233.
 Joffily, Irineu: 931.
 Jolís, José: 624.
 Jomard, A.: 447.
 Jonge, Gedeon Morris de: 260.
 Kahl, A.: 785.
 Kappler, A.: 961.
 Karsten, Rafael: 142, 676.
 Katzer, Friedrich: 289.
 Keller-Leutzinger, Franz: 972.
 Kersten, Ludwig: 778.
 Kissenerth, Wilhelm: 15, 165, 278.
 Klettke, H.: 283.
 Knivet, Anthony: 85.
 Koch-Grünberg, Theodor: 37, 62, 101, 129, 181, 199, 211, 456, 489, 496, 501, 512, 595.
 Kock, P.: 163.
 Königswald, E. von: 86, 87.
 Koslowski, Julio: 909.
 Krause, Fritz: 16, 834.
 Krieg, Edmund: 794.
 Kruse, P. Albert: 732, 862, 967.
 Kunike, Hugo: 146.
 Kupfer, Dr.: 268.
 Kysela, Vlademiro: 696.
 Labre, Crl.: 192.
 Lacerda e Almeida, Francisco José de: 316.
 Laet, Joannes de: 17, 797, 958.
 Lafone Quevedo, Samuel A.: 104, 443, 444, 461, 470, 509.
 La Haye: 951.
 Lang, Herbert: 572.
 Lange, Algott: 166, 451.
 Leal, Oscar: 535, 536.
 Leão, Ermelino A. de: 709.
 Lehmann-Nitsche, Robert: 103, 136, 518, 568, 701, 702, 703, 704, 705.
 Leite, P. Serafim: 906.
 Lengerke, Geo. von: 792.
 Leprieur: 779.
 Leri, Jean de: 255.
 Lévy-Strauss, C.: 168, 303.
 Lima, P. Francisco Chagas: 927, 928.
 Linhares, Maximo: 187.
 Lista, Ramon: 472.
 Lister Maw, Henry: 531.
 Lombard, J.: 578.
 Lopes, Joaquim Francisco: 224.
 Lopes, Raimundo: 569.
 Loreto de Couto, Domingos de: 323.
 Losa, Henrique S.: 728.
 Lothrop, Samuel Kirkland: 511.
 Loukotka, Čestmír: 18, 33, 100, 582, 593, 775, 816.
 Lowe, F.: 405.
 Lowie, Robert H.: 850.
 Lozano, Pedro: 71, 620.
 Lucena Azevedo, Sebastião de: 336.
 Macedo Costa, D.: 25.
 Maçô, João Alberto: 205.
 Machado de Oliveira, José Joaquim: 219, 227, 246, 933.
 Machetti, Fr. Gesualdo: 962.
 Magalhães, Basílio: 138, 764.
 Magalhães Candavo, Pero de: 63.
 Magalhães Correa, A.: 424.
 Maia Gama, João da: 337.
 Maldonado, Ruy Gonçárez: 659.
 Mamiani, P. Luiz Vicente: 435.
 Manen, W. H. R. van: 887.
 Manizer, Henri Henrikowitch: 88, 694.
 Marban, Pedro: 449, 657.
 Marcgrave, Jorge: 968.
 Marcoy, Paul: 47.
 Marques, Buenaventura: 669.
 Marques, Cezar Augusto: 365.
 Martinez, Benigno: 74.
 Martius, Carl Friedr. Phil. von: 19, 30, 185.
 Massei: 521.
 Mathews, Edward D.: 315.
 Matos Arvelos, Martín: 497.
 Mayntzhusen, F. C.: 167.
 Mayr, Max: 633.
 Meerwarth, H.: 304.
 Melgaço, Barão de: 253.
 Melgarejo: 499.
 Mello, Antônio Epaminondas de: 354.
 Mello, Mario: 544, 616.
 Mello Moraes, A. J. de: 279.
 Mendes de Almeida, Cândido: 282, 390, 391, 436.
 Mendonça, Estevam de: 301.
 Mense, P. Hugo: 756.
 Mesquita, Elpidio: 858.
 Métraux, Alfred: 21, 36, 89, 90, 99, 112, 121, 382, 585, 586, 587, 588, 589, 599, 600, 603, 640, 641, 886, 895.
 Meyer, D. Alcuino: 953.
 Meyer, Hermann: 91, 277.
 Missão Rondon: 563.
 Missions Dominicaines: 575, 577.
 Mission Salesiane, nouvelle: 580.
 Moniz Barreto, Domingos Alves Branco: 825.
 Monteiro, Affonso: 471.
 Monteiro, Domingos Jacy: 311.
 Monteiro de Amaral, Claro: 262.
 Monteiro Baena, Antonio Ladislau: 276, 314, 398.
 Monteiro Noronha, P. José: 317.
 Monteiro Peixoto, Domingos: 308, 309, 310.
 Monterroyo Mascarenhas, Joseph Freire de: 220.
 Montolieu, M. F.: 498.
 Monza, P. Bartolomeo da: 772.
 Mora, Bartolomé de: 604.
 Moraes, Francisco Teixeira de: 828.
 Moraes, P. José de: 383.
 Moraes Torres, José Affonso de: 280.
 Mordini, Antonio: 693.
 Moreav, Pierre: 416.
 Moreira Pinto, Alfredo: 27.
 Moura, Pedro de: 418, 419.
 Moura, Ignacio Baptista de: 26.
 Müller, Franz: 706.
 Muriel, Domingos: 622.

- Nantes, P. Martim de: 20.
 Nascimento, José Francisco Tomaz de: 908.
 Navarro, Luiz Tomaz: 930.
 Nehring: 940.
 Nimuendajú, Curt: 733, 734, 735, 736, 737, 738,
 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747,
 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756,
 757, 758, 759, 760, 761, 762, 845, 846, 847,
 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 969.
 Nino, Barnardo de: 122.
 Nordenskiöld, Erland: 92, 123, 124, 125, 143, 162,
 169, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654,
 655, 729, 730.
 Nordenskjöld, Otto: 646.
 N. S. dos Prazeres, Fr. Francisco de: 403.
 Nobrega, Manoel da: 822.
 Noronha Torreão, Alberto: 254.
 Nunes Pereira: 885, 896.
 Nusser-Asport, Chr.: 59.
 Oliveira, Avellino Ignacio de: 420, 421.
 Oliveira, Feliciano de: 175.
 Oliveira Barboza, Francisco de: 234.
 Oliveira Bueno, José Ferreira de: 229.
 Oliveira Cezar, Felisberto de: 110.
 Oppenheim, Victoe: 832.
 Oramas, Luiz R.: 149, 182, 464.
 Orbigny, Alcide d': 269, 623.
 Ordinaire, Olivier: 213.
 Ortiguera, Torribio de: 38.
 Ortiz, P. Andrés: 660.
 Orton, James: 533.
 Ottoni, Theophilo Benedicto: 826.
 Ottoni Porto, Reinaldo: 546, 837.
 Ouriques, Jaques: 490.
 Outes, Felix: 126, 159, 776.
 Paixão, Mucio: 686.
 Palavecino, E.: 602.
 Palma Muniz, J. da: 363.
 Palmatary, Helen C.: 864.
 Patiño, Domingos: 473.
 Paula, José Maria de: 93.
 Pelleschi: 519.
 Peña, Enrique: 131.
 Pereira de Alencastre, José Martins: 364, 375.
 Pereira da Costa, F. A.: 386.
 Pereira do Lago, Antonio Bernardino: 374.
 Pereira do Rego, Jacinto: 357.
 Perret, Jaques: 598.
 Petersen, P.: 212.
 Petruzzo, V. M.: 814, 856.
 Pfaff: 502.
 Pierini, Francisco: 768.
 Pinto, Estevão: 417.
 Pinto da Fonseca, José: 397.
 Pira, Gunnar: 855.
 Pires de Campos, Antonio: 400.
 Ploetz, Hermann: 21.
 Pohl, Johann Emanuel: 366.
 Policarpo, Dufo: 867.
 Pollak, J. E. R.: 61.
 Pompeu Sobrinho, Th.: 695, 697.
 Pons, F. de: 808.
 Pöppig, Eduard: 259.
 Porte, Marcus: 516.
 Portillo, Pedro: 197.
 Prado, Francisco Rodrigues do: 214.
 Prefontaine, de: 508.
 Preuß, Konrad Theodor: 171, 504.
 Quain, Buell: 919.
 Quiroga, P. José: 871.
 Rabbi, Jacob: 422.
 Radin, Paul: 476.
 Radwan, Edward: 687.
 Raimondi, Antonio: 190, 202.
 Raleigh, Walter: 798.
 Ramirez, Luiz: 343.
 Ramos Ferreira, Custavo Adolfo: 355.
 Rego Barros, Sebastião do: 551, 552.
 Reich, Alfred: 49, 201.
 Reinburg, C.: 722.
 Remedi: 520.
 Renault, Victor: 517.
 Rengger, J. R.: 94.
 Requena, Francisco: 503.
 Ribeiro, Francisco de Paula: 369, 370, 371.
 Ribeiro Sampayo, Francisco Xavier: 241, 150.
 Ribeiro da Silva, Hermano: 844.
 Rice, Hamilton: 956.
 Richter, Hans: 688.
 Rivet, Paul: 22, 40, 41, 42, 43, 44, 137, 144, 145,
 151, 156, 157, 161, 506, 532, 537, 565, 567,
 698, 715, 720, 722, 723, 731.
 Robuchon, Eugenio: 172.
 Rocha, Joaquim: 505.
 Rocheraux, Henrique: 724.
 Rodrigues Carvalho, João Antonio: 396.
 Rodrigues Ferreira, Alexandre: 217, 911, 912, 913,
 926, 936.
 Rolim, D. Antonio: 235.
 Romano, Santiago: 119.
 Rondon, Cândido Mariano da Silva: 240, 475, 510,
 941.
 Rondon, Frederico: 415.
 Roquette-Pinto, E.: 155.
 Roth, Walter: 670, 671.
 Rubim, Francisco Alberto: 226.
 Rudolph, Bruno: 95.
 Rydén, Stig: 639, 642, 643, 674.
 Sabate, Luiz: 668.
 Sá e Benevides, Francisco Mario Corrêa de: 557.
 Sá Oliveira, J. B.: 820.
 Sacchini, P. Francisco: 827.
 Sagot, P.: 459.
 Saint-Adolphe, J. C. R. Milliet: 272.
 Saint-Hilaire, Auguste: 34, 297.
 Sala, P. Antonio Maria: 176.
 Sala, Gabriel: 55.
 Salas, Julio C.: 298.
 Salathé, George: 700.
 Saldanha, José de: 232.
 Salvador, Fr. Vicente de: 1.
 Sampaio, A. J. de: 424.
 Sampaio, Theodoro: 177, 771.
 Santeson, C. G.: 644.
 Santiago, Phelipe de: 809.
 São José, D. Frei João de: 221.
 Sarasola, Sabar: 689.
 Schmidel, Ulrich: 275.
 Schmidt, Frederico: 903.
 Schmidt, Lodewijk: 942.
 Schmidt, Max: 141, 183, 477, 666, 672, 766.
 Schomburgk, Richard: 454.
 Schomburgk, Robert: 455, 493, 876.
 Schuller, Rudolph R.: 135, 160, 294, 581.
 Schulz-Kampfhenkel: 882.
 Schulze-Friessnitz, Franz: 96

- Sebastião Thomaz, D. Fr.: 835.
 Segurado, Rufino Theotonio: 372.
 Serqueira e Silva, Ignacio Accioly: 238.
 Serrano, Antonio: 781, 782, 843, 865, 891, 892, 893.
 Serrano y Saenz, Manoel: 127.
 Serviço de Protecção aos Indios: 4, 883.
 • Silva, João Caetano da: 216.
 Silva Coutinho, J. M. da: 939.
 Silva Guimarães, José da: 360.
 Silva Reis, José Miranda: 306, 307.
 Silva Santos, João da: 821.
 Silva e Souza, Luiz Antonio da: 873.
 Simões da Silva, Antonio Carlos: 97, 423.
 Sinzig, P.: 690.
 Smith, W.: 405.
 Snethlage, Emilia: 184, 484, 632, 634, 635, 636.
 Snethlage, Heinrich: 543, 796, 840, 841, 842.
 Soares de Souza, Gabriel: 68.
 Socrates, Eduardo Artur: 450.
 Sombra, Luiz: 206.
 Sotero dos Reis, Francisco: 367.
 Soto Maior, P. João de: 915.
 Souhey, Robert: 284.
 Souza, André Fernandes de: 513.
 Souza, Antonio Pyreneus de: 150, 482, 530.
 Souza, Francisco Bernardino de: 285.
 Souza Albuquerque, Martinho de: 223.
 Souza Coutinho, D. Francisco de: 312.
 Souza Franco, Bernardo de: 295.
 Souza e Silva, Norberto de: 242.
 Souza Villa Real, Thomaz de: 222.
 Speiser, Felix: 664.
 Spix, Joh. Bapt. von: 185.
 Spruce, Richard: 491.
 Staden, Hans: 256.
 Steere, Joseph Beal: 60.
 Stegelmann, Felix: 201.
 Steinen, Karl von den: 23, 24, 186, 445, 631.
 Stiglich, Germán: 189.
 Stradelli, Ermano: 476.
 Strömer, P. C.: 562, 691, 692.
 Studart, Barão de: 380.
 Studart, Guilherme: 387, 388.
 Suárez, Frederico Gonçalvez: 717.
 Taggia, Fr. Rafael: 244.
 Taques de Almeida Paes Leme, Pedro: 945.
 Tastevin, P. Const.: 42, 44, 156, 203, 506, 570,
 571, 573, 575, 637, 638, 715.
 Taunay, Affonso d'Escragnolle: 890.
 Taunay, Alfredo d'Escragnolle: 98, 401.
 Tavares Lisbôa, Antonio Luiz: 409.
 Taverna-Acosta, B.: 140, 466.
 Techo, Nicolas del: 429.
 Teixeira, Pedro: 432.
 Tello, Julio: 57.
 Tenan, Luiz: 938.
 Tenreiro Aranha, Bento Figueiredo: 899.
 Tenreiro Aranha, João Baptista de Figueiredo: 341.
 Teschauer, P. C.: 178.
 Tessmann, Günter: 667, 693.
 Teza, E.: 541.
 Théberge, B.: 389.
 Thevet, André: 293.
 Thomaz, José Francisco: 880.
 Thompson, Edward: 807.
 Thouar, A.: 107.
 Tonelli, Antonio: 707, 708.
 Toro, Firmino: 925.
 Touchaux, Mauricio: 56.
 Tschudi, J. J. von: 929.
 Vagas Galindo, Enrique: 196.
 Val, Pierre du: 801.
 Val Floriano, Fr. Mansueto Barcaratta de: 174.
 Varnhagen, Francisco Adolfo: 239.
 Vasconcellos, Simão de: 291.
 Vasconcellos Galvão, Sebastião de: 438.
 Velasco, Juan de: 566.
 Velasco, Juan Lopes de: 334.
 Vellard, J.: 596, 609, 774.
 Vernaú, R.: 565.
 Vianna, Urbino: 378.
 Vieira, P. Antonio: 218, 330.
 Vieira de Aguiar, Durval: 767.
 Vignati, Milciades Alejo: 777, 898.
 Villanueva, Manuel Pablo: 188.
 Villavicencio, Manuel: 564.
 Viñaza, Conde de la: 329.
 Vogt, Fr.: 75.
 Wähnelt, Rodolfo: 907.
 Wallace, Alfred Russel: 446.
 Wegener, R.: 675.
 Weigel, Francisco Xavier: 195.
 Wells, James W.: 561.
 Whiffen, Thomas: 173.
 Wied-Neuwied, Maximilian Prinz zu: 31.
 Wiener, Charles: 51.
 Wikens de Mattos, João: 13, 305, 345, 358.
 Williams, George: 679.
 Williams, James: 579, 959.